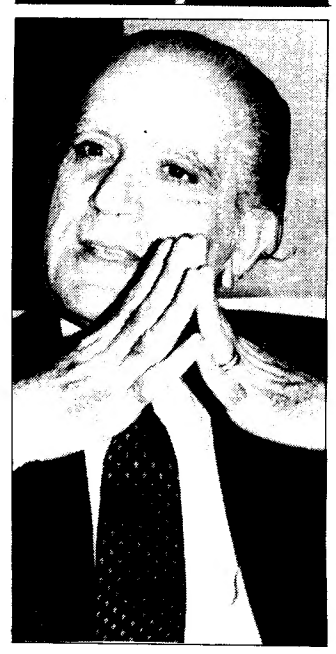
**CADA PORTUGUÊS DEVE 238 CONTOS AO ESTRANGEIRO** Pág. 14


# Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 446 Terça-feira, 25 de Agosto de 1987 Preço 45$00



## *"Render da guarda" no Parlamento*

## Vítor Crespo sucede hoje a Fernando Amaral

## *• Cavaco apresenta amanhã programa do novo Governo*

Pág. 5

### *Agricultores alarmados com prejuízos*

# POÇOS SECAM NO ALGARVE

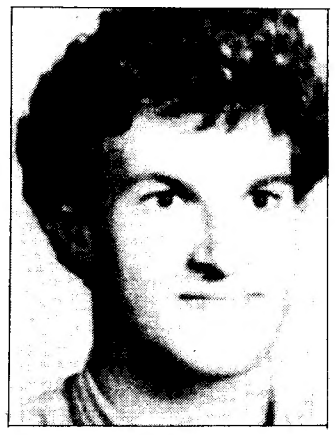
Pomares de citrinos e outras culturas estão a secar em consequência da falta de água que se faz sentir no Algarve, havendo mesmo informações de que muitos poços e furos estão a ficar completamente exaustos. A crónica falta de água para abastecimento das populações alarga-se este ano aos campos, o que questiona os dois principais sectores de actividade da região: o turismo e a agricultura. A situação é tanto mais grave quanto, por exemplo, ainda recentemente foi necessário fazer um furo de 370 metros para reforçar a rede de abastecimento de água a Tavira. Para os responsáveis, como de resto já se fala desde há anos, tem carácter de urgência a aplicação de medidas que imponham uma correcta gestão dos recursos hídricos da região, em contraponto à anarquia actual, em que cada interessado pode abrir o seu próprio furo ou poço.

Pág. 24

*Reprodução da primeira página do suplemento publicado por «The Wall Street Journal»*

## *Morte de Navalho resultou de "caso raro" de enfarte*

Um violento, e invulgar, enfarte de miocárdio foi, de acordo com o resultado da autópsia, a causa da morte do jovem futebolista Paulo Navalho, ocorrida no estádio da Tapadinha, no domingo, escassos minutos após o início do jogo entre o Atlético e o Al-Jazir. Sobre o assunto registamos os pareceres dos drs. José Sombreireiro (Instituto de Medicina Legal), João Paulo Almeida (Centro de Medicina Desportiva) e José Feio (médico do clube alcantarense). Pág. 15



## *Nove páginas de publicidade em "The Wall Street Journal"*

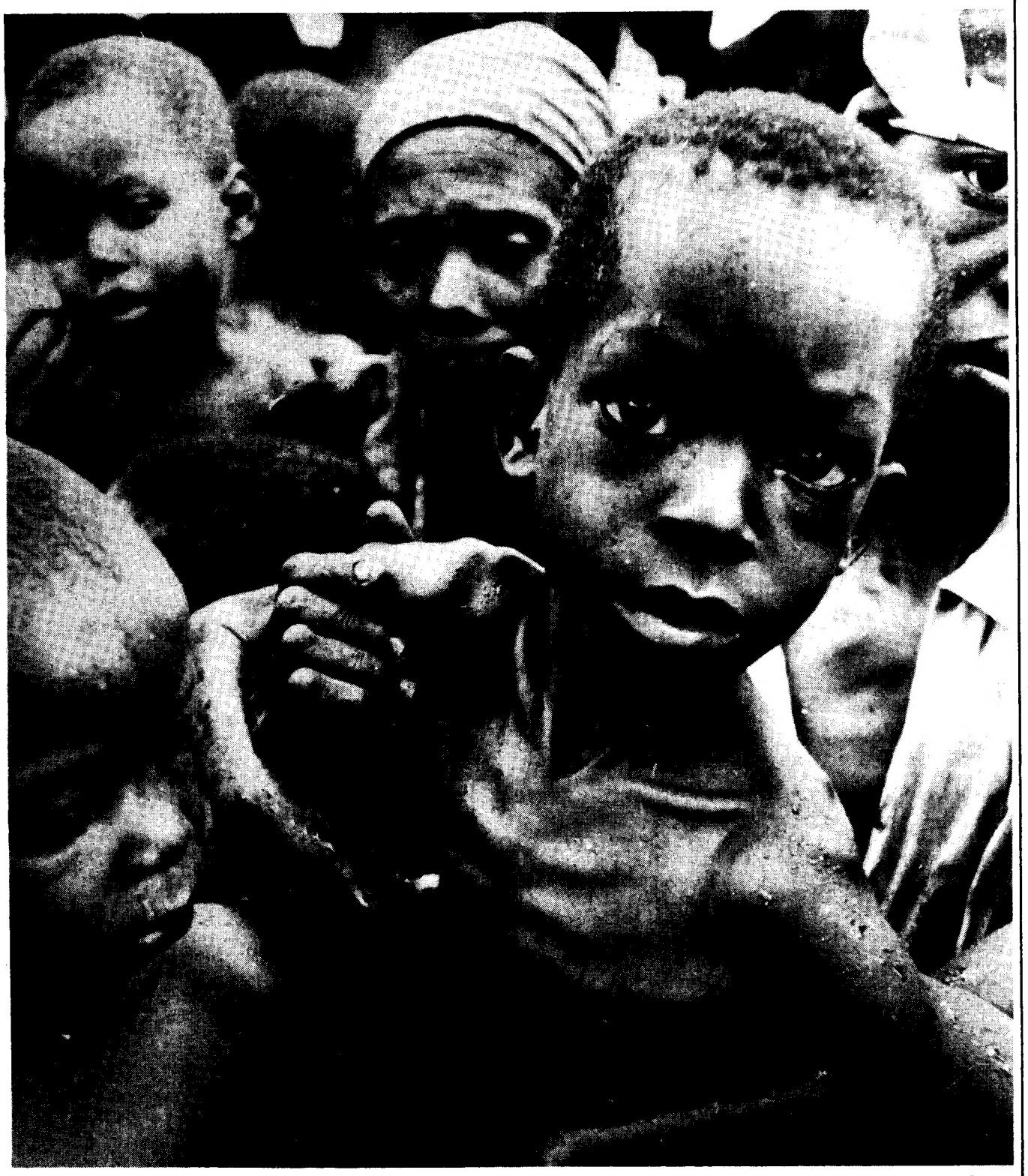
# URSS faz apelo ao investimento americano

Nove páginas de publicidade publicadas ontem em «The Wall Street Journal», marcam o mais dramático apelo da União Soviética no sentido da cooperação económica com o Ocidente, em especial com os Estados Unidos. Abrindo uma série de artigos em que se explicam os projectos económicos soviéticos e a nova política de abertura iniciada por Gorbatchev, o vice–ministro do Comércio Externo da URSS, V. Malkevich manifesta esperança em que «a publicação deste suplemento especial ajude os americanos a compreenderem melhor a economia soviética e as oportunidades ilimitadas de expansão do comércio URSS–EUA». Continua na pág. 4

## Demografia: o pânico do ano 2000

# V — A OPULÊNCIA TERÁ O SEU PRÓPRIO CAOS

Mario Hernandez Estevez
Exclusivo EFE/«DL»



**O Oriente, com a sua densidade estimada para o século XXI, é a ponta do icebergue do problema demográfico. Contudo, no mesmo Oriente faz-se questão na disparidade do rendimento «per capita», desemprego, controlo de natalidade e evolução industrial. No ano 2000, a Índia terá ultrapassado, em número de habitantes, a China dos mil milhões.**

Prosseguindo com o lento progresso do Terceiro Mundo iríamos igualmente parar à proporção inversa. Num sentido económico, o custo de uma criança no Terceiro Mundo — caso sobreviva até a adolescência — não tem qualquer comparação com o gasto de um bebé em qualquer zona do mundo rico.

Nos nossos dias, é escassa a hipótese de sobrevivência de uma criança nascida no Terceiro Mundo. Se conseguisse sobreviver até à infância, os cálculos de probabilidade de vida também não seriam risonhos, visto que durane a sua existência seria ameaçada com doças e miséria; talvez conseguisse chegar aos 45-50 anos de esperança média de vida, transformado num ser humano desgastado, acabando a sua passagem pelo mundo nalguma barraca dos arrabaldes das grandes cidades.

O aumento da natalidade, visto sob uma perspectiva de superpovoamento, é mais nítido no Oriente. Basta assinalar as hipóteses de sobrevivência de uma criança asiática, a qual, no melhor dos casos, conseguirá viver até aos 45 ou 50 anos já citados. A desproporção está bem visível, se compararmos o caso do Japão, one a esperança média de vida ronda os 77 anos.

Dentro do próprio Oriente as disparidades são mais agudas do que parecem à primeira vista. A enorme densidade populacional da China condiciona o seu lento desenvolvimento. Tailândia, Singapura, Coreia e Taiwan conseguiram alcançar um progresso económico industrial juntamente a um controlo de natalidade que fez decrescer a população e lhes poderá permitir uma vida melhor no século XXI.

O Paquistão, Índia e Bangladesh, zonas de maior condensação demográfica, são ainda as zonas mais desfavorecidas do mundo. Também não podemos ignorar a América pobre, a América Latina, onde as áreas miseráveis coexistem lado a lado com os ricos e todos poderosos EUA.

Porém, o caos prevalece na África, na zona circundante do deserto do Sara.

Quando chegar o século XXI, a maior ameaça será proveniente dos milhões de seres abandonados que habitarão nas grandes metrópoles da Índia, México, Brasil, etc.

A mesma opulência gerará o caos, porque se crê qe os países desenvolvidos não poderão escapar à sua quota parte do pânico que se avizinha, devido à dinâmica dos actuais factores de base. Ou seja: haverá mais pobres nos países ricos, implicando um agravamento dos conflitos sociais.

### Os conflitos futuros do mundo rico

É lógico que o futuro da demografia do pânico não seria tão tenebroso caso o mundo poderoso abandonasse a rivalidade entre os dois grandes blocos. Os peritos são optimistas quando apontam para um abrandamento da tensão. A utopia de um mundo menos feliz, menos faminto e menos demente baseia-se na eliminação do desperdício. São gastos anualmente milhões de dólares entre as zonas rivais do mundo poderoso apenas no sentido de intimidar a fracção oposta, revelando a sua capacidade de extermínio.

Nesse caso, nem ricos nem pobres poderiam fazer alguma coisa, deixando a resolução do problema económico nas mãos dos instintos dementes do homem. Sem contar com a catástrofe ecológica, crê-se que o confronto provocaria a morte de 1500 milhões de pessoas.

### Não há ouro para todos nos EUA

Se tomarmos os EUA com expoente do mundo rico — a URSS é hermética para a riqueza ou pobreza que não acarretem ameaça — não será necessário esperar até ao ano 2000. Não há ouro para todos nos EUA. O último censo realizado há alguns anos nos EUA registava oficialmente 35,5 milhões de norte-americanos pobres, ou seja, 15,2 por cento da população.

O aumento da pobreza cresce, só nos EUA, à razão de 868 000 pessoas por ano. Também é certo que um pobre declarado como tal não é equivalente em Calcutá ou no Illinois. Nos EUA, um agregado familiar de quatro pessoas é considerado pobre se o seu vencimento anual for inferior a 10 178 dólares (mil e quatrocentos contos). A referência em números é relativa; com esse orçamento, a mesma unidade familiar seria bastante rica no Bangladesh, em Moçambique ou no Paquistão. A comparação seria facilmente compreensível se se avaliasse o valor de um dólar em Nova Iorque e em Bombaim.

### Degradação crescente

Deixando de lado os conflitos económico-sociais surgidos posteriormente, por exemplo, a terrível dívida contraída pela América Latina ao Fundo Monetário Internacional em 1977 um estudo profundo realizado por pertos dos EUA, a pedido de Jimmy Carter, então na presidência, deixou bem claro o tipo de degradação que se avizinhava devido ao aumento populacional e à diminuição dos recursos naturais.

Apuraram-se diferenças abismais entre o rendimento «per capita» dos países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, bem como a diminuição dos recursos naturais a níveis gravíssimos — em termos de média mundial, havia então cerca de quatro décimas de hectar de terra cultivável por pessoa, calculando-se que, no ano 2000, se registem apenas cerca de duas décimas e meia de hectar por pessoa.

### Água, um tesouro líquido

No referido estudo já se salientava o tema da água, um conflito grave e que se agravará na primeira década do segundo milénio, mesmo considerando apenas as necessidades básicas originadas pela demografia do pânico. Nessa altura foi igualmente debatido o problema do controlo das 200 grandes fontes de água doce existentes em todo o mundo, um terço das quais compartilhadas apenas por dois países.

A súmula do problema demográfico é simples: a Humanidade não escapa à lei biológica da Natureza. Houve imprevidência por parte do homem no que diz respeito à sua descendência. Tensões ideológicas, avareza dos ricos, corrupção de governos, dinâmicas socais completamente alheias às realidades naturais disfarçaram os problemas sob uma capa de optimismo.

Assim, esses optimismos, estas e aquelas diferenças entre os muito ricos e os miseráveis conseguiram gerar os pânicos que já se avizinham.

# TARRAFAL DE SANTIAGO (2)

***contado por***
***Eugénio de Barros***

**6.** • Os presos só saíam para a Praia, a capital, no carro celular, para consultas. Quando eram muitos acompanhava-os um ou dois guardas. Em caso de internamento no hospital, com eles ficava um guarda. Em fins de 1936 o Campo teve o seu primeiro médico. Chamava-se Esmeraldo Pais Prata. Era tamanha a sua maldade, que arrecadava na enfermaria os medicamentos que os presos recebiam dos seus familiares, só lhos entregando quando lhe apetecesse.

— Era o carrasco do Campo! A sua fama era conhecida lá fora, sublinhou o ex-motorista.

Umà ou duas vezes tive — sublinhou ele — como único companheiro no carro celular Bento Gonçalves. Íamos comprar material para uma máquina que ele se propusera construir. Na Praia hospedávamo-nos na pensão de Nha Mana. Recusava-se a sair para passear e nem sequer ouvia o noticiário sobre a evolução da guerra: «Disto estou farto! Não quero comprometê-lo!» Eis como o caracterizou o ex-motorista:

— Era um homem muito fino e calmo, muito sério e estimado. Sobre os colegas, que o admiravam, tinha uma grande influência.

**7.** • Em 1963 revelou-me em Dacar um emigrante cabo-verdeano, que prestara serviço militar no Campo nos anos quarenta, um trágico episódio que custara a vida a um preso. Conseguira ele atravessar, de noite, o arame farpado, mas o infeliz acabou por ser avistado por um dos sentinelas: «Alto! Alto!». No silêncio da noite bradou: «Não me mate!». Mas partira já a bala certeira... O meu interlocutor corrigiu da seguinte maneira o relato do emigrante:

— Já tinham cessado as minhas funções de motorista. Informaram-me então na Praia do caso de um preso — um maluco! — que saíra a correr da camarata, em pleno dia, em direcção ao arame farpado. Tendo desobedecido às ordens da sentinela, foi friamente abatido. Um acto brutal e gratuito! Além desta, houve outras tentativas de fuga que porém não tiveram fim trágico. Lembro-me do caso do alfaiate Teixeira. Conseguira ele transpor com êxito a barreira — era noite — de arame farpado. Durante cinco dias errou pelo Tarrafal, Ribeira da Barca, Cidade Velha e Ponta da Água na Praia, onde se entregou finalmente às autoridades. Estava exausto, cheio de fome e esfarrapado... Uma ilha é uma prisão!

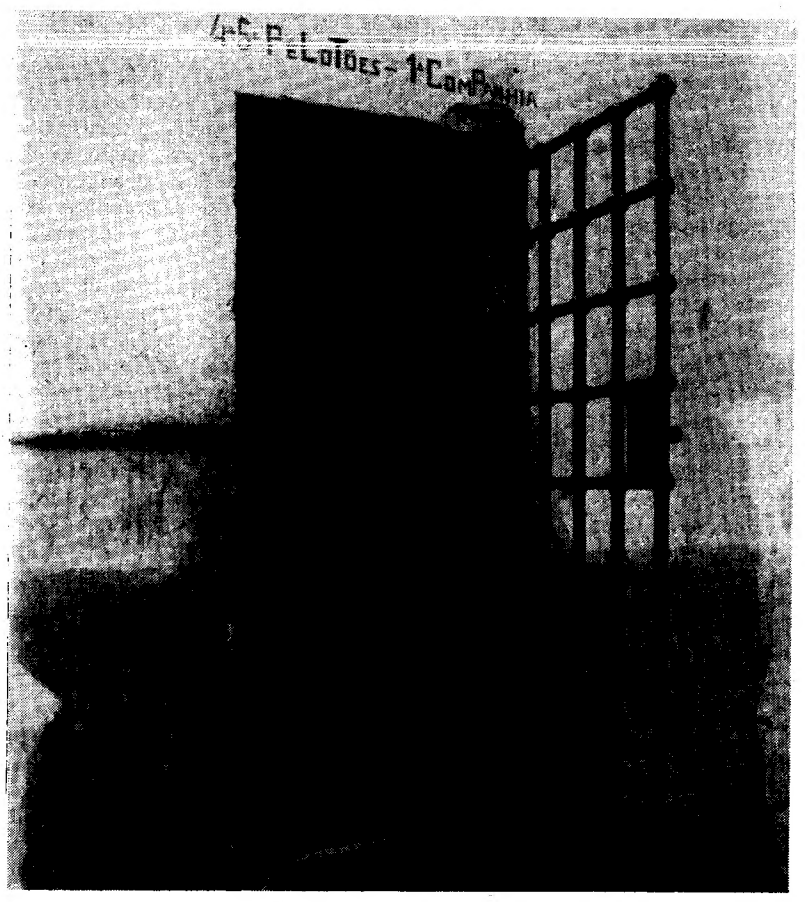
Os presos estavam submetidos ao regime de trabalho forçado e nessa situação edificaram os pavilhões, arrancavam e transportavam pedras, faziam paredes, enfim faziam toda a espécie de serviços. Pouco tempo lhes sobrava para se dedicarem livremente a tarefas do seu agrado. Apesar disso, puderam dar provas da sua criatividade. Antes de mais, organizaram um curso de explicações de que Bento Gonçalves e Álvaro Duque da Fonseca foram notáveis animadores. Este último era cabo-verdeano que se educara em Portugal onde se envolvera em política (²). Entre os alunos do curso evidenciou-se um preso que se chamava Rato: de analfabeto que era, ao fim de cinco anos dominava perfeitamente a alta Matemática.

Gostavam, é certo, de teatro, mas uma única vez lhes foi dada autorização para representarem uma peça. Lá dentro — concluiu o meu interlocutor — havia gente de muito valor!

**8.** • O Campo era insalubre e as tendas foram erguidas num local onde havia palhas, bichos diversos, mosquitos... E a humidade era elevada! Aos presos foram impostas condições anti-higiénicas, sub-humanas mesmo.

— O Campo fora aí localizado para matar!, sublinhou o meu interlocutor.

E era um foco de biriliose. A primeira das vítimas dessa doença formidável na época foi um guarda português. Comentando o facto, disse o director:



— Imagine que em vez de caírem esses «diabos» morre-me um guarda de confiança!

Era director do Campo Manuel Martins dos Reis. Chamavam-lhe porém os presos Manuel dos Arames. Para o pessoal civil, ele era o Malagueta. E o meu interlocutor exclamou:

— De facto era mauzinho!

Decorrido algum tempo sobre a morte do guarda, a biriliose voltou a ceifar mais uma vida. Desta feita, a vítima foi um preso. Visivelmente satisfeito, o Malagueta comentou:

— Até que enfim já começaram a cair!

Em Setembro de 1936 houve um grande vendaval que desmantelou e atirou para longe todas as tendas. Por vários dias, os presos ficaram ao relento e completamente nus. E a biriliose fez então muitas vítimas entre eles. Mesmo depois da construção dos pavilhões, morriam diariamente, às vezes, dois ou três presos. Com voz embargada, o ex-motorista repetiu:

— O Campo foi aí localizado para matar!

**9.** • Em Setembro de 1936 falhou um plano de evasão logo no início da sua execução pelos presos. Já estavam na vila, onde moravam, o comandante da companhia Numa Pompílio, o capitão Malagueta. Tinham ido à vila, em passeio, os oficiais subalternos e os sargentos. Dias antes havia seguido para Portugal o pelotão da GNR e a recém-chegada 11.ª Companhia angolana tomara já conta do Campo. O vapor «Guiné», sabiam-no os presos, chegaria à capital, vindo de Bissau, no dia seguinte de manhã. Assim, eles atacariam de surpresa o quartel do Campo e, dispondo dos quatro camiões, conduzi-los-iam para a Praia cujo quartel seria por sua vez assaltado. E na manhã do dia seguinte seria assaltado o vapor «Guiné»...

— E o Bento — indaguei — estava também envolvido nos acontecimentos?

— Já te disse que ele veio logo de início.

— Então... Foi ele quem organizou o plano?

— Ah, isso agora não sei.

Eram cerca das 21 horas quando se ouviram na vila rajadas de metralhadora. O capitão Malagueta entrou subitamente no quarto do motorista. Ofegante, disse-lhe:

— Eugénio, levanta-te! Para o Campo. Urgente!

Esperavam-nos junto ao carro outros militares. Ao chegarem perto das imediações do Campo, aproximou-se deles um grupo de militares com as armas apontadas para o motorista. Fez-se então ouvir uma voz vigorosa:

— Sou Numa Pompílio, o comandante da companhia! Mas os militares exigiram que se trocassem senhas, o que aconteceu.

**José Leitão**

*O dr. José André Leitão da Graça recolheu estes relatos de um antigo motorista do Campo de Concentração do Tarrafal de Santiago, o sr. Eugénio de Barros. A idade e a distância relativa aos factos referidos dão a estas lembranças as virtudes e as vicissitudes da memória. Mas, quaisquer que sejam as imprecisões factuais ou circunstânciais, no relato de Eugénio de Barros reconhece-se o «clima» daquele que foi o Campo da Morte Lenta.*

***O encontro Shultz-Shevardnadze em Washington***

# Uma oportunidade histórica que não podemos perder

Alice Nicolau

**O encontro do próximo mês de Setembro entre o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduardo Shevardnadze, poderá abrir as portas a uma nova «cimeira» EUA-URSS, da qual saia um acordo histórico sobre redução de armas nucleares na Europa e na Ásia.**

Embora não haja ainda razões para descrermos da realização do encontro Reagan-Gorbachev, multiplicam-se nos últimos dias os sinais de que a cimeira encontra francas resistências nos EUA.

Tanto na Imprensa como no Congresso, membros desta e de anteriores administrações, senadores e comentaristas, multiplicam-se em iniciativas e artigos tendentes a levantar dúvidas sobre a «utilidade» da cimeira, ou sobre a assinatura do acordo, que uns consideram prejudicial para os EUA, outros, lesivo da solidariedade atlântica e outros ainda suspeito porque não confiam nos «russo».

Esta campanha surge quase de um dia para o outro, logo a seguir a 28 de Julho, quando Reagan, em tom eufórico, declarou aceitar a «opção superzero global» e afirmou que estava criado o clima para a conclusão de um «acordo histórico» entre os EUA e a URSS.

Depois destas afirmações de Reagan, entrou-se numa situação de impasse a nível negocial. Os EUA, que a princípio desenvolveram grandes esforços de persuasão para levarem os seus aliados da NATO a darem o sim a este acordo, são agora os que colocam um travão inesperado à marcha das negociações.

O caso é singular. Quando, no dia 27 de Julho, Gorbachev anunciou, numa entrevista a um jornal indonésio, que a URSS eliminaria os 100 mísseis estacionados na parte asiática do seu território, parecia ter ficado claro que o último dos obstáculos ao bom êxito das negociações sobre mísseis nucleares na Eurpa havia desaparecido.

A reacção eufórica de Reagan a esta proposta confirmava as justificadas expectativas de todos.

Depois disto, parecia chegada a hora de EUA e URSS pela primeira vez «em 25 anos de conversações sobre controlo de armas levarem a cabo por mútuo acordo, reduções significativas e verificáveis de arsenais nucleares ofensivos» (palavras de George Shultz publicadas sobre o tão esperado acordo na revista «Time», do dia 18 de Maio de 1987, em resposta a objecções levantadas por Richard Nixon e Henry Kissinger).

Afinal surge agora uma aparente irredutibilidade de posições entre americanos e soviéticos, à volta das ogivas nucleares dos EUA que poderão dotar os 72 mísseis Pershing i A da República Federal da Alemanha.

Segundo Washington, trata-se de uma falsa questão levantada à última hora por Moscovo.

A verdade não é, lamentamos dizê-lo, essa.

Os mísseis Pershing 1 A, propriedade da RFA, pelo seu raio de alcance — mais de 600 quilómetros — são um sistema SRINF (forças nucleares intermédias de curto alcance).

Num documento oficial da Agência de Controlo e Desarmamento dos EUA, publicado no dia 24 de Abril, dizia-se: «desde o princípio das negociações sobre mísseis de alcance intermédio (INF) em 1981 que os EUA vêm insistindo em quaisquer acordo sobre esses vectores, terá de abranger os sistemas SRINF, porque estes, em muitos casos, podem executar as mesmas missões militares dos outros».

Nesse mesmo documento explicava-se que os EUA já não tinham quaisquer sistemas SRINF na Europa, enquanto a URSS dispunha de 100 SS-12 e se preparava para fazer desdobrar um número não explicitado de SS-23.

A URSS recusou-se sempre a aceitar a inclusão dos SRINF nas negociações, contrariando, portanto, esta posição dos EUA.

Mas em Abril deste ano, durante a visita de George Shultz a Moscovo, também esta exigência norte-americana acabou por ser aceita no Kremlin. Com uma condição: Moscovo desmantelaria os seus sistemas SS-12, renunciaria a desdobrar os SS-23, e em troca os EUA eliminariam os Pershing 1 A.

• Os EUA — e a República Federal da Alemanha — opõem-se a esta contramedida. Alegam que o que está em discussão são mísseis e não ogivas, e que os mísseis são alemães, isto é, pertencem a terceiros países, e nessa qualidade nunca foram objecto das negociações.

A verdade é que os mísseis se discutem por duas ordens de razões: pelo seu raio de acção e pela sua operacionalidade (isto é,

Continua na pág. 4

# URSS APELA AO INVESTIMENTO AMERICANO

Malkevich, que garante que «uma reestruturação radical da gestão económica» (da URSS) será feita «num período de dois ou três anos», destaca que o principal propósito desta publicidade num dos jornais mais conservadores dos Estados Unidos «é ajudar a implementar os contactos entre círculos empresariais dos dois países» que «promovam a reaproximação entre as duas nações».

Num outro artigo, não assinado e intitulado «70 Anos: muito ou pouco?», lê-se: «Olhando para o passado, vemos que nem tudo foi feito como desejariamos. Houve erros e fracassos que provocaram aspectos negativos no desenvolvimento da nossa sociedade. Esta a razão das profundas e sinceras transformações revolucionárias e que estão agora, uma vez, mais em curso. Transformações fundamentais estão a ser implementadas na economia, a par da democratização radical de todos os aspectos da sociedade. A União Soviética avança confiante no caminho da reestrutruração».

Por sua vez, Ivan Ivanov, vice-presidente da Comissão Estatal do Conselho de Ministros para o Comércio Externo, assina um artigo onde se explica porque a «perestroika» (reestruturação) facilita o estabelecimento de laços económicos com a URSS, começando por afirmar que embora o seu país mantenha relações comerciais com 145 nações, não está «totalmente satisfeito com a actual performance do seu comércio externo»: «Por várias razões, o crescimento do nosso comércio externo é diminuto e tem-se vindo a deteriorar», afirma.

Ivanov explica, depois, a nova legislação soviética sobre «joint venture», destacando que qualquer associado estrangeiro poderá deter 49 por cento do capital da empresa mista e que a propriedade estrangeira estabelecida na URSS gosará dos mesmos direitos de protecção que qualquer propriedade estatal, não podendo ser confiscada ou expropriada com base em decisões administrativas. Haverá ainda garantias de exportação de lucros em divisas fortes e da participação dos sócios estrangeiros na gestão das empresas. Para além disso, as empresas mistas escaparão ao plano estatal, dependendo a sua política de produção apenas das decisões dos seus gestores.

Dois anos de dispensa de pagamento de impostos e insenção do pagamento de direitos na importação de maquinaria, são outras das regalias concedidas, aliadas à possibilidade de quaisquer disputadas legais que possam surgirem virem a ser arbitradas por terceiros países. É ainda permitida a contratação de técnicos e trabalhadores estrangeiros, pagos de acordo com contratos individuais e com a garantia de que poderão enviar, para os países de origem, parte dos seus rendimentos.

Abel Aganbegyan, secretário do ramo económico da Academia de Ciências da URSS, classifica estas «drásticas transformações» como destinadas a «promover a eficiência» e acrescenta que as «reformas radicais do sistenma económico nacional se destinam a resolver as grandes tarefas da economia soviética até ao ano 2000».

## DL POLITICA

### Jornal de Champalimaud eloqia Cavaco e Eurico de Melo

Cavaco e Eurico de Melo são elogiados na última edição do semanário «O Mundo Português», editado no Brasil e propriedade de António Champalimaud. O Primeiro-Ministro é exaltado por ter «eliminado certas personalidades mais políticas» do anterior Governo enquanto que ao seu Vice, também titular da Defesa, e a quem Cavaco «deu mais força», salienta-se a circunstância de «cortar, sem complacência, o seu caminho através das hipocrisias dos políticos».

O referido semanário, fundado em 1948 e de orientação conservadora, considera, num editorial assinado pelo respectivo director, Manuel Gama, que Cavaco deu mais força a Eurico de Melo.

No mesmo artigo afirma-se que a entrada de Portugal na CEE fez aumentar o receio da influência espanhola através de uma «progressiva invasão económica», já iniciada com a actividade dos pesqueiros espanhóis nas águas lusas.

O mesmo jornal classifica de «grosseria imperdoável» a partida de Lisboa de Felipe González, aquando da sua última vinda a Portugal, censurando-o por não se ter despedido dos seus anfitriões.

O «Mundo Português», adquirido por Champalimaud já depois do 25 de Abril, destaca a vitória eleitoral de Cavaco e diz que o seu novo Governo é recebido com optimismo na comunidade luso-brasileira por ter eliminado as personalidades mais políticas «para as substituír por técnicos», e por ter dado mais força a Eurico de Melo.

# *Uma oportunidade histórica que não podemos perder*

Continuação da pág. 3

pelas suas munições, as suas ogivas).

No caso dos Pershing 1 A, mísseis alemães com capacidade para atingirem território soviético, poderão ser usados pelos EUA, em cujas mãos se encontram as respectivas ogivas.

Para efeitos práticos, são72 armas nucleares dos EUA estacionadas na fronteira do Tratado de Varsóvia que representariam uma superioridade norte-americana sobre os soviéticos, depois de estes retirarem o seu sistema idêntico.

**Uma questão importante**

A questão é muito importante, mais do que parece. Porque este precedente poderia constituir uma autêntica sabotagem 'a posteriori' de qualquer acordo superzero ou triplezero, feito entre os EUA e a URSS sobre a eliminação de armas nucleares de médio e curto alcance na Europa.

Embora o tratado de não proliferação de armas proíba que os EUA ou a URSS forneçam ogivas nucleares a terceiros países, o que se podia fazer depois do «histórico» acordo era muito simples. Países de ambos os blocos (NATO ou Tratado de Varsóvia) dotavam-se de mísseis próprios, e os EUA, num caso, a URSS, noutro, ficavam de posse de ogivas para armar os mísseis dos seus aliados.

Quer dizer que o zero alcançado por Reagan e Gorbacev poderia transformar-se num ovo letal carregado de mísseis e ogivas na Europa.

É pois compreensível que a URSS se mostre preocupada com a questão dos Pershing 1 A e não tenha dado até agora indícios de que vai ceder quanto a este ponto.

A insistênci dos EUA nesta questão é surpreendente. Depois do que aconteceu em Reiquiavique, parece que Washington não hesita, uma vez mais, em desiludir todos quantos, dentro e fora do maior país d mundo, anseiam por um princípio de eliminação de armas nucleares e pelo reinício de uma era de degelo.

Na carta que Shultz escreveu a Nixon e Kissinger e que citámos já neste artigo, explica o secretário de Estado que a Europa nada tem a recear do acordo com a URSS, em termos de segurança. E especifica: «a NATO manterá uma robusta força dissuasora. Mais de quatro mil armas nucleares ficarão ainda na Europa, em vectores aéreos capazes de retaliar nas profundidades do território soviético, nos mísseis que ainda restarem e na artilharia nuclear. Além disso, várias centenas de ogivas de mísseis balísticos lançados de submarinos ficariam à disposição do supremo comando da NATO. E assim, mesmo depois da eliminação dos mísseis intermédios de grande alcance (LRINF) poderíamos continuar a desencorajar um ataque soviético sem dependermos exclusivamente de sistemas estratégicos».

Quer isto dizer que os Pershing 1 A e as suas ogivas nada acrescentam à segurança da Europa, depois de um acordo. A sua manutenção significaria apenas que os EUA manteriam na Europa sistemas nucleares de que os soviéticos ficariam desprovidos.

A objecção dos EUA agora levantada assemelha-se ou a um pretexto para não assinar o acordo ou a uma tentativa de manter sobre a URSS uma margem de superioridade nuclear no Velho Continente.

Parce-nos que isto decorre sobretudo de uma concepção do mundo 'sui generis' que Washington vem prodigalizando por todo o Globo. É manifesto que círculos poderosos e influentes dos EUA ainda não perceberam o mundo em que vivemos e no qual capitalismo e socialismo enfrentam «um inimigo comum — 50 mil armas nucleares (25 mil de cada lado)».

A frase entre aspas é de Thomas J. Watson Jr., que foi embaixador dos EUA em Moscovo durante a Administração Carter. Em artigo transcrito no «Internacional Herald Tribune» de 1-2 do corrente, Watson recorda como há 45 anos os EUA e a URSS constuíram em conjunto a via férrea Alaska-Sibéria. E explica que as difíceis negociações sobre isso travadas entre americanos e soviéticos só tiveram êxito porque o inimigo comum, os nazis, se encontrava nesse momento apenas a 30 quilómetros do centro de Moscovo. O ex-embaixador lembra que americanos e soviéticos enfrentam hoje um inimigo comum, infinitamente mais poderoso e mais perigoso que os nazis — as tais 50 mil armas nucleares — pelo que este acordo é ainda mais instante que o outro, de há 45 anos.

Esta concepção aproxima-se bastante das ideias subjacentes à nova política de Gorbachev. O social-democrata britânico, Brian May, em artigo do «Monde Diplomatique» de Junho deste ano, considera que se assiste na URSS a uma nova interpretação da dialéctica da história.

Antes predominava a dialéctica da luta de classes. Hoje as coisas encaram-se de um prisma muito mais complexo. Segundo palavras de Gorbachev, «a contradição dialéctica agora é entre, por um lado, a confrontação dos dois sistemas, e, por outro lado, a tendência para a integração mundial».

Todos os dados da dialéctiva da história mudaram, segundo Gorbachev, com a emergência das armas nucleares. E assim, segundo ele, «é pela luta dos contrários que, dificilmente e em certa medida apalpando o terreno, se vai formando um mundo contraditório, mas, ao mesmo tempo, interdependente e de vários modos integrante».

Gorbachev tem do mundo a noção — expressa no seu discurso de 15 de Janeiro de 1986 — de que ou liquidamos as armas nucleares ou estas se encarregarão de exterminar capitalistas, comunistas e todos quantos vivem neste planeta.

É a partir desta noção o mundo de hoje professada na União Soviética que terão de ser entendidas as chamadas «propostas irrecusáveis» com que Gorbachev não pára de nos surprender.

Se noutra parte do mundo a ideia que se tem das armas nucleares é a de que estas são uma espécie de «faca de Rambo», é natural que surjam grandes dificuldades de entendimento entre uns e outros, face à ameaça de extermínio que uns entendem e outros parecem descurar.


†

**MARIA FERNANDA FIGUEIREDO CASQUEIRO**

**FALECEU**

A DIRECÇÃO DA CONFEDERAÇÃO DOS AGRICULTORES DE PORTUGAL participa o falecimento da mulher do seu Secretário-Geral, sr. José Manuel Rodrigues Casqueiro, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, antecedido de missa de corpo presente da Igreja do Santíssimo Milagre em Santarém para o cemitério de Rio Maior.

**Agência Martins, Telef. 55 75 28**

†

**MARIA FERNANDA FIGUEIREDO CASQUEIRO**

**FALECEU**

Os funcionários da Confederação dos Agricultores de Portugal participam o falecimento da mulher do seu Secretário-Geral, sr. José Manuel Rodrigues Casqueiro, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, antecedido de missa de corpo presente, da Igreja do Santíssimo Milagre em Santarém para o cemitério de Rio Maior.

**Agência Martins, Telef. 55 75 28**

†

**MARIA FERNANDA FIGUEIREDO CASQUEIRO**

**FALECEU**

JOSÉ MANUEL RODRIGUES CASQUEIRO, ANA CRISTINA FIGUEIREDO CASQUEIRO, pais, irmão e restante família, participam o falecimento da sua saudosa mulher, mãe, filha, irmã e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, antecedido, de missa de corpo presente da Igreja do Santíssimo Milagre em Santarém para o cemitério de Rio Maior.

**Agência Martins, Telef. 55 75 28**

*Cavaco Silva vai amanhã ao parlamento apresentar o programa do seu novo Governo*

***Para um debate sem grandes expectativas***

# CAVACO SILVA LEVA PROGRAMA À ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*«Render da guarda» em S.Bento: Vítor Crespo sucede hoje a Fernando Amaral*

**A conferência de líderes parlamentares, que se reuniu ontem no Palácio da Assembleia da República, marcou o debate do programa do XI Governo Constitucional para os dias 26, 27 e 28. Amanhã, às 10 horas, em sessão plenária, o primeiro-ministro, Cavaco Silva, fará a sua apresentação.**

O calendário foi acordado numa reunião efectuada entre representantes dos partidos com assento na Assembleia e o ministro dos Assuntos Parlamentares, António Capucho. De acordo com o Regimento, a sessão de amanhã será interrompida logo após as intervenções de deputados dos diversos grupos e das respostas do chefe do Executivo, devendo a mesma prosseguir na quinta-feira para terminar no dia seginte com a aprovação do programa do Governo.

Entretanto, a Assembleia da República irá eleger esta tarde, por voto secreto, o seu novo presidente. Conforme já foi noticiado, o candidato apresentado pelo PSD (o maior partido com assento na AR) será Vitor Crespo, o qual não terá quaisquer dificuldades em vencer a eleição, mesmo que a oposição - ou qualquer partido da oposição - venha a apresentar qualquer outra candidatura. Nesta eleição, marcada para as 17 horas, os deputados elegerão igualmente os membros da Mesa do Parlamento.

Às 15 horas, porém, deverá reunir-se o plenário para formalizar a composição da Comissão Permanente, cuja distribuição de deputados por partido foi também objecto dos trabalhos da reunião de ontem, dos representantes dos grupos parlamentares. Segundo ficou estabelecido, a Comissão Permanente reunir-se-á no período em que decorrer o escrutínio eleitoral para ultimar pormenores regimentais que não ficaram completamente esclarecidos na conferência de líderes, na qual o CDS se não fez representar.

### Partidos prescindem de tempo

Relativamente ao debate do programa do Governo, importa acrescentar que os representantes dos partidos prescindiram pela primeira vez da totalidade do tempo regimental a que tinham direito, circunstância que leva a adivinhar o tom pacífico em que as sessões irão decorrer.

Na reunião de ontem, os líderes parlamentares ainda abordaram a questão da reestruturação das comissões de especialidade, sem que se tivesse, no entanto, chegado a grandes conclusões. O PSD, que anunciara a intenção de acabar com a comissão da Condição Feminina, parece ter ponderado depois de o PS ter proposto a sua manutenção. Os socialistas, que defendem igualmente a criação de uma comissão para os assuntos europeus, propuseram a extinção da comissão de Administração Interna, sugerindo que as respectivas competências transitem para a dos Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias. Entretanto, parece ser dado como certo que a Justiça passará para a primaira comissão.

# Faleceu Mário Canotilho

Saíu esta tarde para o cemitério de Pinhel, o funeral de Mário Nascimento Canotilho, falecido na madrugada de ontem, em Coimbra, na sequência de duas operações cirúrgicas. Advogado, 65 anos, Mário Canotilho era membro da Comissão Distrital da Guarda do PCP, vereador da câmara de Pinhel e encabeçara a lista da CDU pelo distrito da Guarda nas legislativas de 19 de Julho último.

Militante destacado do PCP, Mário Canotilho teve participação activa antes do 25 de Abril nas acções da Oposição Democrática tendo, por via disso, sofrido a prisão às ordens da PIDE. Depois do 25 de Abril encabeçou sempre as listas patrocinadas pelo PCP, quer para as autárquicas, quer para as legislativas.

Como advogado, exerceu a sua acção nos concelhos de Pinhel(cidade onde nasceu e onde residia), Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida, Celorico da Beira, Sabugal e Guarda.

Em sinal de luto, a câmara municipal de Pinhel suspendeu as festas comemorativas do centenário da cidade e mandou colocar as bandeiras a meia haste. Mário Canotilho era irmão de Gomes Canotilho, professor da Faculdade de Direito de Coimbra e especialista em Direito Constitucional.

Colaborador de «o diário», Mário Canotilho publicou na edição do passado dia 21 daquele matutino o seu último artigo, intitulado «O culminar da «operação social-democracia». Aí manifesta, a propósito da «ventania eleitoral» de 19 de Julho, a sua convicção de que «...as tintas da cosmética social-democrata irão caír pouco a pouco, desnudando as rugas do capitalismo, com o seu cortejo de desempregados, com a instabilidade familiar e social cada vez maior, com o aumento acelerado da marginalidade sob todas as formas».

# PCP contra extinção da Comissão Feminina

A proposta do PSD de nova arrumação das comissões parlamentares e que prevê a eliminação da comissão da condição feminina na Assembleia da República, foi ontem criticada pelo Secretariado do CC do PCP que a considera «bem reveladora dos propósitos de governamentalização da Assembleia».

«Numa altura— diz a nota do PCP— em que se acentuam as descriminações em relação às mulheres no plano político, económico e social, que se agravam as suas condições de vida e de trabalho, nomeadamente no que se refere ao emprego e em que o Governo não cumpre nem faz cumprir legislação para a defesa dos direitos da mulher, o propósito de eliminar a comissão da condição feminina da Assembleia da República significa um grave retrocesso na acção tendente a defender os interesses das mulheres».

O mesmo orgão dirigente do PCP, lembra, a propósito, que o grupo parlamentar comunista esteve intimamente associado à iniciativa que levou à criação da referida comissão e considera que «não pode deixar de alertar as mulheres portuguesas para o grave significado do desaparecimento desta comissão da Assembleia da República, proposta pelo PSD em consonância com a formação do Governo Cavaco Silva».

*Incidente com arrastão espanhol no Guadiana*

# MNE CONSIDERA CORRECTA INTERVENÇÃO DA NOSSA MARINHA

● *Não se sabe se o Governo já deu explicações a Madrid*

**O Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal ainda não terá tomado posição sobre o pedido de explicações apresentado na sexta-feira em Lisboa, pelo embaixadopr de Espanha, Gabriel Ferran, acerca do incidente entre o barco-patrulha «Andorinha», da Marinha portuguesa, e um dos quatro barcos de arrasto que fainavam a sul de Monte Gordo, a menos de seis milhas da costa, na passada quarta-feira, dia 19. O MNE considerou entretanto correcta a actuação da Armada portugues neste caso, subitamenmte empolado do lado espanhol.**

A posição do MNE coincide com a assumida pelo Comando Marítimo do Sul, cujo responsável afirmou ontem ao «DL» que não houve quaisquer agressões e que tudo se passara normalmente, como impõe o acordo fronteiriço de pescas do Guadiana. O contra-almirante Lopes Cavalheiro, sublinhou que apenas foram disparados dois tiros de aviso alertando quatro barcos espanhóis de arrasto sobre o facto de estarem a fainar em águas portuguesas.

As autoridades portuguesas consideraram ontem que a lancha da Armada que esteve no centro dos acontecimentos, e é uma das quatro que fiscalizam a costa algarvia, actuou de acordo com a legislação em vigor ao abordar os quatro barcos que pescavam ilegalmente a sul da baía de Monte Gordo. Dos quatro pesqueiros faltosos, o mais próximo da costa, era na ocasião, o «Ciudad Lepe II», desiganação que homenageia uma das pequena cidades (Lepe) da área de Huelva.

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros (embaixador Brito e Cunha) recusou-se a confirmar se o Governo tinha respondido ao pedido de explicações sobre o incidente que o titular diplomático de Madrid em Lisboa — Gabriel Ferran — apresentou sexta-fira no Palácio das Necessidades, em nome do seu Governo. Uma fonte do Ministério das Relações Exteriores de Espanha, considerou em Madrid tratar-se de um «incidente isolado», mas adiantou que se mantinha o pedido de expicaçõesfeito ao Governo português. Segundo a mesma fonte é uma questão de princípio, sobretudo devido aos disparos que, a terem, sido efectuados não se justificam.

A mesma fonte vincou que quer o pesqueiro espanhol «Ciudad Lepe II», que está no centro da polémica, suscitada por este incidente na área do Guadiana, fainasse em águas portuguesas ou espanholas, os alegados disparos não se justificariam. O porta-voz da Marinha portuguesa esclareceu onem que, além dos arrastões espanhóis pescarem dentro das seis milhas, em águas territoriais portuguesas, faziam-no onde nem os próprios pesqueiros nacionais o podem fazer naquele tipo de faina: arrasto.

A despeito do acordo de pesca entre Portugal e Espanha, no quadro da CEE, e localmente, do acordo fronteiriço de pescas do Guadiana, os mestres dos barcos «Ciudad Lepe II» «Tio Pedra», «Mari Cármen y Ramona», os três que foram identificados, não cumpriam qualquer dos protocolos em vigor.

Há algum tempo — disse entretanto, a mesma fonte da Armada — que a fiscalização das águas territoriais portuguesas naquela zona tinha sido intensificada devido às queixas de pescadores da área Tavira Cacela, segundo os quais os arrastõees espanhóis têm vindo a destruir artes de pesca, deles, nomeadamente alcatruzes (para a captura do polvo), a pouca distância de terra.

Os armadores espanhóis de Huelva, designadamente os da Isla Cristina, ameaçaram, domingo bloquear a fronteira luso-espanhola do Guadiana se o Governo de Madrid, não se pronunciar sobre o incidente, inopinadamente empolado, no passado fim de semana, pelo patrão do «Ciudad Lepe II» e a Imprensa espanhola da região.

*"Urgência" era só para ver*

# Beleza fez surpresa ao banco de S. José

A ministra da Saúde, Leonor Beleza, visitou ontem de surpresa o Banco de Urgência do Hospital de S.José, em Lisboa, e constatou «uma absoluta normalidade daqueles serviços», segundo um porta-voz do Ministério da Saúde.

O secretário de Estado adjunto da ministra, Faria de Almeida, e o secretário de Estado da Administração da Saúde, Costa Freire, acompanharam Leonor Beleza na sua visita aos Serviços de Urgência do hospital.

O pessoal de enfermagem do Hospital de S.José tem vindo a queixar-se da «alta de pessoal e das condições de trabalho» naquele serviço.

Um enfermeiro em serviço no Hospital de S.José disse que «há dias em que doentes em estado grave chegam a cair das macas que se estendem pelos corredores«».

Salientou ainda que «muitos colegas enfermeiros foram trabalhar para o novo Hospital de S.Francisco Xavier, e não foram substituídos no Hospital de S.José».

Aquele membro da equipa de enfermagem pediu para não ser identificado.

# Sindicato dos Médicos do Centro contra punições no Lorvão

O Sindicato dos Médicos da Zona Centro (SMZC) assumiu uma posição de discordância das medidas disciplinares aplicadas a quatro médicos psiquiatras do Hospital do Lorvão, considerando-as eivadas de «parcialidade e dureza».

«Os médicos não são intocáveis», no entanto as sanções impostas a quatro du grupo de participantes num ensaio clínico «não pode merecer a nossa aprovação» — afirma o SMZC num comunicado.

O sindicato denuncia aquilo que lhe parece «ser não um acto disciplinador mas sim um acto que, explorado junto da opinião pública menos esclarecida, permita um campo de manobra necessário a uma mais fácil aceitação de medidas impopulares no terreno da saúde».

A pena de aposentação compulsiva de um dos quatro médicos, coordenador do ensaio clínico, é comparada, no comunicado à que caberia ao funcionário que «ofendesse os princípios consagrados na Constituição da República», ou a quem «contrariasse os superiores interesses do Estado em matéria de relações internacionais».

O comunicado sublinha que a opinião da Ordem dos Médicos é de que não houve quebras éticas ou deontológicas e apela ao Supremo Tribunal Administrativo para que «reponha a Justiça e atenue os prejuízos já sofridos pelos colegas».

*Por iniciativa dos Professores da Zona Norte*

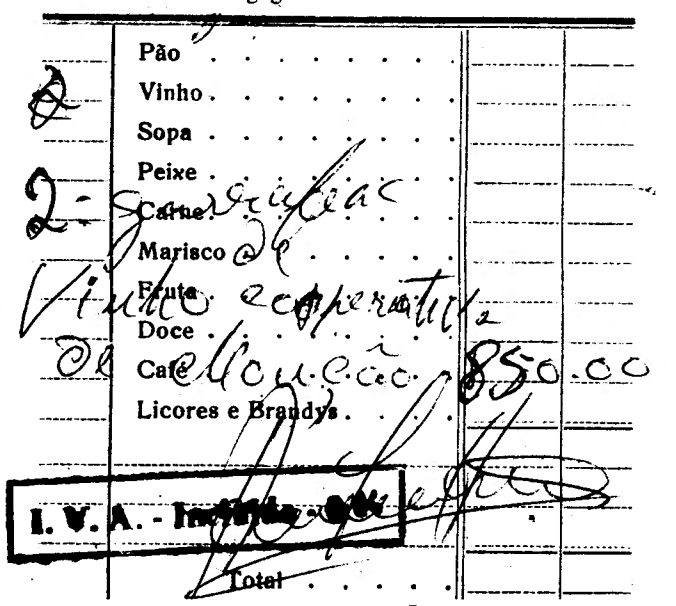
# "Setembro Pedagógico" tocando todos os graus de ensino

O Centro de Formação do Sindicato dos Professores da Zona Norte anunciou para Setembro ma série de acções que designou por «Setembro Pedagógico», abrangendo todos os graus de ensino daquela Região.

De acordo com o SPZN, a formação «continua a ser uma das melhores motivações para os professores.»

O «Setembro Pedagógico» pro-cessa-se de 7 a 18 daquele mês, abrangendo acções de pedagogia e didáctica das disciplinas e um seminário sobre o estatuto da carreira docente e de avaliação.

Este encontro é dirigido a todos os sectores de ensino do distrito do Porto e será orientado pelos professores Filipe Rocha, Licínia Lima, Luísa Alonso e Manuel Patrício.




# Uma "vergonha" para o vinho de Monção

Um nosso leitor, foi no passado domingo almoçar com a família a uma cervejaria localizada na Rua da Misericórdia. E ao que afirma «mais valia que o tivesse saído de casa» pois acabou «por sofrer um grande aborrecimento» quando ao ser-lhe apresentada a conta verificou, com espanto, que por duas garrafas de um vulgar vinho verde (tinto) da Adega Cooperativa de Monção (0,75l) lhe levaram 850$00, ou seja 425$00 por cada garrafa.

«Embora tenha pago — disse — não deixei de lavrar o meu mais do que veemente protesto, pois como sou natural de Monção, e sou bairrista, custou-me ver a forma como um vinho produzido com tanto amor e sacrifício, pelos meus conterrâneos estava a ser motivo de uma especulação tão desenfreada, levando ao seu descrédito no mercado, dado que as garrafas são facturadas à casa pelo revendedor, ou seja pelo representante, a 117$00 cada, valor que acrescido ao IVA fica em 126$40. Deste modo, e mesmo com um lucro máximo de 100 por cento, uma garrafa deste tipo de vinho não poderia ser comercializada por um preço superior a 225$80. Pelo que levarem, como me levaram, 425$00 por cada garrafa é uma autêntica vergonha. Para os produtores, que nada lucram com esta especulação, bem como para com os comerciantes honestos».

# 1987
## Política de rendimentos

## Inflação esperada

nos 12 meses seguintes
de cada trimestre de 1987

| 9% | 8% | **7%** | 6% |
|---|---|---|---|
| 1.º Trimestre de 1987 | 2.º Trimestre de 1987 | 3.º Trimestre de 1987 | 4.º Trimestre de 1987 |

**Acordos de Política de Rendimentos de 29.7.86 e 16.2.87, assinados no Conselho de Concertação Social**

**CONSELHO PERMANENTE DE CONCERTAÇÃO SOCIAL**

Em 16 de Fevereiro de 1987 o Conselho deliberou que:

1.º «Os referenciais da *inflação «esperada»*, a considerar nas negociações salariais cujos efeitos se produzam a partir dos III e IV trimestres de 1987, são fixados em: III trimestre — 7% IV trimestre — 6%»

2.º «Caso surjam *desvios significativos* da inflação *verificada* relativamente à *esperada*, recomendará:

a) Se a inflação vier a situar-se em valores superiores aos fixados como referenciais de inflação esperada, haverá lugar a uma correcção correspondente à perda salarial verificada — quando superior a 1% — correcção que se traduzirá numa revisão automática do salário convencional no valor correspondente ao desvio no fim do período de vigência, independentemente da revisão salarial seguinte.

b) Se o desvio for negativo e em valor absoluto superior a 1%, a correcção far-se-á na negociação salarial seguinte».

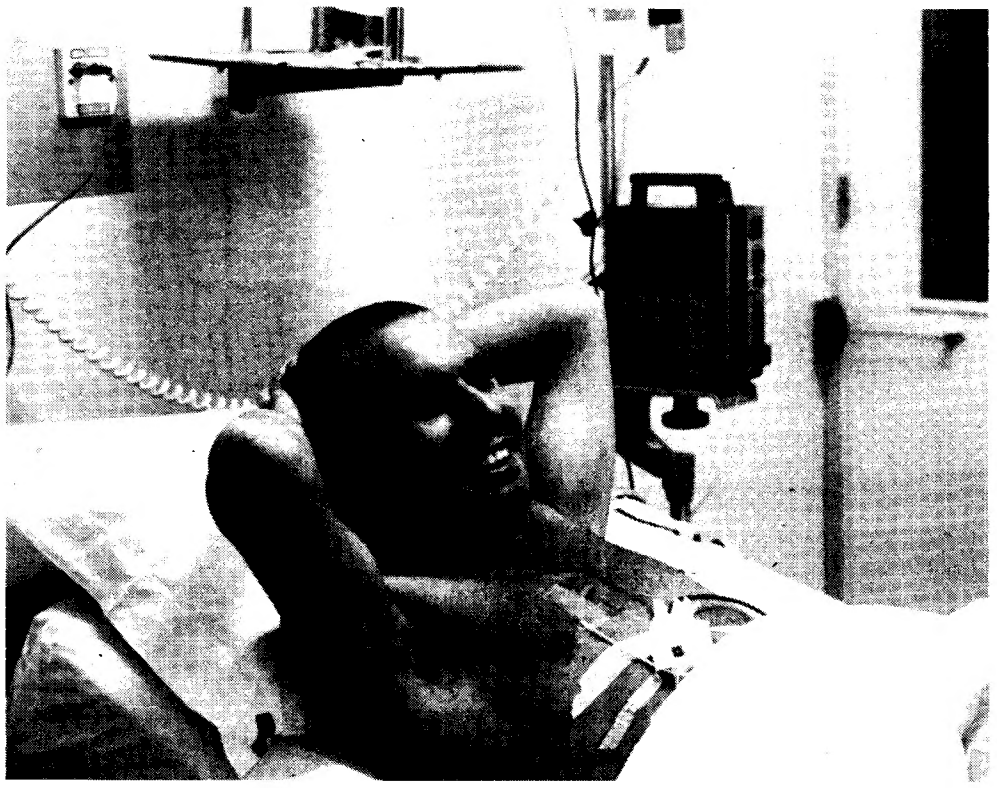
SNETM

*Um por mês a partir de Setembro*

# NOVO TRANSPLANTE DE MEDULA EFECTUADO NO IPO DE LISBOA

## *Número reduzido de filhos limita hipóteses de dadores*

**O jovem médico hematologista Manuel Abecassis prevê que a partir de Setembro se efectue um transplante por mês no Instituto Português de Oncologia, de Lisboa, onde ontem levou a cabo a segunda operação do género em Portugal. O homem ao qual ontem foi transplantada a medula é um agricultor do concelho de Pinhel, Guarda, de 26 anos. O dador foi um seu irmão, mais velho dois anos.**



Aquele hematologista afirmou, pouco depois do transplante, que o número cada vez mais reduzido de filhos em cada família limita as hipóteses de dadores de medula, já que é necessário a compatibilidade de antigénios.

Até agora, a medula colhida para transplante tem sido feita em irmãos dos pacientes, por se verificar uma maior compatibilidade de antigénios, o que é garante de maior sucesso.

A alternativa do futuro será a designada auto-transplantação, ou seja o tratamento em laboratório de um bocadilnho da própria medula do doente, que depois de «limpa» será novamente implantada.

Aliás — frisou o especialista — são estas duas alternativas as que têm maior probabilidade de sucesso.

A nível mundial já se fizeram cerca de 10 mil transplantes de medula óssea, mas os cientistas ainda estão preocupados quanto à elevada percentagem de insucesso (cerca de 40 por cento).

Em Portugal, o primeiro transplante num criança de seis anos fez o País acompanhar a Europa embora «na pontinha da cauda».

Manuel Abecassis referiu que em Portugal existe uma incidência anual de doenças com indicação para transplante na ordem de 150 a 200 doentes, principalmente afectados de leucemias agudas.

O hematologista fez a sua primeira intervenção nesta área da medicina em 1981, no hospital oncológico que tem a maior unidade de transplantes da Europa: o Royal Mazdam.

Aceite na Ordem dos Médicos inglesa, Manuel Abecassis trabalhou no hospital de Manchester ligado ao tratamento de leucemias e linfomas e foi em 1983, o obreiro da primeira unidade de transplantes de medula óssea em Marselha.

Em 1984 ingressou no Instituto Português de Oncologia, onde viu o seu projecto de transplantes aprovado com o apoio da Fundação Gulbenkian e Liga Portuguesa Contra o Cancro.

As primeiras experiências no domínio do transplante da medula óssea foram feitas após a II Guerra Mundial.

### Médica estagiária diagnostica doença

O primeiro transplante de medula efectuado em Portugal por Manuel Abecassis ocorreu em 28 de Maio deste ano, no corpo de um leucémico de 6 anos, Fernando Mateus, que também teve como dador um irmão e que continua a ser submetido a exames semanais no Instituto Português de Oncologia de Lisboa. Note-se que a consaguinidade do dador afasta, em princípio, os riscos de rejeição.

O segundo, que ontem decorreu no mesmo estabelecimento, não foi menos espectacular que o primeiro: Porfírio de Aguiar, o paciente, veio do Hospital de Coimbra, onde havia dado entrada por indicação de uma médica a estagiar na Guarda, que lhe diagnosticara a doença e o enviara para aquele hospital, onde se manteve até Abril — mês em que foi transferido para Lisboa.

Porfírio Aguiar, que é um dos três sócios de uma exploração agro-pecuária em Santa Eufémia — a freguesia de Pinhel onde reside — e tem um irmão domiciliado em Oeiras, para onde irá depois de ter alta do IPO, alimentou-se enquanto decorria a transplantação, ao fim da manhã de ontem.

O doente tem, segundo disse aquele hematologista de 36 anos, a uma tia do Porfírio, Lucinda de Jesus Aguiar, «60 por cento de hipóteses de ficar bom».

Como atrás se afirma, a leucemia foi-lhe diagnosticada por uma médica da Guarda, que o encaminhou para os Hospitais da Universidade de Coimbra, onde a seguir lhe foi sugerido um tratamento em França.

Todas estas diligências se viram «entravadas por inacreditáveis burocracias da Administração Regional de Saúde da Guarda», disse Lucinda de Aguiar, que decidiu depois avistar-se com Manuel Abecassis.

Após vários exames no Hospital de Santa Cruz, em Lisboa, o hematologista providenciou o internamento no IPO, onde o irmão do doente compareceu ontem de manhã a dar o fragmento de medula necessário ao transplante que se seguiria.

### "Capitão Roby" acusado de passar cheques "carecas"

Jorge Monteiro, conhecido na gíria criminal por «Capitão Roby», foi ontem presente ao juiz de Instrução Criminal de Setbal, como arguido num processo de emissão de cheques sem cobertura.

Detido há vários meses, como réu em processos de burla, Jorge Monteiro, que era acompanhado pela mulher, apresentou-se bem disposto e em boa forma física, tendo tomado um copo de café com leite e uma sanduíche na cela privativa do tribunal. Ouvido pelo magistrado recolheu depois à cadeia de Setúbal.

*Segundo acusa a Pró-Sindical*

# PSP da Figueira da Foz sem "condições de trabalho"

A Pró-Associação Sindical da PSP acusa o comandante da PSP da Figueira da Foz de «não privilegiar a via do diálogo com os seus subordinados», os quais prestam serviço em péssimas condições de trabalho, tal como os que para ali são destacados na época balnear, e com a «alimentação confeccionada sem as mínimas características dignas de um ser humano».

O comunicado da estrutura dirigida pelo 1.º comissário Joaquim Santinhos refere-se também aos agentes da PSP de S. João da Madeira que se queixam da inexistência «de uma rotatividade justa para os serviços de patrulha e remunerados». A Pró-Associação Sindical da PSP condena ainda que a cantina da PSP de Coimbra continue «maioritariamente ao serviço de elementos estranhos à instituição, com evidente prejuízo dos seus profissionais».

*Na barragem da Caniçada*

### Menina de 12 anos afogada e a irmã salva por alemão

Uma menina de 12 anos, Paula Cristina Frazão da Costa, residente nos arredores de Braga, morreu anteontem á tarde afogada na Barragem da Caniçada, na serra do Gerês. O acidente ocorreu quando Paula Cristina, acompanhada da sua irmã Isabel, de sete anos, estava nas margens da barragem, na localidade de Santão, e a terra abateu, precipitando ambas na corrente.

Isabel foi salva por um turista alemão que se encontrava no local, tendo sido em vão os seus esforços para salvar a Paula Cristina, cujo corpo ainda não foi encontrado.

FUNDO

ARTIGO DE

A

**Mário Castrim**

*Recebemos com o pedido de publicação a seguinte carta.*

**Excelentíssimo Senhor**

*Foi com um misto de espanto e indignação que li o seu artigo, sobre a antiga caravela recentemente construída.*
*Lamento que um jornal sério como o* **Diário de Lisboa** *dê guarida a tais escritos que pretendem ser humorísticos.*
*Porque é que o senhor não os manda antes para o* **Telejornal?**
*Graça assim, meu caro Senhor, nem de graça!*
*Você, afinal, mostra-se completamente alheado dos problemas da nossa Pátria, o que num jornalista de tanta fama é inadmissível. Não percebe que, ao falar da caravela, como se de um brinquedo se tratasse (e se fosse? Acaso um país, com tantos problemas, não tem o direito a uma brincadeirazita de vez em quando?) só mostra a ignorância.*
*Antes de mais nada, e embora o prof. Luís de Albuquerquee minimize o problema, parece não oferecer dúvidas de que, onde houver um Estado, há um segredo. Se não, para que serviam os mecanismos da contra-espionagem?*
*Acredito, pois, que na época dos descobrimentos, os portugueses defendessem ao máximo o seu interesse.*
*Que é que se pretende, hoje?*
*O meu caro senhor, não ignora os grandes problemas, que se pôem hoje às marinhas mercantes de todo o mundo. Particularmente a um país com tão fracos recursos como o nosso.*
*Por essas e por outras é que o nosso país se desfez dos seus barcos, mercantis. Cruelmente, realisticamente a sua erxistência já não se justificava. Construção caríssima, os materiais difíceis de obter, a manutenção pela hora da morte, o diabo a sete. Sem falar na mão-de-obra, altíssima, e ainda por cima organizada em sindicatos! Onde é que isso ia a parar?*
*De modo que se pensou que a actualização das caravelas poderia contribuir para resolver o nosso problema: barcos bem dimensionados, grande poupança de energia, mão-de-obra reduzida e sujeita a tudo, está a topar?*
*Para que a experiência não levantasse suspeitas é que surgiu esta «brincadeira» da Caravela.*
*Quando os outros países derem por isso, onde é que nós já estamos!*
*Está a perceber agora? Todos nós temos o dever de guardar esse segredo, e por isso lhe peço a publicação desta carta.*
*Portugal não pode parar, meu caro senhor. Lembre-se disto quando se quiser armar em engraçadinho...*

*A morte do forcado Palhão*

# AUTOR DOS DISPAROS ESTARIA SOB EFEITO DE ÁLCOOL E DROGA

**Excesso de álcool e de haxixe, poderão ter estado na origem do crime que na madrugada de domingo em Setúbal vitimou mortalmente o forcado Palhão, abatido com dois tiros de pistola 6,35 milímetros à porta do «cabaret» onde trabalhava como porteiro, revelou ao «DL» o proprietário daquele recinto nocturno.**

Manuel Carvalho, proprietário do «cabaret» onde a vítima trabalhava há sete anos, disse à nossa reportagem que tudo começou cerca das 2 horas e 5 minutos quando um grupo de seis homens chegou ao local onde, menos de mia hora, depois, um deles, pescador de profissão e detido pela Polícia no dia seguinte com a prisão confirmada pelo Tribunal de Setúbal, assassinaria o forcado.

«Tudo aconteceu em menos de meia hora, pois às duas e cinco quando saí da «boîte» para ir ter com um amigo vi-os chegaar e um deles falou comigo. Às 2 e 30 quando regressei já o Palhão tinha sido morto» — disse Manuel de Carvalho.

O proprietário do «cabaret», adiantou que o facto de o presumível assassino ter falado com ele à porta do estabelecimento fez com que a sua detenção fosse rápida.

«Quando eu ia a sair, um dos meus empregados viu-me falar com o homem suspeito de matar o Palhão e por isso foi fácil indicá-lo à Polícia», adiantou Manuel Carvalho que, baseado na versão de colaboradores seus, conta como o incidente se terá passado.

«Pouco depois de terem entrado na minha casa e bebido cervejas iam a sair quando lhes foi apresentada a conta, tendo o empregado sido empurrado. A discussão terá começado aí, apesar de o Vítor ter dito que ia ao carro buscar o dinheiro», acrescentou adiantando:

«Nessa altura o Palhão terá impedido que um deles saísse, enquanto o Vítor Manuel Jorge dos Santos, residente no Poceirão, não voltasse com o dinheiro para pagar a conta, envolvendo-se provavelmente ambos em discussão».

Inesperadamente, e ainda segundo Manuel Carvalho, o presumível assassino, já com o porteiro fora do estabelecimento, apareceu mas em vez da carteira trazia uma pistola, com a qual terá desferido três tiros que atingiram o Palhão, um deles apenas de raspão.

Manuel Carvalho, apesar de algumas versões em contrário, que circulam em certos meios de Setúbal, não acredita que o crime possa estar relacionado com o caso de contrabando de «haxixe» em que se viu envolvido há tempos e no qual colaborou com a Polícia, denunciando três homens que viriam a ser condenados o ano passado a penas de prisão maior.

Amigos do Palhão, cujo verdadeiro nome era José Manuel dos Santos Marques, afirmaram por sua vez ao «DL» que estão plenamente convencidos que antes de ser morto o forcado foi barbaramente agredido, pois o corpo apresenta vários hematomas

O funeral do infeliz forcado, que o ano passado foi considerado o melhor pegador de toiros do ano, sai hoje pelas 14 horas e 30 da Capela do Socorro de Setúbal para o cemitério de Algeruz.

Entretanto Francisco Costa, cabo do Grupo de Forcados «Os Lusitanos», de que Palhão fazia parte, revelou ao «DL» que vai ser organizada uma corrida de toiros em Setúbal em data ainda não determinada, cuja receita reverterá a favor do filho mais novo de Palhão que faz vinte meses no próximo dia 27.

O estabelecimento que esteve na origem do crime a discoteca «Pedra Furada», havia sido encerrada por ordem da governadora civil do distrito de Setúbal, Irene Aleixo, devido às informações da PSP sobre constantes incidentes registados no seu interior. A reabertura teve lugar há cerca de duas semana, após o Supremo Tribunal Administrativo (STA) haver dado provimento, com, efeitos suspensivos, a um recurso apresentado pelo proprietário do estabelecimento.

Mas, face à morte de José Palhão, um forcado bastante premiado, Irene Aleixo parece disposta a solicitar ao STA para anule o parecer que levou à reabertura da discoteca.

*O forcado Palhão quando, no ano passado, actuou na Chamusca, durante as festas da Senhora da Ascensão*

*Quer transitar de Caxias para a Penitenciária*

## Detida do "caso FP" em greve de fome

Angélica Toquito, recentemente detida com dois alegados membros das FP-25, entrou em greve de fome, reinvindicando a sua transferência para o anexo da penitênciária de Lisboa, onde se encontram detidas as mulheres do caso Fp-25 — foi hoje anunciao.

O comunicado em nome dos «presos políticosdo caso FUP/FP-25» refere que Angélica Toquito, que se encontra grávida de oito meses e meio, está no Hospital-Prisão de caxias onde «não tem visitas do seu companheiro» Jorge Alves da Silva.

O documento refere também que Jorge Alves da Silva, conhecido pelo «Canja», se encontra em greve de fome e responsabiliza a Direcção dos Serviços Prisionais pelos «danos físicos e psíquicos que a situação pode criar».

Contactada pela Lusa, a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais admitiu ter havido «uma ameaça de greve de fome», mas até ao momento desconhece-a oficialmente.

Referiu que o companheiro da detida a foi visitar no domingo, desconhecendo qualquer impedimento de outras visitas.

A Direcção-Geral dos Serviços Prisionais confirmou a transferência de Angélica Toquito, da Mónicas para caxias, feita como medida de precaução a conselho do médico, dado o estado adiantado de gravidez.

*Nove bombeiros ficaram feridos*

## Incêndio na Sertã foi já dominado

Já está dominado o incêndio que ontem deflagrou em Pombas, a 8 quilómetros da Sertã, e que chegou a atingir proporções graves, levando a que fosse considerada a hipótese de evacuar a população de Várzea dos Cavaleiros.

Nove bombeiros ficaram feridos durante o combate ao sinistro, tendo recebido tratamento no hospital da Sertã, vítimas de queimaduras e intoxicações. Cinco ficaram algumas horas sob observação médica mas, esta manhã, já haviam regressado a suas casas.

A região da Sertã havia sido já devastada por um grande incêndio, no dia 20, tendo o de ontem destruído mais alguns hectares de mata.

Corporações de Oleiros, Proença-a-Nova, Sardoal, Castanheira de Pêra, Pedrogão Grande, Castelo Branco e Ferreira do Zêzere estiveram envolvidas no combate ao incêndio de Pombas, auxiliadas por quatro aviões e um helicóptero idos de Ferreira do Zêzere e das Moitas.

Para além deste incêndio, os bombeiros da Sertã foram, durante o dia de ontem, chamados também a combater fogos que lavraram em Ribeira da Cilha, Várzea dos Cavaleiros, Várzea Fundeira, Várzea Cimeira, Marinhas de Carvalho e Eirinha.

Os bombeiros locais apontam a carência de auto-tanques com maior capacidade do que aqueles de que dispõem como um grave entrave no combate mais eficaz aos fogos.

## Quatro mortos em automóvel que caiu por ribanceira

Devido a excesso de velocidadde, um automóvel despistou-se pelas 22 horas de ontem, próximo de Vila Nova de Gaia, tendo causado a morte de quatro dos seus ocupantes e ferimentos graves num outro ao precipitar-se numa ribanceira com cerca de 15 metros de altura, apenas se detendo contra os muros de um lavadouro.

Os mortos foram identificados como sendo Francisco Pereira dos Santos, de 35 anos, Olívia Silva Pinto, de 81 anos, Maria Celeste Pinto de Oliveira, de 58 anos, e Sandra Mónica Mota Santos, de oito anos. Quanto ao ferido, que está internado no Hospital de Santo António, no Porto, é Jorge Mota Santos, de seis anos. Todos os sinistrados residiam em Pedroso, no concelho de Vila Nova de Gaia.

DL

## NO ALGARVE

## LOCAIS DE *VENDA SAZONAL* EM AGOSTO E SETEMBRO

O **"Diário de Lisboa"** está à venda no Algarve em cerca de **200 postos habituais,** que o recebem durante todo o ano.

A relação a seguir indicada refere **apenas** postos de venda sazonal (entre Junho e Setembro) que devem ser acrescentados aos postos de venda habituais.

| | |
|---|---|
| **Praia da Salema** | – Quiosque Salema – Junto à Praia |
| **Praia da Luz** | – Botique Capricho – Rua da Praia |
| **Praia da Luz** | – Tab. Valverde – Parque de Campismo |
| **Lagos** | – Parque de Campismo – Estr. de Porto de Mós |
| **Alvor** | – Apartamentos Torralta – Torre C |
| **Alvor** | – Tab. El-Rei – Rua Marquês de Pombal, 3-A |
| **Alvor** | – Barroqueiro & Barroqueiro – Rua Dr. António José Almeida, 4 |
| **Ferragudo** | – Francisco A.R. Ferreira – Parque de Campismo |
| **Ferragudo** | – Maria Vieira B. Reis – Rua Vasco da Gama, 40 |
| **Ferragudo** | – Pap. Papiro – Rua da Hortinha, 20 |
| **Estômbar** | – José Francisco Alcaide – Rua D. Paio Peres Correia, 2 |
| **Praia do Carvoeiro** | – Artes-Artesanato Carvoeiro – Rampa N.ª Sr.ª Conceição |
| **Praia do Carvoeiro** | – Casa Globo – Rua do Barranco |
| **Armação de Pêra** | – Tab. Parque de Campismo |
| **Areias de S. João** | – Tab. Oura |
| **Areias de S. João** | – Galeria Ivette |
| **Areias de S. João** | – Artesanato Tamariz – Casa 26 |
| **Areias de S. João** | – Santa Eulália-Supermercado – Estrada de Santa Eulália |
| **Praia da Oura** | – Helena Maria Fagulha – Edifício Oura r/c F |
| **Praia da Oura** | – Tab. Pap. Il Laccio – Edifício Oura Praia, Loja 8 |
| **Olhos D'Água** | – Lilas Shop – Apartamentos Bela Vista, Bloco 1, Letra G |
| **Montechoro** | – Tab. Pap. Quiosque Alibábá – Av. Francisco Sá Carneiro |
| **Montechoro** | – Boutique Pepa – Hotel Montechoro |
| **Montechoro** | – Barateiro de Vila Magna – Centro Com. Vila Magna, Loja 62 |
| **Açoteias** | – Tab. O Parque – Estrada acesso Aldeia das Açoteias |
| **Açoteias** | – Tab. Açoteias – Aldeia das Açoteias |
| **Quarteira** | – Raul Fernando C. Represas – Parque de Campismo Orbitur |
| **Quarteira** | – Quiosque Ele e Ela – Av. Infante de Sagres |
| **Quarteira** | – Quiosque Mateus – Av. Infante de Sagres |
| **Quarteira** | – Liv. Tab. Beira Mar – Centro Com. Avenida Mar, Loja 5 |
| **Vila Moura** | – Tab. Triana – Pavilhão das Pirâmides, Loja 1 |
| **Vila Moura** | – Supermercado Aldeia do Mar – Aldeia do Mar |
| **Vila Moura** | – Tab. Vilamoura – Lote 1-A, E/5 – Loja 9 |
| **Vila Moura** | – Centro Comercial Marina, Lojas 28-29 |
| **Vila Moura** | – Quiosque Posto 2 – Junto Bombas Galp |
| **Ilha de Faro** | – Quiosque Bertrand – Praia de Faro |
| **Pedras Del Rei** | – Maria de Fátima F. Raposo – Aldeamento Pedras Del Rei |
| **Cabanas de Tavira** | – Papelaria Aladino – Rua Mouzinho de Albuquerque, 2 |
| **Altura** | – Tab. Netel – Largo do Mercado Municipal |
| **Alagoa-Altura** | – Quiosque Ana Cristina – Estrada Alagoa |
| **Vila Nova Cacela** | – Pap. Guta |
| **Praia da Manta Rota** | – O Bazar |
| **Praia Verde** | – João Marta Mateus "Quiosque" – Parque de Campismo Praia Verde |
| **Pinhal do Gancho** | – Alexandre Maria C.B. Santos – Aldeamento Retur |
| **Monte Gordo** | – António Fernando B. Oliveira – Parque de Campismo |
| **V. Real St.° António** | – Quiosque S. Luís II – Av. Ministro Duarte Pacheco |
| **V. Real St.° António** | – Quiosque Guadiana – Av. da República |

Lisboa, 28 de Julho de 1987

**SERVIÇOS COMERCIAIS**

## FRANCISCO DA SILVA

### 6.° Mês de Saudade

Sua mulher, filhos, netos, irmã, cunhado, nora, genro, sogra, restante família e amigos, recordam-te com profunda saudade, estando sempre presente nos nossos corações.


***Resultados devem ser conhecidos hoje***

# NOVOS DESPEJOS NO SADO ESTÃO A SER ANALISADOS

**Os resultados das análises do produto lançado ao rio Sado, na última sexta-feira, pela SAPEC, apenas serão conhecidos, na melhor das hipóteses, ao fim da tarde de hoje, revelou ao «DL» o comandante do porto de Setúbal, Beça Pacheco.**

Recolhas do produto lançado ao Sado pela SAPEC, adiantou, foram entregues à Direcção-Geral da Qualidade e Ambiente e ao Instituto Hidrográfico para que procedam à respectiva análise e avaliem se houve ou não poluição das águas.

**«Tudo quanto se possa dizer até que se conheçam os resultados dos exames é prematuro»** – referiu.

Conforme o «Diário de Lisboa» noticiou na edição de sábado, na véspera, 80 metros cúbicos de produtos não identificados foram lançados ao rio Sado pela Fábrica de Adubos SAPEC, espalhando-se por um quilómetro de comprimento.

Recorde-se que o ano passado, a Portucel foi multada em três mil contos pela capitania do porto de Setúbal pelo derrame de efluentes e que já este ano, em Maio, uma fuga de fuel de um tanque da mesma fábrica provocou uma mancha de cerca de 200 metros no rio Sado.

Para além destes três casos, disse Beça Pacheco, e se exceptuarmos os provocados por hidrocarbonetos devido, normalmente, à reparação de navios, não se têm verificado, nos últimos tempos, no Sado, outros acidentes do género

### SAPEC: O produto não era poluente

Mesmo antes de serem conhecidos os resultados das análises, a cargo, como acima se disse, da Direcção-Geral da Qualidade e Ambiente e do Instituto Hidrográfico, um director da SAPEC garantiu ao «DL» que o produto lançado ao rio Sado não era poluente, **«até porque a indústria de adubos não utiliza matérias tóxicas».**

Martins Pereira afirmou que o produto em questão tinha **«um PH entre 7 e 7,5 oxigenação boa e uma temperatura inferior a 20 graus»,** pelo que, referiu, **«não punha em perigo as águas do rio».**

**«A mancha que se formou no Sado desapareceu ao cabo de uma hora, o que prova bem a ausência de qualquer perigo»** – disse, adiantando que **«se se tivesse deitado uma carrada de areia no local, tinha acontecido o mesmo».**

**«Em casos como o que agora ocorreu, o que pode suceder é o aparecimento de partículas sólidas resultantes da neutralização do próprio efluente»** – disse.

### SALPA: uma comissão de gestão

A SALPA (Associação para a Salvaguarda do Património Cultural e Natural de Setúbal) **«dada a frequência com que sucedem 'acidentes' como o de sexta-feira vai propôr a constituição de uma comissão de gestão do estuário do Sado»,** declarou ao «DL» o presidente daquele organismo.

Arlindo Mota disse que a referida comissão **«deveria, entre outras tarefas, verificar a situação estuarina, as condições de produção industrial e fiscalizar a forma como são tratados efluentes para o rio».**

**«Nesta comissão, cuja constituição é urgente** – referiu – **devem estar representadas a Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, a Reserva Natural do estuário do Sado, as autarquias locais e as associações de defesa do ambiente».**

O presidente da SALPA lamentou que o Sado **«esteja à mercê da vontade das empresas»,** muitas das quais, salientou, **«não cumprem as mais elementares regras de prevenção, dado que os efluentes são drenados a céu aberto».**

***O segundo este Verão na Madeira***

# Assalto à mão armada rende oito mil contos

Dois homens encapuçados e armados assaltaram ontem, de madrugada, um estabelecimento comercial da povoação de Loreto, na freguesia de Arco da Calheta — cinquenta quilómetros a oeste do Funchal —, de onde levaram artigos vários e dinheiro nacional e estrangeiro no valor de oito mil contos.

O assalto foi perpetrado ao estabelecimento de electrodomésticos propriedade de Manuel Ferreira que é, simultaneamente, ourives e correspondente do Banco Português do Atlântico. Os atacantes, para entrarem no estabelecimento penetraram, inicialmente, na própria residência da vítima, edifício contíguo à casa comercial.

Entraram, por arrombamento, na residência de Manuel Ferreira que, sob a ameaça de armas, lhes abriu caminho ao estabelecimento comercial de onde se retiraram com artigos em ouro e prata, relógios, jóias e moeda diversa, tudo no valor de oito mil contos.

A Madeira, aliás, neste tipo de criminalidade está a acertar o passo com a Europa, pois ainda recentemente — como o «DL» noticiou — ocorreu uma tentativa de assalto, numa estação de serviço que os empregados deveriam transportar a uma agência bancária próxima. Um deles foi gravemente atingido por um dos tiros, encontrando-se internado no hospital de Funchal.

Os assaltantes levaram pouco mais de uma centena de contos, porque o proprietário da bomba de gasolina, avisado anonimamente para o facto de se perpetrar um ataque à estação, havia depositado o grosso do apuramento do dia anterior e da manhã daquele dia.

***Por cadastrado que conseguiu fugir***

## Proprietário de café morto a tiro no Laranjeiro

O proprietário de um café, nc Laranjeiro, Ariaz Jamal, de 25 anos, nascido em Moçambique, mas de origem paquistanesa, foi ontem à tarde morto a tiros de revólver, no seu estabelecimento, por Manuel Ferreira Santos, um cadastrado residente em Miratejo que conseguiu escapar. Ariaz Jamal ainda foi conduzido com vida ao Hospital de S. José, onde veio a falecer.

Quanto ao homicida, que abandonou na Cova da Piedade o automóvel utilizado na fuga, estava a ser procurado esta manhã activamente, pela GNR, desconhecendo-se por enquanto o móbil do crime.

***A 20 km do Funchal***

# Criança morre afogada num tanque descoberto

Uma criança de 10 anos morreu ontem afogada na Madeira, num dos seus inúmeros tanques descobertos. Acidentes deste tipo sucedem-se a um ritmo impressionante nesta Região Autónoma, sem que sejam tomadas medidas eficazes para os evitar.

A vítima foi Manuel Tiago, que residia no sítio da Igreja, freguesia da Quinta Grande, a cerca de 20 quilómetros a oeste do Funchal. Foi impossível retirá-lo com vida do tanque desprotegido onde caíra.

É com chocante regularidade que se morre por afogamento na Madeira, sendo as crianças as maiores vítimas. Isso sucede ao ritmo de doze acidentes/ano, apurou entretanto o «DL»

***As corridas de touros com picadores***

## Uma declaração de Coimbra Martins

Ao tomar conhecimento de que estava anunciada uma nova corrida de touros com picadores, o dr. António Coimbra Martins, antigo ministro da Educação e actual deputado socialista no Parlmento Europeu, fez-nos a seguinte declaração:

«Considero sintomático e inquietante que um primeiro acto do Governo maioritário da «modernização» seja a autorização repetida do anacronismo bárbaro e ilegal dos picadores contrário à tradição nacional.»

A ilegalidade do espectáculo tauromáquico com picadores foi objecto de um parecer do dr. António Maria Pereira, em poder da Direcção-Geral dos Espectáculos.

# AINDA A POLÉMICA À VOLTA DO CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE STUART

Reagindo, tardiamente, ao texto, de Júlio Rodigues, publcado na nossa edição de 27 de Julho escreve-nos o Sr. José Pacheco, com data de 21 de Agosto, uma carta invocando a Lei de Imprensa. A carta foi recebida a 24 de Agosto pela Direcção do «DL». Da sua leitura depreende-se que, equivocado, em vez de refutar «ofensas directas» ou de rebater «referências de facto, inverídico ou erróneo», o sr. José Pacheco pretendia publicar no «DL» dois textos, um dos quais, aliás, foi publicado na edição de 22 de Agosto do «Diário Popular».

No que é directamente dirigido a Júlio Rodrigues não é o texto publicado no «DL» rectificado ou esclarecido. É um texto polémico a prolongar a polémica e que quanto à queixa de fundo se transcreve:

O que é certo é que, apesar de não estar interessado na dita polémica, a falta às mais elementares regras do rigor, obriga-me a vir publicamente denunciar que, após ter concedido uma entrevista ao vosso jornal, no sentido de esclarecer algumas das informações do também jornalista António Valdemar a outros jornais, o sr. Júlio Rodrigues limitou-se a transcrever posteriormente, com a importância de uma página, tudo e apenas aquilo que a A. V. apeteceu dizer, permitindo-lhe, até, que transpusesse a barreira que a liberdade de imprensa lhe impõe.

Mas, para que nada faltasse a esta condenável atitude, J. R. achou conveniente acresentar um também condenável parêntesis: (cujo livro sobre Stuart foi já depreciado nos meios intelectuais, da capital, embora seja o repositório de uma investigação.de três anos, segundo o próprio autor disse ao «DL»)».

Dias antes de 27 de Julho, noutro vespertino, foram publicadas referências ao trabalho do sr. José Pacheco e à «polémica». O «Diário de Lisboa» interessou-se pelo assunto e deu-lhe o tratamento jornalístico que se afigurou conveniente.

*Se involuntariamente os ofendeu*

# Abecasis apresenta desculpas à Associação de Arquitectos

O presidente da Câmara de Lisboa, Nuno Abecasis, apresentou justificações à Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) a propósito de declarações proferidas sobre o projecto do mercado de Alcântara — anunciou o seu conselho directivo.

De acordo com uma nota à Imprensa do secretariado do Conselho Nacional da AAP, Nuno Abecasis, em carta enviada à associação, sublinhou que «nada me custa, e pelo contrário, faço-o com prazer, vir junto de V.Exª conter as minhas palavras no rigoroso contexto e com a estrita finalidade com que as proferi».

Na mesma carta, o presidente lisboeta apresenta as suas desculpas, «se, involuntariamente ofendi a classe que tanto respeito e tanto me tem ajudado no desempenho das minhas actuais funções».

O secretariado do Conselho Nacional da AAP frisou ser a carta de Abecasis «uma atitude correcta e de reparo».

Segundo a AAP, Nuno Abecasis teria considerado o projecto da obra do mercado de Alcântara um «atestado de incompetência à arquitectura portuguesa».

# *AS LISTAS ALARMISTAS DOS ADITIVOS*

Beja Santos

Uma folha policopiada percorre anonimamente todos os pontos do País, espalhando a aflição e o temor pelos dizeres:

«Pense na saúde dos seus filhos»

### Produtos cancerígenos

E- 102, 110, 120, 123, 124, 127, 131, 142, 210, 211, 212, 213, 214, 220, 225, 230, 250, 251, 311, 330, 407, 450.

### E — 330: o mais perigoso!

**turbações intestinais: E- 221, 222, 223, 224, 226.**

**Perturbações da pele: E- 220, 2 232, 233.**

**Alterações da digestão: E- 330, 339, 340, 341, 400, 461, 462, 463, 466, 457.**

**Cálculos renais: E — 447.**

**Produtos perigosos: E- 102, 110, 120, 127.**

**Destruidores da vitamina B12: E — 220.**

**Acidentes vasculares: E- 230, 251, 252 (nos produtos de charcutaria).**

**Colesterol: E- 320, 321.**

**Aftas: E- 330.**

**Diarreia: E- 407.**

**Produtos cancerígenos: E- 131, 142, 210, 212, 213, 214, 330, (é o mais perigoso!).**

**Exemplos:**

**Canada Dry, Schweppes, Trinaranjus, Sumos Frami, gelados Corneto de morango, margarina Alpina, queijo fondue «La Vache que Ri» contém E- 330. Coca-Cola contém E-319. Caldos de carne Knorr contêm E- 311. Salsichas «Nobre» contêm E-450, E- 250, E- 251, etc, etc, etc!**

**Antes de comprar qualquer produto veja a sua composição!**

**Contribua para a sua saúde, dos seus e de todos em casa!»**

**Inevitavelmente, o leitor terá de pôr a si próprio a questão: para lá do tom manifestamente exagerado e panfletário destas listas anónimas, não haverá um fundo de verdade nos perigos potenciais que acarreta o consumo de aditivos alimentares? É a tal questão que vamos procurar responder.**

### Aditivos, uma questão de segurança

Na actualidade, muitos consumidores manifestam preocupação acerca do que realmente comem quandingerem alimentos industrializados. E seria difícil encontrar atenuantes para que as autoridades responsáveis fossem lentas ou revelassem indiferença para proteger o consumidor contra os alimentos impróprios ou indesejáveis. Com efeito, se é verdade que nas regiões rurais ainda se cultiva a maioria dos alimentos que se come e são os agricultores eles mesmos que processam os seus alimentos, limitando o uso dos aditivos ao nível de alguns conservantes, nas grandes cidades a situação é completamente diversa, visto que aqui são consumidas diariamente milhares de toneladas de alimentos industrializados. Ou seja, a pureza ou genuinidade dos alimentos é questão essencial e revela-se indispensável o conhecimento técnico e científico da química alimentar.

É já de perguntar: pode-se viver sem os aditivos alimentares? Temos que ser honestos na resposta: poder-se-ia viver sem os aditivos mas com gravíssimos problemas de abastecimento, e até de preços, para os consumidores.

Mas desfaçamos alguns equívocos quanto à proveniência e utilização dos aditivos. Muitos aditivos alimentares autorizados derivam directamente dos próprios alimentos. Por exemplo, a lecitina encontra-se em todos os organismos vivos, tanto em plantas como animais. Um grande número de aditivos criados em laboratório encontram-se naturalmente nos alimentos. As vitaminas usadas para melhorar o valor nutritivo de muitos alimentos são idênticas às vitaminas que se encontram nos alimentos.

O que importa realçar é que um aditivo deve trazer algum benefício para um alimento onde se pretende incorporar. Há uma ideia generalizada acerca dos aditivos mais utilizados e que passa pela seguinte classificação:

— Suplementos de vitaminas e minerais: adicionam-se aos alimentos para melhorar o valor nutritivo;

— Adoçantes não nutritivos: são os substitutos do açúcar, fundamentalmente destinados a impedir a decomposição por um organismo especial;

— Emulsionantes: melhoram a uniformidade, a suavidade e a textura de alimentos de padaria, gelados e confeitos, por exemplo;

— Estabilizadores e espessantes: dão essa suavidade de textura desejada, assim como uniformidade de cor e sabor à confeitaria;

EM)— Sabores e agentes saborizantes: representam o maior grupo de aditivos, alguns são-nos muito familiares, como as especiarias; para satisfazer a procura, a indústria desenvolveu saborizantes sintéticos que não só se parecem com o sabor natural como em certas ocasiões trazem a vantagem da sua estabilidade;

— Corantes: não melhoram a qualidade alimentar, e são consequência de que a própria indústria nos acostumou a alimentos de cores específicas, que recusaríamos comprar e comer se fossem de outra cor ou se fossem demasiado pálidos para nos parecerem «saudáveis»...

Mas nos nossos dias esta classificação sofreu profundas alterações.

### A prudência deve ser regra

É sempre possível encontrar para os aditivos uma justificação de uso. De facto, a aplicação da cincia à preparação de géneros alimentícios permitiu a supressão da maior parte dos riscos devidos à má nutrição e à conservação defeituosa dos alimentos. Acresce que nos países altamente industrializados há a manifesta tendência para uma alimentação mais elaborada, fácil de preparar e que permita aumentar o tempo livre das mulheres.

Sejamos realistas: se bem que a inocuidade de certos aditivos não está perfeitamente estabelecida, o controlo é muito rigoroso, pois que a autorização para inclusão de um aditivo num determinado género alimentício deve obedecer a três regras básicas:

— a utilização em alimentos, fins e condições específicas, deve ser rigorosamente controlada;

— deve ser respeitada a dose mínima necessária para o efeito desejado;

— é necessário considerar a dose máxima admissível, ou limite equivalente, tendo em conta o consumo diário provável de todos os géneros alimentícios que contenham o mesmo aditivo, quer se trate de dieta normal quer de dietas para grupos específicos de consumidores.

Por tal facto, a generalidade dos países que dispõem de políticas de defesa do consumidor adoptam o princípio das «listas positivas» para os aditivos e que faz com que todo o aditivo não expressamente autorizado fique interdito. Além disso, o processo de admissão de qualquer aditivo é longo e custoso, a ponto de desencorajar a indústria descaradamente inescrupulosa. Quanto à toxicidade considera-se que o risco mais preocupante não resulta da eventual toxicidade de um só aditivo mas da interacção de diversos aditivos entre si. Por conseguinte, é a prudência que deve prevalecer e fazer subordinar o emprego a uma justificação tecnológica imperativa.

E, como observou um eminente higienista francês, o prof. Gounelle de Pontanel, «todas as vezes que um aditivo não apresente qualquer interesse no plano nutricional, só desempenhando um papel puramente atractivo, o bom senso exige que se passe sem ele porque o seu uso comporta riscos: a adição nunca é gratuita».

### As listas apócrifas

A informação existente nas listas acima mencionadas é totalmen destituída de base científica, pois todos os aditivos referidos estão autorizados na CEE, e de acordo com os dados toxicológicos existentes os códigos em vigor permitem assegurar que não são conhecidos riscos para a saúde dos consumidores. A letra E é a marca de garantia sanitária da CEE e só se concede aos produtos que forem exaustivamente estudados. O número que se segue corresponde à identificação do aditivo (corantes do n.º 100 a 199, conservantes do n.º 200 a 299, antioxígenos de 300 a 399, e espessantes, emulsionantes e geles do número 400 a 499).

Os aditivos utilizados na alimentação humana não são tóxicos para o homem nas condições autorizadas para o seu emprego nos alimentos. E vale a pena insistir que uma das provas toxicológicas exaustivas que se realiza com os aditivos é a comprovação de ausência do poder cancerígeno, pelo que se pode afirmar sem margem para reticências que não é conhecida qualquer propriedade cancerígena aos aditivos referidos nas listas que criminosamente andam a ser distribuídas por todo o País.

Depois, como se refere num rtigo alusivo a este assunto publicado na revista do Instituto Nacional do Consumo, de Espanha «a maior garantia que pode aparecer na rotulagem é a existência de aditivos assinalados com a letra E seguida de um número, por exemplo E-330. O aditivo E- 330, apresentado como o mais perigoso, corresponde ao ácido cítrico, componente natural dos citrinos, e, como o seu nome indica, não apresenta nenhum risco para o homem nas concentrações autorizadas».

### Algumas definições

Aditivo é toda a substância que, tendo ou não valor nutricional, é adicionada aos alimentos com finalidades tecnológicas ou organolépticas.

O uso de aditivos não se justifica quando: — resulta perda sensível d valor nutricional do alimento; — mascara defeitos dos produtos ou de alguns dos seus ingredientes; — encobre técnicas incorrectas de preparação, fabrico ou confecção; — induz o consumidor em erro; — quando o efeito desejado pela inclusão de aditivos pode ser obtido por outros métodos dos inócuos, técnica e economicamente viáveis.

Nos nossos dias os aditivos classificados pela sua acção podem agrupar-se da seguinte maneira:

1 — Substâncias que modificam os caracteres organolépticos. Consideram-se aditivos que influem sobre os caracteres organolépticos aquelas substâncias que eliminam, mantêm ou avivam a cor ou o sabor dos alimentos.

E podem distinguir-se: — os modificadores de cor, que são substâncias que se utilizam para fixar a cor de alimentos e bebidas; — as substâncias que modificam o sabor dos alimentos e bebidas; — os agentes aromáticos e saborizantes, que são as substâncias que contêm de forma concentrada princípios activos aromáticos.

2 — Estabilizadores do aspecto e caracteres físicos. São aditivos que se adicionam aos alimentos e bebidas, com o fim de lhes proporcionar o aspecto e a consistência adequados, ou para lhes evitar modificações dos seus caracteres físicos. Encontram-se dentro deste grupo: — os emulsionantes, que são substâncias que mantêm a emulsão de uma forma estável; e os espessantes, que são substâncias utilizadas para estabilizar emulsões.

3 — Substâncias que impedem alterações químicas e biológicas. Consideram-se como aditivos que impedem as alterações químicas ou biológicas as substâncias antioxidantes e os conservantes que se adicionam aos alimentos e bebias e que se classificam como: — antioxidantes, que são os aditivos utilizados para impedir ou retardar as oxidações e a rancidez provocadas pela acção da luz, do ar ou por indícios metálicos; — conservantes, que são os aditivos que obstam que os alimentos fermentem ou se alterem.

4 — Correctores dos alimentos. São os aditivos que se adicionam nos processos tecnológicos para modificar qualidades plásticas — é o caso dos solventes, neutralizadores ou clarificadores.

*Um traficante de narcóticos brasileiro posa armado para os repórteres. Durante os cinco último dias têm decorrido autênticas batalhas campais, no Rio de Janeiro, entre dois grupos rivais de traficantes*

O governo dos Estados Unidos avisou segunda-feira a população do país de que deve ter cuidado com onze gatos que estão infectados com um parasita qie pode prejudicar as mulheres grávidas. O FBI procura activamente aqueles felinos, libertados por uma associação protectora de animais do laboratório de Maryland onde estavam a servir de cobaias. A adminitracão norte-americana avisou a população de que os onze gatos estão infectados com um parasita microscópico que pode causar toxoplasmose. As mulheres grávidas que mantenham contactos com estes animais poderão abortar ou dar á luz crianças com graves deformidades.

*O marine Clayton Lonetree, acusado de espiona escoltado por dois militares depois de ter sido condena*

## "Pravda" apela à concretização de reformas

O «Pravda», jornal do PC soviético, apelou ontem para a limitação dos mandatos para cargos públicos como uma das medidas reformistas tendentes a introduzir mais democracia e melhorar os serviços públicos do país. O jornal defende a adopção de um sistema de sondagens da opinião pública e maior tolerância em relação a pontos de vista minoritários. O artigo, assinado por Eduard Kuzmin, adido oficial do Praesidium do Soviete Supremo, o mais alto organismo estatal da URSS, explica que o principal objectivo das reformas conduzidas por Mikhail Gorbachev visa aumentar a democracia. «Democratização ou inércia social, estagnação e conservadorismo — é assim que o partido questiona a situação actualmente», refere o jornal. Q Pravda critica ainda a tradição soviética da adoptar as decisões com voto por unanimidade. Salienta que o público deve ter o direito de eleger os seus candidatos e apel ao afastamento de funcionários que não executem devidamente o cargo que ocupam. O órgão do PC soviético diz ainda que tem de haver uma transferência de funcionários de Moscovo para outras regiões e que os seus cargos devem ser limitados a um determinado prazo de forma a impulsionar os empregos públlicos.

## Emissário do Papa em Manjacaze

O enviado do Papa a Moçambique, cardeal Roger Etchegaray, seguiu ontem para Manjacaze, província de Gaza, palco do massacre de 92 pessoas há duas semanas. Após ter visitado as províncias de Sofala, Tete e Zambézia, no centro e Norte de Moçambique, o presidente da Comissão romana da Justiça e Paz é acompanhado a Manjacaze pelo vice-ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Daniel M'Banze. A agenda sobrecarregada de Etchegaray, em visita a Moçambique desde há uma semana, tem privilegiado encontros com dirigentes políticos e religiosos e deslocações às regiões mais geralmente afectadas pela guerra e pela fome. O presidente da Comissão de Justiça e Paz do vaticano tem expressado solidariedade para com as vítimas da guerra e da fome. Nos seus encontros com dirigentes políticos e religiosos e com as própris vítimas da guerra e das calamidades naturais, o cardeal Etchegaray tem afirmado que o apoio a Moçambique na área social será aumentado, depois de ele informar o Papa da situação crítica de cerca de 4,5 milhões de pessoas em Moçambique — segundo dados oficiais.

## Detroit: erros que provocaram o acidente

A tripulação do avião da companhia Northwest que em 16 de Agosto se despenhou em Detroit segundos depois de descolar tinha desligado um alarme destinado a indicar problemas com o trem de descolagem, disse segunda-feira uma estação televisiva. O registo de voo da cabina de pilotagem não indica que o alarme tivesse soado antes de o avião ter lavantado voo do aeroporto metropolitano de Detroit. O avião despenhou-se poucos segundos após a descolagem, no que constitui o segundo mais grave acidente aéreo na história dos Estado Unidos. O alarme deveria soar se as abas das asas não estivessem na posição correcta para a descolagem. O primeiro exame aos dados de voo do avião provou que as abas não estavam estendidas, mas este elemento não é definitivo, segundo os investigadores. Um investigador disse à estação televisiva WJBK-TV que o alarme foi desligado quando o avião chegou a Detroit, pouco tempo antes. Para poupar combustível antes da aterragem enquanto esperava no ar por autorização para descer, a tripulação desligou um dos motores. Esse facto ligaria automaticamente o alarme. Para que ele não soasse, a tripulação desligou-o cortando o seu circuito. Segundo o investigador, não o voltou a ligar. Morreram 156 pessoas no acidente. A única sobrevivente, Cecília Cichan, 4 anos, continua a recuperar de queimaduras graves que sofreu em um terço do corpo.

# TIROS DE AVISO DISPARADOS NO GO
# POR UM NAVIO DE GUERRA DOS EUA

**Um navio de guerra dos Estados Unidos disparou ontem tiros de aviso sobre as proas de duas pequenas embarcações não identificadas, depois de estas terem ignorado advertências para se manterem afastadas de um comboio de petroleiros do Kuwait que navega no golfo Pérsico. O Irão começou, entretanto, contactos de alto nível na ONU para discutir o conflito no golfo e a guerra Irão–Iraque.**

O contratorpedeiro «Kidd», um dos navios de guerra norte–amercanos pertencentes à escolta do Kuwait que navegam sob bandeira norte–americana, abriu fogo sobre duas embarcacões de «nacionalidade desconhecida» depois dos seus tripulantes terem ignorado o aviso verbal anteriormente feito.

Em comunicado ontem divulgado, o Pentágono acrescentou que os «Dhows»- tradicinais embarcações árabes de transporte de passageiros- voltaram para trás após os tiros disparados pelo «Kidd».

Estes foram os primeiros disparos efectuados por um barco norte–americano desde que os Estados Undios iniciaram as operações de escolta dos barcos do Kuwait que a atravessam o golfo Pérsico.

Também ontem, antes deste incidente, funcionários da marinha norte–anericana haviam informado de que outro navio de guerra dos EUA, a fargata de mísseis guiados «Jarret», colocara–se entre o comboio de petroleiros e um barco de guerra iraniano que chegou a estar a três quilómetros de distância das unidades navais norte–americanas.

### Contactos na ONU

Os Estados Unidos insinuaram ontem que a sua paciência quanto à demora do Irão em acatar a ordem de cessar–fogo proposta pela ONU para por termo à guerra do golfo, está a chegar ao fim.

A porta–voz do Departamento de Estado norte–americano, Phyllis Oakley, declarou ontem aos jornalistas esperar que o vice–ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Jawad Larijani, entregue uma resposta afirmativa relativamente às conversações de paz entre o Irão e o Iraque, propostas pelo secretário–geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

O Irão começou ontem contactos de alto nível nas Nacões Unidas para discutir o conflito no golo e a resolução do Conselho de Segurança da organização que ordena um cessar–fogo na guerra Irão–Iraque.

A União Soviética afirmou–se, entretanto, contrária a um endurecimento de medidas do Conselho de Segurança da ONU quanto ao conflito do golfo enquanto Teerão não der uma resposta à resolução aprovada por aquele organismo.

«O Irão manifestou–se disponível para negociar com o sceretário–geral da ONU e as conversações ainda estão a decorrer», dise o vice–ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Vladimir Petrovsky, que sugeriu que a URSS não apoiaria, para já, uma resolução que estabeleça um embargo de armas ao Irão.

### Reféns

Delegados dos 21 países

*Aliados dizem que Hess se enforcou*

## Antigo nazi teve funeral secreto

O corpo de Rudolf Hess, antigo lugar–tenente de Hitler, foi enterrado num local secreto, antes da data prevista para as exéquias, anunciou o presidnete da Câmara de Wunsiedel, Karl Walter. Entretanto, as autoridades aliadas que administram a prisão de Spandau, reagindo a declarações pondo em dúvida a sua afirmação de que Hess se suicidara, afirmaram ontem que ele se enforcou na cadeia onde passou os últimos 41 anos.

Karl Walter declarou a jornalistas ter ficado «surpreendido» pela notícia da realização antecipada do funeral de Hess, que deveria decorrer nos próximos dias em Wunsiedel.

Mambros da família do antigo adjunto de Hitler tinham–no antes informado de que pretendiam cumprir o desejo de Hess e enterrá–lo no jazigo familiar naquela cidade.

Walter tinha manifestado anteriormente receio de que o funeral de Hess em Wunsiedel transformasse a cidade num local de peregrinação para os neo–nazis.

Andrea Hess, nora do último preso da penitenciária de Spandau, disse a uma agência noticiosa : «confirmo o enterro de Rudolf Hess», mas recusou–se a revelar quando ou onde.

Em Berlim Ocidental, as autoridades aliadas anunciaram ontem que o antigo adjunto de Hitler se suicidara por enforcamento.

Recorde–se que a família do antigo nazi e o seu advogado Alfred Seidl tinham manifetsado dúvidas de que ele se tivesse estrangulado em Spandau, onde estava sob custódia de guardas soviéticos, britânicos, franceses e norte–americanos desde 1946.

Uma declaracão divulgada na semana passada pelos aliados dizia simplesmente que Hess fora encontrado na segunda–feira, dia 17, com un fio eléctrico à volta do pescoço. suscitando a ideia de que ele se estrangulou.

Ontem, no entanto, as autoridades aliadas afimavam: «um inquérito do ramo especialde investigação da polícia militar indica que Hess usou uma extensão eléctrica para se enforcar».

Na altura em que Hess morreru a guarda de Spandau estava a cargo de soldados norte–americanos.

## Demissão de ministro d exigida na Coreia do S

O funeral de um grevista sul-co com a polícia de choque poderá ser a to os seus odrganizadores tentam ol sões políticas. Os organizadores afi conferência de imprensa, que adia exéquias de Lee Sok-Gyu, inicialn feira, a menos que o governo peça morte daquele trabalhador e o m Kwan-Yong, se demita.

Lee, de 21 anos, trabalhador dos no sábado em consequeência dos trabalhadores daqueles estaleiros se de choque nas ruas da ilha de Koj

Apesar de a família ter manifest privado, companheiros de trabalho uma comissão para preparar um fu

Na conferência de imprensa dad colega de trabalho de Lee e preside do funeral, Yang Dong-Seng, exort gases lacrimogéneos para reprimir e apelou à administração da empres as reivindicações dos trabalhadores dições de trabalho.

Centenas de trabalhadores dos es pital de Koje continuam a fazer um primeira pessoa a morrer em conse laboral iniciada na Coreia do Sul a

*espionagem a favor da URSS, é condenado a 30 anos de prisão*

# GOLFO
# UA

pertencentes àLiga Arabe tencionam, por seu lado, propor, na reunião de hoje, a ruptura de relações com o Irão até que ete Estado «acei - te a resolução do Conselho de Segurança da ONU apelan - do a um cessar–fogo».

Entretanto, os raptores de dois alemães–federais no Lí - bano, divulgaram uma gra va - çãoo em video mostrando Alfred Schmidt a pedir ao governo de Bona que estude a libertação de um extremista libanês, Mojhamed Ali Ha - madi, que actualmente aguar - da julgamento na RFA pela sua alegada participação no devsio de um avião norte - –americano em 1985, en - quanto em Nova York, o vi - ce–ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão, reafir - mava que o seu país está dis - posto a servir de medianeiro na negociaçãopara a liberta - ção de reféns no Líbano.

## tro do Interior
## do Sul

sul-coreano morto num reencontro derá ser adiado durante dias, enquan- entam obter das autoridades conces- dores afirmaram a noite passada, em ue adiarão por tempo indefinido as inicialmente previstas para quarta- no peça publicamente desculpa pela e o ministro do Interior, Chung

ador dos estaleiros Daewoo, morreu cia dos ferimentos sofridos quando leiros se defrontaram com a polícia de Koje.

manifestado o desejo de um funeral rabalho de Lee criaram no domingo r um funeral de massas.

nsa dada a noite pasaada, um antigo presidente da comissão encarregada g, exortou a polícia a deixar de usar premir os protestos de trabalhadores empresa Daewoo para que satisfaça hadores de melhorres salários e con-

s dos estaleiros barricados num hos- fazer uma vigília ao corpo de Lee, a m consequênca da onda de agitação do Sul a 1 de Julho.

*África do Sul*

# Câmara das Minas aceita negociações propostas pelo NUM

**As companhias mineiras sul–africanas anunciaram hoje a realização de conversações com o NUM, Sindicato Nacional dos Mineiros, para acabar com a greve que dura há 16 dias em dezenas de minas de ouro e de carvão da África do Sul. As negociações foram solicitadas pelo NUM que enviara um telex às grandes compa - nhias mineiras a oferecer conversações desde que não fossem estabelecidas condições prévias.**

A resposta da Câmara das Minas, que representa as seis maiores companhias do país, foi hoje anunciada por Johann Liebenberg, porta - –voz da organizacão, que, contudo, não especificou se as reivindicações do NUM serão aceites. Este será o primerio encontro entre a Câmara das Minas e o NUM desde que a greve se iniciou a 9 de Agosto. O sindicato esteve já reunido com a An - glo–American Corporation, a maior companhia mineira sul–africana, mas as conver - sações não tiveram resulta - dos significativos.

A greve foi convocada por tempo ilimitado pelo NUM que exige aumentos salriais de 30 por cento, concessão do subsídio de risco e me - lhores condições de traba - lho.

A OIT, Organização Inter - nacional do Trabalho, consi - derou legitimas as exigên - cias dos mineiros sul–africa - nos e apelou ao governo de Pretória para que respeite os direitos dos sindicatos.

Num telegrama enviado ao presidente da Áfrca do Sul, Pieter Botha, o director–ge - ral da OIT, Francis Blan - chard, afirma que a «greve legitima está a ser cumprida para a obtenção de salários decentes e melhores condi - ções de trabalho, agravadas enormemente devido à vio - lência».

### Repressão

As crianças são o princi - pal alvo da repressão na África do Sul, de acordo com um relatório divulgado em Genebra pela Comissão In - ternacional de Juristas, que alega que os abuso físico das crianças, icnluindo a tortura, é uma prática generalizada.

O relatório refere que cerca de 40 por cento das cerca de 25.000 pessoas detidas na África do Sul, ao abrigo do estado de emergência, são menores de 18 anos.

No documento salienta–se que entre estes se incluem bastantes crianças com ida - des compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

Bispos católicos sul–afri - canos apelaram, entretanto ao governo de Pretória para que comute as oemas de mor - te a que foram condenados 32 negros, afirmando que a sua execução poderá «infla - mar ainda mais as paixões políticas» no pa;is. O go - verno sul–africano ainda não anunciou as datas marcadas para os enforcamentos dos 32 detidos, muitos dos quais condendos por homícidios relacionados com a violência anti–apartheid verificada ao longo dos últimos três anos.

«Muitas pessoas conside - ram que as acusações pelas quais os prisioneiros foram condenados são acções de guerra enquadradas na luta pela libertação», refere o co - municado divulgado pela conferência dos bispos ca tó - licos sul–africanos.

### Demissão de ministro

O único ministro sul–afri - cano mestiço, o ministro sem pasta Allan Hendrickse, anunciou ontem que se sed - mitiu do governo do presi - dente Pieter Botha.

Hendrickse entrou em cho - que com Botha por causa das leis do apartheid, que estabe - lecem a separação das áreas residenciais e dos serviços públicos segundo as raças.

*O presidente do Sindicato dos Mineiros sul-africanos, James Motlatse, é levado aos ombros por trabalhadores em greve*

# Reagan utiliza rádio dos "contras"

O presidente Ronald Rea - gan enviou segunda–feira uma mensagem ao povo ni - caraguense através da emis - sora dos antisandinistas «Rádio Libertação», na que parece ser a primeira comu - nicação de Reagan através de uma emissora clandestina. O porta–voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater disse que o texto da mensagem será tor - nado público «proximamen - te» e acrescentou que ele «se relaciona com o plano de paz» para a América Central.

O jornal sandinista «Bar n - cada» anunciou, entretanto, que a Nicarágua entregou um protesto responsabilizando os Estados Unidos pelo ata - que rebelde que provocou a morte de cinco civis e pelos menos dois feridos.

Miguel D´Escoto, ministro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, afirma, numa mensagem de protesto envia - da para o secretário de Esta - do George Shultz que «os Es - tados Unidos são os únicos responsáveis» pelo ataque ocorrido este fim de semana na província nortenha de Ji - notega.

O apoio da administração norte–americana aos «con - tras» nicaraguenses foi tam - bém ontem criticada pelo primeiro–ministro sueco, In - gvar Carlsson, que a consi - derou uma violação do direi - to internacional. A crítica de Carlsson verifica–sepoucos dias antes da sua viagem aos Estados Unidos, on de chega - rá a 9 de Setembro, para a primeira visita, em 35 anos, de um dirigente sueco a Washington.

# 24 HORAS

## Mau tempo ameaça Itália

Chuvas torrenciais e vento forte assolaram ontem o Norte de Itália, provocando inundações, o encerramento dos aeroportos de Milão marés perigosas na Riviera italia - na. Dois navios patrulha afundaram-se perto do porto de Génova durante uma operação de salvamento, mas os seus nove tripulantes foram recolhidos por um helicóptero. Vá - rios voos nacionais e internacionais foram cancelados nos aeroportos de Linate e Malpensa. Em Milão, a chuva inten - sa provocou cortes de energia, inundou caves e levou a enormes engarrafamentos de trânsito. As autoridades re - ceiam a ocorrência de derrocadas na região dos vales alpi - nos e estão a considerar a retirada de cerca de 2 mil habitan - tes desta região, já afectada por desmoronamentos de ter - ras em finais de Julho, em desastres que provocaram mais de 30 mortos.

## Missão de Madre Teresa na URSS?

Moscovo está a considerar a possibilidade de quatro freiras da missão de caridade de Madre Teresa de Calcutá virem a trabalhar em hospitais e creches na União Soviéti - ca, afirmou ontem fonte oficial. Genrich Borovik, dirigente do Comité Soviético para a Paz, disse a jornalistas que a possibilidade de as «missionárias da caridade» virem a tra - balhar na URSS estava a ser estudada pelas autoridades. Falando no final da sua visita de seis dias à URSS, que a le - vou a encontrar-se com dirigentes da Igreja ortodoxa russa, Madre Teresa disse que ainda não tinha pedido autorização para a actuação da sua missão neste país.

## "Outono quente" em França

Os sindicatos franceses iniciam esta semana os prepa - rativos para um «Outono Quente», marcado pelas diferen - tes posições e objectivos de cada um, a poucos meses das próximas eleições presidenciais. Segundo diferentes líderes sindicais franceses, não haverá grandes novidades nos as - suntos das actividades das suas organizações durante os próximos meses, entre os quais se destacam a situação dos funcionários públicos, a Segurança Social e o Emprego. Tudo parece indicar que as organizações laborais manterão a tónica do ano passado e só unirão as suas posições no pro - blema do funcionalismo público, segundo os observadores.

## "Greenpeace" falha operação

Membros da organização ecologista, «Greenpeace» não con - seguiram impedir na segunda-feira a incineração de 3000 tone - ladas de resíduos tóxicos do mar do Norte. Os membros do «Greenpeace», a bordo do «Sirius» e outras embarcações da organização, perseguiram o cargueiro «Vulcanus II» até à zona onde se procedeu à incineração, a 250 quilómetros da costa holandesa. Posteriormente, os ecologistas informaram que o «Vulcanus II», tinha violado as normas da incineração estipula - das pela convenção de Londres.

## Tensão prevalece no Panamá

Um ambiente de tensão prevalece na cidade do Panamá depois dos confrontos ocorridos na quinta-feira entre estudantes e a Polícia. No fim-de-semana mulheres panamianas desfilaram pelas ruas da capital exigindo a demissão do general Manuel António Noriega das Forças de Defesa do Panamá. No sector estudantil a inquietação está centrada num «pedido formal às autoridades para que libertem os estudantes detidos na passada quinta-feira próximo da Universidade».

## Palau fica associado aos EUA

Os Estados Unidos consideram já oficialmente aprovado o tratado que considera a ilha de Palau, no Pacífico, um território seu associado — anunciou segunda-feira a Secretaria de Estado. No entanto, ainda é preciso cumprir algumas formalidades antes de começar o auxílio económico de quase 1000 milhões de dólares prometido para um período de 50 anos àquele território autónomo da Micronésia — disse Phylis Oakley, porta-voz da Secretaria de Estado. Os resultados finais ainda não oficiais do plesbicito de sexta-feira passada diem que 73,04 por cento da população de Palau decidiu aceitar o acordo de associação que acaba com o estatuto de curadoria existente desde há 40 anos.

## Sacerdotes desaparecem no Haiti

Dois sacerdotes católicos, opositores do Conselho Nacional de Governo (CNG) no poder no Haiti, desapareceram sábado, depois de terem sido emboscados no povoado de São Marcos, a 60 quilómetros de Port-Au-Prince. Os sacerdotes desaparecidos foram identificados como sendo Jean Bertrand Aristide, um crítico, dentro e fora da Igreja do actual governo haitiano, e William Smarth, que vivia em Nova Iorque e que foi viver para o Haiti, depois do afastamento do ditador Jean Claude Duvalier em Fevereiro de 1986. Os acompanhantes dos clérigos foram espancados durante o incidente.

## Inapa ganha e investe

A INAPA — Indústria Nacional de Papéis obteve no primeiro semestre um resultado de 540 242 contos, superior em 43 por cento ao de igual período do ano passado (378 396 contos), de acordo com as contas, já divulgadas.

Durante os primeiros seis meses do ano, A INAPA comercializou 33 460 toneladas de papéis finos brancos, sendo 24 810 toneladas no mercado interno e 8650 no mercado externo. A produção atingiu 32 750 toneladas, sensivelmente igual à de 1986.

O volume de vendas subiu a 4,316 milhões de contos, mais 23 por cento que no primeiro semestre de 1986.

O relatório apresenta ainda «ratios demonstrativos de um reforço da sitação financeira sólida da empresa: liquidez geral — 4,0 (1.º semestre 1987 —1,4 no 1.º semestre de 1986), liquidez reduzida — 3,0 (0,9), solvabilidade — 5,5 (1,4), autonomia financeira — 0,85 (0,60).

O Conselho de Administração da INAPA afirma que «a evolução positiva da conjuntura interna e externa, na nossa principal área de actividade, veio confirmar as perspectivas de desenvolvimento» traçadas em 1986.

Revela, ainda, estar em curso uma política de investimento coordenada no sentido da expansão da produção de papéis finos e do desenvolvimento de um núcleo de empresas associadas.

## Preços dos supermercados baixam mais no Porto que em Lisboa

Os preços médios de venda nos supermercados de Lisboa e Porto, diminuiram 0,5 e 1 por cento, respectivamente, entre Abril e Julho últimos, revela um inquérito levado a cabo pela Direcção Geral de Concorrência e Preços. Para essa descida contribuiram essencialmente os grupos «alimentação e bebidas» e «conservação e limpeza».

Face a período homólogo do ano anterior, os preços em Julho último representavam acréscimos de 4,7 por cento em Lisboa e de 4,1 no Porto. Os grupos de produtos mais encarecidos foram os «diversos» e os de «toucador e higiene pessoal», quer se considere a variação anual ou semestral dos preços.

Note-se que os distritos de Lisboa e Porto continuam a exercer uma especial atracção para os empresários que abrem supermercados: com efeito, segundo se lê no «Boletim do Comércio Interno», dos 14 supermercados criados no primeiro semestre de 1987, 10 dividiram-se igualmente por aqueles dois distritos. Nota-se também preferência por supermercados de pequena dimensão, e pela propriedade social em detrimento do empresário em nome individual.

# VIABILIZAÇÃO DO ENTREPOSTO JÁ APROVADA NO GOVERNO

Condições especiais de regularização das dívidas à Segurança Social e ao Fundo de Desemprego foram concedidas ao Entreposto Industrial de Setúbal numa tentativa do Governo para viabilizar a empresa.

A resolução é ainda do décimo governo, mas só agora foi publicada no «Diário da República». O plano de viabilização é da autoria da empresa, que se encontra em situação económica difícil e na iminência de despedir parte do seu contingente de trabalhadores, e foi por ela apresentado ao delegado do Governo para a dinamização da actividade económica da península de Setúbal.

A partir desse plano, o Governo aprovou o esquema de regularização da dívida referida, sublinhando na resolução que a empresa assume **particular importância no contexto social e geográfico da região e oferece inquestionável interesse quer sectorial quer regional.**

Assim, a dívida à Segurança Social e ao Fundo de Desemprego será amortizada em dez anos, em prestações mensais e crescentes, sendo os dois primeiros anos de carência. Por outro lado, não serão exigidos juros de mora vencidos e vincendos no período de amortização. A empresa não informou sobre o montante da dívida.

O plano de pagamento indica que no terceiro ano será pago um por cento da dívida, no quarto, 2 por cento, e no quinto, 4 por cento. Entre o sexto e o nono ano serão pagos 64 por cento (em partes iguais de 18,5 por cento), e no décimo, por fim, 19 por cento.

Ao mesmo tempo, o ministro das Finanças promoverá a adopção de medidas de regularização das dívidas fiscais da empresa, e o do Trabalho a adopção de medidas tendentes à suspensão das acções judiciais em curso que pendem contra o Entreposto.

A difícil situação do Entreposto Industrial levou a Administração a solicitar ao Governo autorização para proceder ao despedimento de 300 trabalhadores da secção de metalomecânica, actualmente encerrada. O processo encontra-se suspenso.

Os trabalhadores apresentaram entretanto um projecto de transformação em cooperativa da secção que consideram viável.

A resolução adoptada tem como corolário a execução de medidas de natureza excepcional que, a curto prazo, **permitam não só a sua recuperação, mas também uma adequada protecção dos credores e a tutela dos interesses dos trabalhadores.**

## Portucel financia-se no exterior

A Portucel, empresa pública de celulose e papel está a estudar a emissão para o último trimestre deste ano «eurocommercial paper», uma forma de dívida de curto prazo transaccionável, emitida pelas empresas em alternativa a empréstimos bancários.

«Estamos a estudar essa hipótese, como mais uma forma de obter dinheiro no exterior, o mais barato possível» — disse Ramos Marques, director financeiro da empresa.

A internacionalização do sector financeiro e as menores taxas de juro que se têm vindo a verificar no euromercado impulsionaram, ao longo de 1985 e 1986, o desenvolvimento de um mercado de «eurocommercial paper».

As emissões (em ECU ou dólares norte-americanos e por prazos típicos de 1, 3 ou 6 meses) envolvem montantes muito elevados (mínimo 500 000 a 1 milhão de dólares americanos), sendo os títulos colocados, através de um ou mais «dealers», junto das instituições de crédito participantes no euromercado.

Dois despachos foram, entretanto, publicados no «Diário da República», autorizando a Portucel a um endividamento externo até ao montante de cerca de 14 milhões de contos.

Um dos despachos, que tem um «plafond» da ordem dos 50 milhões de dólares norte-americanos (cerca de 7 milhões de contos), tem como intermediário da Portucel a empresa financeira «Merril Linch Capital Markets».

O objectivo do outro despacho (autorizado o endividamento externo até 7 milhões) é o financiamento de exportações.

*Ao estrangeiro*

## Cada português deve 238 contos

A dívida externa portuguesa era de 16,7 mil milhões de dólares no final do primeiro trimestre, segundo informação colhida pela agência Lusa no Departamento Central de Planeamento. Isto significa que dos 2,38 mil milhões de contos devidos ao estrangeiro, cabiam a cada português responsabilidades equivalentes a cerca de 238 contos, perto de meio ano de trabalho.

Esta dívida era superior em 197 milhões de dólares (uns 28 milhões de contos ao câmbio do dia), relativamente a idêntico período do ano passado, e crescera em três meses mais 686 milhões de dólares, dado ter passado de 16,109 mil milhões em fins de Dezembro de 86 para os referidos 16,795 mil milhões de Março de 87.

De 85 para 86 a dívida externa tinha sido abatida em cerca de 500 milhões de dólares (com reescalonamento do seu serviço aproveitando a baixa das taxas de juro internacionais); mas durante todo o ano passado e, segundo os dados mais recentes, também em 87 ela não parou de crescer.

A situação duramente deficitária das contas externas, no entanto, só não se agravou ainda mais porque se pouparam 26,4 milhões de contos na importação de combustíveis e 10,7 milhões na compra de cereais, durante o primeiro trimestre do ano corrente.

Na massa de indicadores do comércio e da dívida externos ontem tornada pública avulta outro dado interessante: Portugal, ainda que dispondo da maior zona económica exclusiva da Comunidade Europeia, duplicou as importações de peixe nos primeiros seis meses deste ano.

## COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por Unidade) COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 52$20 | 58$20 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 77$75 | 78$95 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 11$00 | 11$20 |
| BÉLGICA (franco) | 3$538 | 3$788 |
| BRASIL (cruzado) | 1$700 | 3$200 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 106$80 | 109$300 |
| (notas de 5 a 1000) | 107$30 | 109$80 |
| DINAMARCA (coroa) | 20$20 | 20$60 |
| ESPANHA (peseta) | 1$125 | 1$245 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 141$50 | 145$00 |
| (notas de 5 a 1000) | 142$00 | 145$50 |
| FINLÂNDIA (marka) | 32$05 | 32$75 |
| FRANÇA (franco) | 23$25 | 23$95 |
| HOLANDA (florim) | 69$00 | 70$10 |
| IRLANDA (libra) | 209$10 | 213$10 |
| ITÁLIA (lira) | $098 | $113 |
| JAPÃO (iene) | $952 | 1$007 |
| NORUEGA (coroa) | 21$20 | 21$70 |
| REINO UNIDO (libra) | 232$05 | 236$55 |
| SUÉCIA (coroa) | 22$20 | 22$70 |
| SUÍÇA (franco) | 94$30 | 95$80 |
| VENEZUELA (bolívar) | 4$45 | 5$45 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

# Cursos de Formação Profissional para instrumentistas

**O Sindicato dos Músicos vai organizar dois cursos - um para instrumentistas e outro para animadores musicais - com o objectivo de colmatar a «insuficiente» formação concedida nos conservatórios. À semelhança da infinidade de cursos de formação profissional que estão a decorrer no País, estes do Sindicato dos Músicos são igualmente co-financiados pelo Fundo Social Europeu.**

«Não se pretende substituir o trabalho das escolas», garantiu Rosa Ventura, uma das pessoas responsáveis pela organização dos cursos e que, junto com Carlos Passos, nos recebeu para esclarecer as linhas principais da iniciativa daquele sindicato. De qualquer modo, as opiniões sobre a formação prestada nos dois estabelecimentos oficiais de ensino de música- Conservatórios de Lisboa e Porto - e demais escolas particulares não são, na generalidade, muito favoráveis.

Prova dessa situação são as 100 vagas nas orquestras. A da Gulbenkian tem um excesso de estrangeiros nos seus quadros e «exige um elevado nível artístico que a actual formação musical nacional não está em condições de chegar para as encomendas», a de S.Carlos que tenta preencher as suas vagas e a da RDP sem abrir concurso faz oito anos. O próprio Conservatório, como nos disseram, encontra-se em reestruturação há 15 anos, nada estando feito «a nível do plano musical», como conclui Carlos Pessoa.

### Para jovens dos 18 aos 25 anos

Os cursos de formação profissional, subsidiados pelo Fundo Social Europeu e com o apoio pedagógico da Associação Portuguesa de Educação Musical, visam assim complementar a formação de jovens de 18 aos 25 anos para sectores onde faltam trabalhadores especializados, como é o caso dos instrumentistas e de animadores musicais.

O curso de aperfeiçoamento de instrumentistas que abrange todos os instrumentos de orquestra - corda, sopro e percussão -, consiste num curso intensivo de 14 semanas, visando, sobretudo, dar uma prática de conjunto, e fornecendo aos 60 formandos previstos uma hora semanal de aperfeiçoamento do instrumento e 14 horas semanais de música de câmara e orquestra.

No orçamento de 19,7 mil contos, está contemplado um subsídio de formação correspondente ao ordenado mínimo nacional, de modo a possibilitar aos jovens uma mais inteira dedicação ao curso sem terem de recorrer a trabalho eventual para subsistência.

Para a sua selecção «não se olhará para o curriculum», como nos disseram. Exigir-se-à que tenham uma formação musical ao nível do curso geral completo, mas a prova final constará de uma audição através da qual serão escolhidos ou não pelos professores do curso. Entre eles, estão já confirmados Aníbal Lima, Anabela Chaves e Irene Lima para as cordas, Alexandre Oliva e Leonardo Barros para Música de Conjunto e Jorge Peixinho para Música Contemporânea.

O segundo curso - para técnicos de animação musical - destina-se a jovens que pretendam fazer animação, usando a música como suporte como é exemplo possível a que possa ser feita em creches, lares, paróquias, sociedades de cultura e recreio, centros de recuperação, cercis, etc.

«Não existe nenhuma entidade que forme actualmente animadores musicais», salienta Rosa Ventura, sendo por isso importante, na sua opinião, que alguém possa «pegar nos jovens que gostam de música ligada a outro tipo de actividade que não a de músico profissional».

Neste caso, trata-se de um curso, de orçamento de 60 mil contos e previsto para 100 pessoas, com 30 horas semanais e que se estenderá por 16 semanas, repartido em quatro edições - duas em Lisboa e duas no Porto.

*Romão e Resende, tendo Grácio ao meio, que os «rebeldes» também pretendem substituir*

*Eleições na FPF*

# "Rebeldes" podem derrotar "conservadores"

Alves Henriques

A luta eleitoral na Federação Portuguesa de Futebol promete. Depois de se haver admitido que Silva Resende não iria sentir grande dificuldade em voltar a bater Romão Martins, já que dispunha de larga vantagem pontual, através do apoio dos «conservadores» liderados pela Associação de Futebol do Porto, surge grande conflito na A de Castlo Branco, com o SC Covilhã a pretender destituir Manuel Barata e impor a eleição (ou nomeação?) de Fernando Marques Jorge no cargo presidencial, resultando daqui a mudança dos votos daquela associação a favor de Romão Martins.

Sobre este assunto diz Manuel Barata: **ainda não perdi o mandato e a minha associação vai continuar a apoiar Silva Resende.** Por seu lado, o presidente do SC Covilhã — que chamou a si a liderança do conflito — afirma que **Manuel barata já perdeu o lugar e o nome do novo presidente é Fernando Marques Jorge que ontem foi indigitado pelo SCC e vai já participar na próxima assembleia eleitoral e apoiar a lista encabeçada por Romão Martins.**

Bem, aqui escapa-se-nos qual o preceito em que se finca o dr. Brito Rocha para impor uma mudança na Associação à revelia da assembleia geral e julgamos que tal não terá fundamento legal.

Um caso para juristas resolverem.

Recorde-se que Castelo Branco conta com 13 votos e tendo em atenção o nome dos elementos que integram a lista encabeçada por Romão Martins, o número das associações «rebeldes» eleva-se para 14, somando 232 votos contra 231 das oito «conservadoras».

Vejamos os elencos que se encontram «cozinhados»:

Lista dos rebeldes: Romão Martins (Lisboa); Azevedo Félix (Aveiro), Leiria Pinto (Castelo Branco); António Monteiro (Setúbal); David Sequerra (Lisboa), Artur Filipe (Ponta Delgada), Ferraz Alves (Guarda), Xavier (Santarém) e um elemento a indicar por Coimbra. Suplentes: José Lobo (Évora), José Moura (Portalegre), João Ferrico (Horta) e um representante de Beja.

Lista dos «conservadores»: Silva Resende (Lisboa, mas indicado pelo Porto), Pais do Amaral (Porto), Fernando Roriz (Braga), António Pimenta (Leiria), Eduardo Tenazinha (Faro), Manuel Saraiva (Porto) e Mário Dias Lops (Castelo Branco).

De acordo com os votos que cabem a cada uma das 32 associações e partindo do princípio de que as posições agora desenhadas não irão sofrer alteração até às 17 horas de hoje (limite para entradas das listas na sede federativa), teríamos a seguinte votação no dia 12 de Setembro:

**RESENDE**

| | |
|---|---|
| **Porto** | 85 |
| **Braga** | 40 |
| **Faro** | 34 |
| **Funchal** | 14 |
| **Vila Real** | 12 |
| **Viana do Castelo** | 10 |
| **Bragança** | 10 |
| **Leiria** | 26 |
| | 231 |

**ROMÃO**

| | |
|---|---|
| **Lisboa** | 54 |
| **Santarém** | 14 |
| **Setúbal** | 32 |
| **Aveiro** | 40 |
| **Viseu** | 12 |
| **Coimbra** | 21 |
| **Ponta Delgada** | 4 |
| **Angra do Heroísmo** | 5 |
| **Horta** | 2 |
| **Beja** | 4 |
| **Portalegre** | 17 |
| **Évora** | 6 |
| **Castelo Branco** | 13 |
| **Guarda** | 8 |
| | 232 |

**Nos bastidores certamente que as forças se irão movimentar, podendo surgir uma qualquer manobra que faça modificar o quadro actual e bastará uma abstenção para modificar o xadrez que agora se apresenta. Uma coisa é certa: a luta já começou e promete**

*Segundo a autópsia*

# ENFARTE AGUDO MATOU PAULO NAVALHO

Sobre a morte súbita do jovem Paulo Navalho, futebolista do Atlético Clube de Portugal, ocorrida na manhã do domingo quando integrava a sua equipa no confronto com os árabes do Al-Jazir, a autópsia revelou que ela se deveu a um enfarte de miocárdio agudo.

Naturalmente que importa registar o parecer de médicos afectos ao Instituto de Medicina Legal, do Centro de Medicina Desportiva e do clube que Paulo Navalho representava. Vejamos o que cada um exprimiu:

**«São muito escassos os casos deste género e não deixo de considerar estranho e anormal a morte, desta maneira, de um rapaz novo, ainda por cima tratando-se de um desportista. Tratou-se dum enfarte que surgiu sem aviso prévio, repentinamente, sem dar tempo para qualquer espécie de assistência e as menores hipóteses de fazer fosse o que fosse para evitar a morte.»**

Este é o parecer do dr. José Sombreireiro, director dos Serviços de Tantatologia do Instituto de Medicina Legal, que realizou a autópsia do malogrado futebolista.

No que se retere ao Centro de Medicina Desportiva, os registos indicam que Paulo Navalho foi anualmente examinado desde 1982 a 1986 e de acordo com o dr. João Paulo de Almeida julga-se que outro se terá realizado no começo deste ano, na Guarda, onde o futebolista se encontrava em actividade e o dr. João de Almeida adiantaria que **«tanto no exame feito em 1986 como nos anteriores, nada foi detectado que impedisse a prática desportiva a Paulo Navalho e, por outro lado, ele também nunca apresentou queixas que pudessem sugerir qualquer tipo de patologia».**

Naturalmente que o infeliz atleta não teria comunicado, ao CMD nem aos departamentos médicos dos clubes que representou, o facto de há alguns anos ter contraído um traumatismo craniano e sobre este assunto tem o dr. José Feio (médico do Atlético) esta opinião: **«O traumatismo craniano é uma situação muito comum em atletas e resulta de uma pancada qualquer. Mas não tem qualquer ligação com a crise cardíaca que vitimou o nosso jogador. Ele caiu fulminado exactamente porque morreu. Se se tivesse sentido mal, se houvesse algum-mal estar pronunciado de um problema orgânico, o atleta teria feito um gesto espontâneo de se tentar segurar, antes de cair. Ele caiu de costas, perfeitamente fulminado pela crise cardíaca que o vitimou.»**

O dr. José Feio (que refuta que alguém possa pretender fazer vingar a teoria de caso de «doping») adianta que Paulo Navalho **«nunca acusou qualquer problema cardíaco, para sofrer um enfarte tão forte e rápido que lhe rebentou por completo o ventrículo esquerdo, como ficara demonstrado no exame médico-legista».**

Estes, os pareceres de três médicos sobre a fatídica morte dum jovem atleta de 20 anos de idade que já repousa na sombra dos ciprestes. Talvez valha a pena saber-se se o traumatismo craniano, sofrido num encontro entre o Benfica e o Estrela da Amadora ocorrido há algum tempo, constara dos registos no Centro de Medicina Desportiva e, em caso afirmativo, se o facto deveria (ou não) ser impeditivo de Paulo Navalho exercer a actividade de futebolista.

*Ainda o "caso-Mapuata"*

# Federaçãomexe nos regulamentos

O «caso-Mapuata», que estava na origem da bizarra decisão que levou ao alargamento das três divisões no «nacional» de futebol, determinou que a FPF mexesse na regulamentação que rege a transferência de jogadores estrangeiros e daí um comunicado com o seguinte teor:

«1) — Logo que o clube português chegue a acordo com o clube de origem do jogador que pretende transferir e inscrever, solicitará à Federação Portuguesa de Futebol, via Associação respectiva — ou directamente, no caso de urgência, com expressa menção de ter sido dado conhecimento à Associação — que seja pedido o certificado internacional relativo ao jogador.

2) — Logo que a congénere da FPF lhe comunique por telex que autoriza a transferência e que irá enviar o certificado internacional, a FPF informará por telex a Associação a que pertence o clube interessado de que poderá a partir desta data receber do clube a inscrição/transferência, bem como o contrato e enviá-los à FPF com a taxa devida.

3) — Logo que a FPF receba o certificado internacional — original ou telefax — comunicará de imediato à respectiva Associação:

a) — Que o jogador pode actuar oficialmente no caso de já estar na posse da Federação a documentação necessária (inscrição/transferência, contrato, taxa) e esta verifique que a mesma se encontra em ordem;

b) — Que o jogador pode actuar oficialmente, no caso de a documentação do jogador já estar na posse da Associação respectiva mas não da Federação; porém, neste caso, o jogador actuará sob a responsabilidade do clube quanto à existência de eventuais anomalias que venham a ser detectadas pela Federação, com consequências idênticas às previstas para a inscrição dos jogadores portugueses.»

# Brasil: clubes e Confederação em conflito permanente

A «Copa do Brasil» de futebol corre o risco de não se disputar devido aos conflitos existentes entre os clubes, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e as federações dos Estados.

Especialistas desportivos lançaram a ideia da realização de torneios nas grandes cidades em vez da «Copa do Brasil» já que assim os grandes clubes não teriam os prejuízos económicos verificados nos últimos anos, quando os campeonatos nacionais se disputarem com mais de 80 equipas e dois jogos por semana.

A Confederação Brasileira de Futebol programou para 1987 um campeonato com os 32 primeiros classificados de 1986, mas as federações querem a inclusão das equipas dos seus Estados.

Perante esta situação os 13 maiores clubes do país, o chamado grupo dos 13 decidiram, numa reunião realizada no Rio de Janeiro, que disputarão um torneio entre eles, a «Copa União».

Os clubes anunciaram que o torneio será dividido em dois grupos. No primeiro jogarão Santos, Vasco da Gama, Cruzeiro, Fluminense, Internacional e São Paulo. No segundo Baía, Botafogo, Flamengo, Palmeiras, Atlético Mineiro e Corinthians.

O vice-presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda, afirmou que disputarão a competiçã e, sobre um possível veto federativo, declarou: «na actual situação não sei se a CBF pode proibir ou permitir alguma coisa».

Os presidentes de 23 das 26 federações do país tentaram, sem êxito, a realização durante esta semana de uma assembleia extraordinária da CBF, na qual exigiriam a renúncia do presidente, Octvio Pinto Guimarães, e do vice-presidente, Nabi Abi Chedid.

As federações opositoras, que já anunciaram que irão recorrer à justiça federal, têm a partir de agora outro poderoso inimigo: o Conselho Nacional dos Desportos, pois seis dos nove integrantes daquele conselho criticaram o movimento das federações.

# "Dragõezinhos" em Caracas

O FC Porto defronta o golo Colo do Chile, no dia 29 no seu primeiro encontro, da II Taça Intercontinental de Futebol Infantil, que se disputa em Caracas.

À sua chegada à capital da Vene, os jovens jogadores portistas tiveram uma calorosa recepção por parte de representantes da colónia portuguesa naquela cidade.

«Estamos muito gratos por sermos recebidos desta forma e estamos convictos que podemos chegar à final do torneio» — disse Bernardino Freitas, responsável pela delegação lusitana, enquanto o treinador Eduardo Soares afirmou, por seu turno, que o FC Porto está com ambições na prova e que conta com o apoio dos portugueses residentes naquele país.

Participam no torneio dez equipas representantes da América Latina e Europa.

# Platini: "pivot" da RAI

O ex-futebolística «internacional» francês Michel Platini assinou um contrato por três anos com a RAI para apresentar programas desportivos e culturais — anunciou a cadeia de televisão estatal italiana. Platini (32 anos) abandonou na última época o futebol, após cinco anos ao serviço da Juventus de Turim (Itália). Anteriormente, a RAI tinha firmado contrato com o brasileiro Falcão (ex-jogador do Roma) que participará todos os Domingos num programa desportivo.

## EUA dominaram Jogos Pan-Americanos

Os EUA dominaram os Jogos Pan-Americanos, conquistando 169 medalhas de ouro, 120 de prata e 81 de bronze. Para melhor se realçar a supremacia dos norte-americanos — que perderam a final masculina de basquetebol com Brasil por 120-115 — recordamos o quadro dos 10 países que «amealharam» maior número de medalhas:

| | Ouro | Prata | Bronze | Total |
|---|---|---|---|---|
| **1.º Estados Unidos** .. | 169 | 120 | 81 | 370 |
| 2.º Cuba ..... | 75 | 52 | 48 | 175 |
| 3.º Canadá ..... | 30 | 56 | 75 | 161 |
| 4.º Brasil ..... | 14 | 14 | 33 | 61 |
| 5.º Argentina ..... | 12 | 14 | 20 | 46 |
| 6.º México ..... | 9 | 11 | 18 | 38 |
| 7.º Porto Rico ..... | 3 | 6 | 18 | 27 |
| 8.º Venezuela ..... | 3 | 11 | 12 | 26 |
| 9.º Colômbia ..... | 3 | 8 | 13 | 24 |
| 10.º Costa Rica ..... | 3 | 4 | 6 | 13 |

## Seul: entendimento vai tardando

O Comité Olímpico Internacional rejeitou uma proposta norte-coreana para novas coversações com a Coreia do Sul com vista à realização conjunta dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul. «**Estamos à espera que a Coreia do Norte nos diga se aceita ou rejeita a proposta feita pelo COI no mês passado**« — disse Michele Verdier, porta-voz daquele organismo desportivo.

A proposta do COI prevê que a Coreia do Norte venha a organizar integralmente cinco modalidade olímpicas, tendo os norte-coreanos exigido oito eventos, incluindo todo o torneio de futebol.

A Olimpíada de 1988 foi entregue a Seul, mas o COI decidiu que seria positivo que a Coreia do Sul repartisse as modalidades com a sua vizinha Coreia do Norte, com vista a evitar um possível boicote dos países comunistas.

## Milão não cede futebolistas

AC Milão anunciou que não dispensa os futebolistas Ruud Gullit e Marco Van Basten para jogar pela selecção da Holanda com a Bélgica num encontro particular a disputar a 9 de Setembro.

Guido Sussini, porta-voz do clube italiano, afirmou que a decisão foi tomada de comum acordo com os dois jogadores que tveram a sua estreia na equipa de Milão há quatro dias. Contudo, Sussini sublinhou que o seu clube respeitará os acordos firmados com a Federação Holandesa para sete dispensas por ano.

## Lutador morre por esmagamento

Um lutador com mais de 150 quilos quilos, conhecido pelo nome de «King Kong» Kirk, morreu esmagado no ringue pelo seu opositor «Big Daddy» durante um combate travado domingo em Great Yarmouth, Inglaterra.

A equipa médica de emergência teve enormes dificuldades em transportar o lutador de 157,5 quilos para a ambulância, tendo Kirk chegado já sem vida ao hospital de James Paget, em Gorleston.

O árbitro procedeu à contagem até três, mas depois apercebeu-se de que «King Kong» Kirk não reagia, tendo sido necessários oito homens para transportar o lutador até à ambulância.

**BEM PESCA — SOCIEDADE DE PESCA, L.DA**

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 25 de Maio do ano corrente, exarada de fl. 39 a fl. 41 do livro de notas para escrituras diversas n.º 60-G do 6.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria do Carmo Antunes dos Santos, Joaquim Palmeiro Antunes, António Manuel Fonseca Moreira Rato, Valentim Manuel Gameiro Esteves e Carlos Alberto Pires Vieira deixaram de fazer parte da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe, com sede em Lisboa, no Edifício dos Armadores, 15, Doca da Pesca, Pedrouços, freguesia de Santa Maria de Belém, e número de identificação 501466665, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 60 298 do livro C-151, e renunciaram à gerência que exerciam na mesma.

E, pela mesma escritura, Vítor Manuel de Jesus Cardoso e Orlando Martins Francisco, como únicos sócios que ficaram sendo da indicada Sociedade, nomearam-se gerentes da mesma.

Vai conforme o original.

6.º Cartório Notarial de Lisboa, 29 de Junho de 1987. — O Escriturário Superior, *(Assinatura ilegível)* 1-0-14 648

25 de Agosto de 1987



*"Mundiais" de ciclismo*

# ACÁCIO SILVA NO GRUPO DOS FAVORITOS

A Itália apresenta-se como a grande favorita aos campeonatos mundiais de ciclismo (amadores o profissionais), mas o campeão do mundo de estrada Moreno Argentin mostra-se pouco convicto na defesa do seu título.

A Itália inscreveu-se em oito provas de estrada, com fortes ambições de superar as restantes 42 equipas adversárias, entre as quais se conta Portugal, também representada com ciclistas profissionais e amadores.

Entre os portugueses, **Acácio Silva** deverá ser sem dúvida o alvo central das atenções, contando o sector profissional ainda com **Américo Silva, Fernando Carvalho e Joaquim Gomes,** enquanto na corrida de amadores, Portugal estará representado por **David Assunção, Jorge Silva e Orlando Neves.**

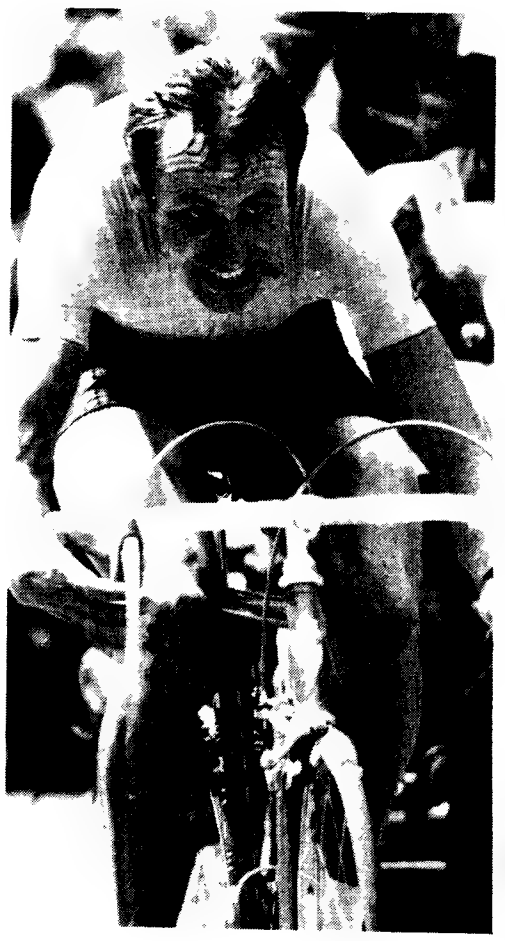
Na luta pelo título maior, Argentin não esconde o seu receio, afirmando: «só há um lugar paa campeão do mundo e todos estão interessados nesse lugar».

Os rivais mais directos de Argentin são os irlandeses Stephen Roche e Sean Kelly, sendo de destacar que o primeiro bisou com vitórias no «Giro» e na Volta à França

Também o polaco Lech Piasecki, que chegou a envergar a camisola amarela no «Tour», se mostra com pretensões em se tornar no primeiro ciclismo de Leste a conquistar o título mundial.

As diversas provas de amadores e profissionais para os sectores masculinos e femininos terão como cenário um circuito em Villach, localidade próxima das fronteiras com a Itália e Jugoslávia.

A maioria dos 1500 ciclistas inscritos na prova esteve já em Viena em estágio, utilizando com frequência o velódromo de 250 metros do Estádio Dusika.



*Zoetemelk: presença aos 41 anos*

*Acácio: figura lusa entre os favoritos*

Catorze títulos mundiais em pista estarão em disputa na primeira semana de provas, devendo os ciclistas deslocarem-se para Corinthia para as provas de estrada.

O suíço Urs Freuler, que conta com oito títulos mundiais em pista, declarou a propósito do local da prova: «é uma pista muito rápida e interessante».

Na corrida de perseguição para amadores o grande duelo vai-se travar entre o campeão soviético Viatcheslav Ekimov e o seu compatriota Guintautas Umaras, podendo uma surpresa surgir do australiano Dean Woods.

A Bélgica, que tem sido uma autêntica «fábrica» de campões mundiais, vai estar também representada por uma equipa de 12 ciclistas, liderada por Eric Vanaraerden.

O veterano holandês Joop Zoetemelk, de 41 anos, campeão mundial em 1985, e vencedor do «Tour» em 1980, vai enriquecer a galeria de ciclistas em Viena, depois de a organização ter aberto uma excepção ao regulamento que impede a entrada a atletas com mais de 40 anos.

Uma prova de 50 quilómetros para mulheres foi pela primeira vez criada nestes mundiais, devendo nela participarem concorrentes de 21 países e a francesa Jeannie Longo e a norte-americana Janelle Parks surgem como as candidatas melhores colocadas para alcançarem o êxito naquele sector.

# Ténis: portugueses sobem no "ranking"

Os tenistas portugueses João Cunha e Silva e Nuno Marques subiram 16 e 13 lugares respectivamente na classificação da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), divulgada em Arlington.

Tanto Nuno Marques como Cunha e Silva receberam mais 2 pontos para o «ranking» mundial, devido à sua actuação no torneio de Istambul, na Turquia, onde atingiram a segunda eliminatória, depois de terem sido apurados no torneio de qualificação.

Nuno Marques continua a ser o português mais bem classificado, ocupando agora o lugar número 359, com uma média de 2,4167 pontos, correspondentes a um total de 29 pontos e Cunha e Silva subiu 16 lugares para o posto número 433 no «ranking» mundial, tendo agora uma média de 1,583 pontos para um total de 19 pontos.

Pedro Cordeiro, que não actuou em Istambul, subiu seis lugares, para o posto número 529, com uma média de 0,916 pontos.

Na classificação de pares, os três tenistas portugueses mantêm as suas pontuações, embora com ligeiras alterações na classificação.

Cunha e Silva desceu quatro lugares, ocupando agora o posto número 290, com uma média de 5,0 pontos, correspondente a um total de 60 pontos; Nuno Marques subiu dois lugares para o posto número 613, com uma média de 0,9167 pontos, correspondente a um total de 11 pontos e Pedro Cordeiro manteve a média de 3,083 pontos, correspondente aos 37 pontos alcançados, mas baixou quatro lugares, ocupando agora o posto número 380.

Nos primeiros lugares, salienta-se a subida ao segundo lugar do sueco Stefan Edberg, depois da sua vitória no torneio de Cincinatti, por troca com o seu compatriota Mats Wilander, e a descida de John McEnroe para o 9.º lugar.

### Cunha e Silva no «Circuito» de Vigo

João Cunha e Silva qualificou-se para a segunda eliminatória do primeiro torneio do Circuito Satélite Espanhol em Vigo, ao afastar o argentino Carlos Castellan por 4-0 e desistência.

O campeão nacional defronta hoje o espanhol Florentino Anda.

### Curso de arbitragem

A Federação Portuguesa de Ténis vai promover de 19 a 27 de Setembro um curso de árbitros no Estádio Nacional, durante a realização do campeonato de Portugal de primeiras categorias.

O curso terá duas componentes — uma teórica com aulas à noite e uma prática com aulas durante o dia.

António Sequeira e António Flores Marques são os prelectores do curso.

### «Oporto Vitalis Ladies Open»: quadro principal começa hoje

Ao contrário do que estava inicialmente previsto, o quadro principal de singulares do «Oporto Vitalis Ladies Open» só hoje se começa a dputar, pois razões de ordem técnica, relacionadas com a inscrição de uma das jogadoras, obrigaram à realização de um novo sorteio, o que levou ao adiamento do início da prova, que a partir de hoje se disputa no Clube de Ténis do Porto.

O sorteio, realizado ao fim da tarde de ontem pelo juiz-árbitro Jorge Dias, ditou para adversárias das portuguesas Marta Varanda e Patrícia Valadas, Cornélia Lechner, cabeça de série n. 2, e Vera Carina Elter, ambas da República Federal da Alemanha, com a particularidade de Elter ter defrontado e derrotado Marta Varanda, no «Sunsilk Ladsies Open».

*Atletismo*

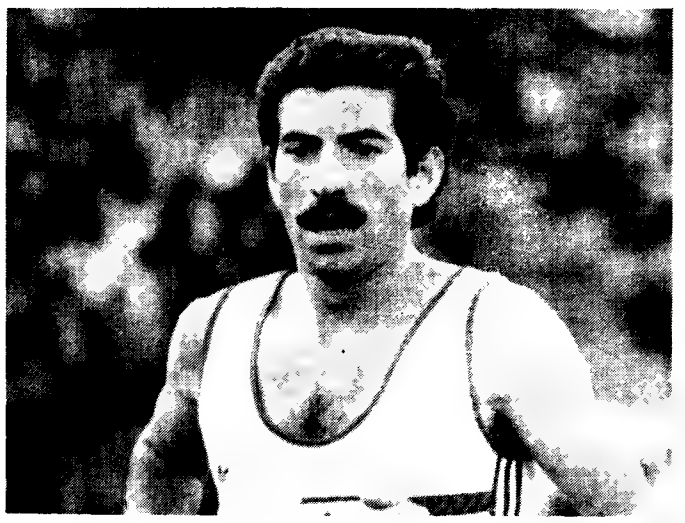
# ANTÓNIO LEITÃO: BAIXA PARA ROMA

A Federação Portuguesa de Atletismo tomou conhecimento oficial da ausência do atleta António Leitão no campeonato do mundo de atletismo, que principia sábado em Roma, tendo Fernando Mota, director técnico nacional afirmado que, Jorge Ramiro (treinador do atleta) informou telefonicamente a impossibilidade de Leitão representar Portugal no mundial, por se encontrar lesionado.

Leitão, recordista nacional dos 5000 metros com 13 07,70 minutos desde 1982, estava convocado para a prova da légua, mas duas desistências nas suas três últimas corridas, levaram o técnco e o atleta a prescindir da ida a Roma.

A última prova de Leitão foi na passada quarta-feira no «meeting» de Zurique, onde abandonou a corrida dos 5000 metros aos 3400 metros.

A representação nacional naquela prova, ficará reservada desta forma aos atletas Domingos e Dionísio Castro, não sendo de excluir a hipótese da presença de João Campos.



*Leitão: lesão afasta-o dos «mundiais»*

## Modalidades

**Golfe: Norman lidera «ranking» mundial**

O australiano Greg Norman conservou a liderança do «ranking» mundial de golfe após os torneios disputados durante o último fim-de-semana, anunciou a Associação Profissional da modalidade.

Norman lidera com 1304 pontos, contra 1234 do espanhol Severiano Ballesteros, segundo classificado, sendo a 3.ª posição ocupada pelo alemão-federal Bernhard Langer, com 1191 pontos.

Classificação: 1.º, Norman, 1304 pontos; 2.º, Ballesteros, 1234; 3.º, Langer, 1191; 4.º, Curtis Strange, EUA, 807, e 5.º, Payne Stewart, EUA, 784.

**Vela: Portugueses vencem em Espanha**

A embarcação portuguesa Chamyat, cujo comando está entregue a José Camelo, venceu a prova da classe restrita da semana náutica internacional de Porto Santa Maria.

A embarcação portuguesa gastou o tempo de 3.02.11 horas, tendo superado a «Uxama» do Clube Náutico Candado e a «Pinta» do Clube Náutico de Fuengirola, 2.ª e 3.ª classificadas, respectivamente.

Outra embarcação portuguesa, a «Searala», terminou na 4.ª posição da prova.

**Motociclismo: Luís Soares vence em praia francesa**

Luís Soares venceu no domingo a sexta edição da prova de motociclismo «Enduro das Areias» realizado em Agon-Coutainville, no Norte da França.

O vencedor desta prova no ano passado e grande favorito este ano era Aziz Nih, de Nanterre (França). Contudo, logo à partida, Luís Soares, que o grande diário regional «Quest-France» classificou de «eficaz e elegante», tomou o comando da prova para nunca mais o largar, terminando em 43.48 minutos, seguido de Nih com mais 26 segundos.

**Atletismo: «meeting» de Berlim**

A cubana Ana Quirot alcançou a segunda melhor marca do ano nos 800 metros, ao correr a distância em um minuto, 56 segundos e 56 centésimos, durante o «meeting» de Berlim Ocidental. Destaque (também) para o regresso vitorioso do norte-americano Carl Lewis, que se impôs com autoridade na corrida de 200 metros, em 20 segundos e 9 centésimos. A prova foi um despique particular entre Lewis (tetracampeão olímpico, em Los Ageles) e o seu compatriota Calvin Smith (actual campeão mundial da distância) que vendeu cara a derrota até entrar na recta da meta, onde Lewis impôs a sua melhor ponta final.

Smith ganhou (por seu lado) comodamente os 100 metros (com 10,12) e provou estar a subir de forma, pelo que deverá apresentar-se em Roma no máximo da sua força.

Nos 400 metros barreiras, o norte-americano Edwin Moses desforrou-se das duas derrotas sofridas este ano perante o seu compatriota Danny Harris e ganhou a prova, no excelente tempo de 47 segundos e 82 centésimos, triunfo facilitado por uma falha do seu rival na última barreira.

## EMPORTUGAL

| | T. 6 h | Min | Prec | As 13 h. |
|---|---|---|---|---|
| Bragança | 9 | 8 | 0.0 | P. nub. |
| V. Castelo | 10 | 10 | 0.0 | Neblina |
| Vila Real | 11 | 11 | 0.0 | Limpo |
| Porto | 10 | 10 | 0.0 | Limpo |
| Coimbra | 12 | 12 | 0.0 | Neblina |
| C. Carvoeiro | 16 | 16 | 0.0 | P. nub. |
| C. Branco | 15 | 14 | 0.0 | P. nub. |
| Portalegre | 16 | 16 | 0.0 | Limpo |
| Lisboa | 16 | 16 | 0.0 | P. nub. |
| Évora | 13 | 13 | 0.0 | P. nub. |
| Beja | 12 | 12 | 0.0 | Limpo |
| Faro | 16 | 15 | 0.0 | Limpo |
| Sagres | 15 | 15 | 0.0 | P. nub. |
| P. Delgada | 21 | 20 | 0,0 | M. nub. |
| Funchal | 20 | 20 | 0.0 | P. nub. |

Temp. máx. previstas para hoje: Lisboa 26, Porto 21, Faro 30, Ponta Delgada 26, Funchal 28.

*Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm*

## NE

| | T. 7 h | Min | As 13 h. |
|---|---|---|---|
| Madrid | 13 | 13 | Limpo |
| Londres | 11 | 11 | Chuva |
| Paris | 13 | 13 | Chuva |
| Bruxelas | 15 | 14 | M. nub. |
| Amesterdao. | 17 | 17 | Chuva |
| Genebra | 14 | 13 | M. nub. |
| Roma | 27 | 25 | Chuva |
| Oslo | 11 | 11 | M. nub. |
| Copenhaga | 14 | 14 | Neblina |
| Estocolmo | 10 | 7 | M. nub. |
| Berlim | 19 | 18 | Neblina |
| Viena | 18 | 17 | P. nub. |
| Varsovia | 16 | 13 | Limpo |
| Atenas | 24 | 20 | Limpo |
| Moscovo | 15 | 14 | M. nub. |

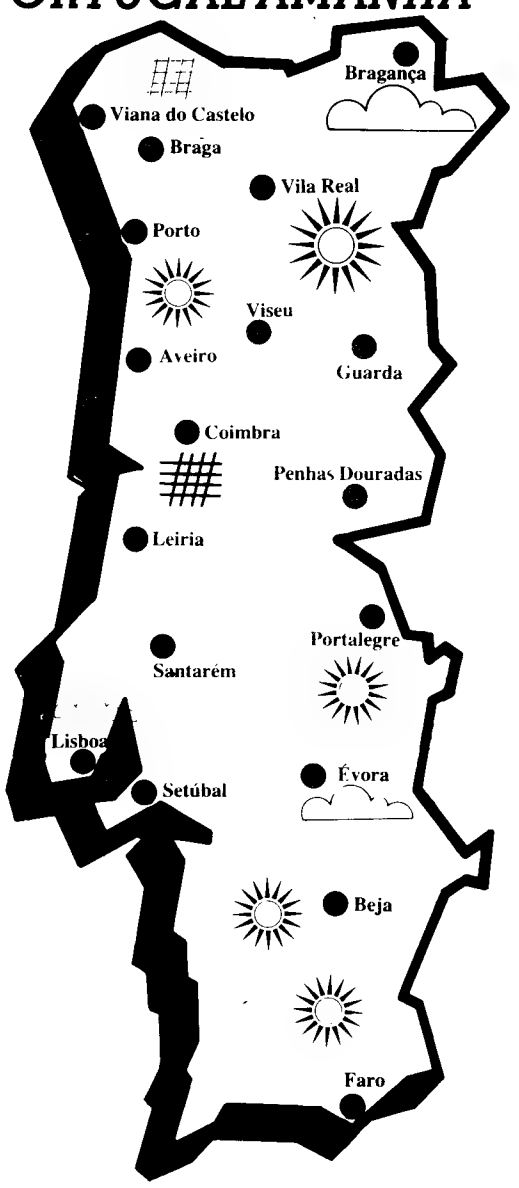
*Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm*

## NM

| | Min. | Max | As 13 h. |
|---|---|---|---|
| Caracas | 13 | 28 | Chuva |
| Joanesburgo | 8 | 18 | Limpo |
| Los Angeles | 14 | 29 | Limpo |
| Montreal | 9 | 19 | Nublado |
| Nova Deli | 27 | 36 | Limpo |
| Nova Iorque | 18 | 24 | Limpo |
| R. de Janeiro | 13 | 22 | Limpo |
| S. Francisco | 15 | 21 | Limpo |
| Sao Paulo | 8 | 19 | Nublado |
| Toquio | 24 | 30 | Nublado |

*Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm*

## PORTUGAL AMANHÃ




## EUROPA ÀS 6 HORAS

## TEMPO

**HOJE**

*No Continente:*

Regiões do Norte e Centro: Céu pouco nublado com aumento gradual da nebulosidade a partir da manhã. Possibilidades de chuva fraca em especial no litoral norte. Neblina matinal. Regiões do Sul: Céu pouco nublado ou limpo. Em todo o território: vento fraco ou moderado do quadrnte oeste.

*Estado do mar:*

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga a cavado e ondulação de noroeste de 2 a 3 metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado e ondulação de sudoeste de 1 a 2 metros no barlavento e inferior a 1 metro no sotavento.

*Nos Açores:*

Céu geralmente pouco nublado. Vento leste fraco a bonançoso.

*Estado do mar:* Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de noroeste com um metro.

*Na Madeira:*

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado.

*Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de norte com dois metros.

**AMANHÃ**

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado, com possibilidade de aguaceiros fracos durante a madrugada e manhã a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. Vento noroeste moderado, por vezes forte durante a tarde.

**DEPOIS**

Céu pouco nublado ou limpo. Vento norte fraco ou moderaod, por vezes forte, durante a tarde no litoral oeste.

MARES

Hoje

| Praia-Mar | | Baixa-Mar | |
|---|---|---|---|
| 4.40 | 3,8 m | 10.06 | 1,0 m |
| 16.52 | 4,0 m | 22.29 | 0,9 m |

Amanhã

| | | | |
|---|---|---|---|
| 5.10 | 3,8 m | 10.37 | 1,0 m |
| 17.22 | 4,0 m | 22.59 | 0,9 m |

• Informaçao do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

# CENA COM MARIVAUX

**Preconceito Vencido,** de Marivaux. Companhia de Teatro de Braga/Cena. **Encenação:** Rui Madeira. **Interpretação:** Ana Madureira, António Durães, António Évora, Carlos Feio, Rui Madeira, Isabel Marado. **XII Festival de Teatro de Setúbal.** Sociedade Capricho Setubalense. Julho 1987.

A Companhia de Teatro de Braga prossegue um trabalho de descentralização a que é preciso estar atento. Infelizmente, a distância tem-me impedido de estar tão atento a esse trabalho como queria e se justificaria. Ainda por cima, acasos vários atrasaram excessivamente uma nota que quereria escrever a tempo sobre um espectáculo que o grupo levou a Setúbal no âmbito do XII Festival de Teatro daquela cidade organizado pelo TAS.

Um dos problemas dos espectáculos em digressão tem a ver com a sua adaptabilidade a novos espaços e a sua solução pode ser a prova da capacidade do grupo em enfrentar e resolver essas dificuldades.

Rui Madeira solucionou da melhor maneira, pareceu-me, o espaço do espectáculo com a peça de Marivaux «Preconceito Vencido», último trabalho do grupo. Para isso, criou um espaço em arena em que o palco fazia também parte da zona do público, embora apenas com uma fila no meio na qual se sentava numa cadeira especial, uma personagem de Marivaux.

Esta nota irónica foi reforçada no final quando os actores, no lugar da plateia, aplaudiram os espectadores, escolhidos, sentados no palco.

Espectáculo para um público, nestas condições, reduzido confirmou as qualidades de um trabalho atento aos valores dramatúrgicos do texto mas também aos seus planos estéticos (caso do guarda-roupa, da marcação, por exemplo).

Encenação simples, aparentemente fácil, interpretação a um nível aparentemente esquemático, nesta versão de «Preconceito Vencido» os sinais típicos de Marivaux surgem bem visíveis no relacionamento das várias personagens da peça. Também aí a ironia opera a um nível eficaz, capaz de tornar como se impõe Marivaux um autor nosso contemporâneo. Aliás, não é por acaso que é um dos mais representados autores franceses do seu tempo.

Um elenco jovem, com Rui Madeira a substituir um actor doente, deu às personagens de Marivaux uma alegria, uma graça, um encanto que ajudaram a transmitir a este espectáculo da companhia de Braga uma grande simpatia.

# A NOITE PERDIDA

Carlos Porto

**A NOITE ANTES DA FESTA,** de José Gil e Carlos Fragateiro. **Produção:** Luís Filipe Cruz. **Interpretação:** Joaquim Paulo Nogueira, Margarida Torres, Maria José Belbut, Pedro Oliveira, Rui Sérgio e Susana Margarida. **TELA.** Mercado Santana (Leiria). 29-07-1987.

Quando se exige para o dramaturgo nacional vivo um lugar no palco que é de todos nós — o palco do teatro português — sabe-se que isso implicaiscos a ter em conta. Este movimento, se assim lhe podemos chamar, não poderá deixar de permitir, e até provocar, o aparecimento de autores insuficientemente amadurecidos, e que não têm consciência disso, e portanto de textos incipientes, textos totalmente falhados, destituídos de qualquer interesse, textos que deviam ficar na gaveta ou ir para o cesto dos papéis. É preciso correr esses riscos, eles fazem parte da previsão da própria vida teatral.

Convir-se-á, no entanto, que nisto também convém não abusar, isto é, espera-se dos responsáveis respectivos, autores, encenadores, dirigentes de grupos, um mínimo de capacidade de análise e de autocrítica, para que o crivo por onde passam os textos escolhidos não sejam tão largos que deixem passar toda a porcaria. Ainda por cima quando se trata de gente com experiência, com responsabilidades na actividade teatral, as exigências em relação ao seu trabalho devem ser ainda mais rigorosas.

Não posso entender, exactamente, como um encenador, director de grupo e mesmo autor, como Carlos Fragateiro, como um encenador e director de grupo, como José Gil, possam ser responsáveis por um texto e por um espectáculo apresentados pelo TELA de Leiria no antigo Mercado de Santana, texto e espectáculos que constituem um conjunto de uma indigência quase insuportável. O mais curioso é que no mesmo espaço foi montada uma mostra de materiais referentes à actividade do TELA, um grupo interessante e honrado que, com altos e baixos, tem apresentado espectáculos que não envergonham ninguém (pelo menos aqueles que vi).

No entanto, este «A Noite Antes da Festa», título que evoca, como é óbvio, o do belo texto de Carlos Coutinho, «Uma Semana Antes da Festa» (que permanece inédito!), é, como texto e como espectáculo, qualquer coisa de inenarrável. De facto, a primeira sensação que se tem desta peça, escrita por José Gil e Carlos Fragateiro, é de que não é possível entendê-la: por mais que se procure uma motivação, uma razão, um fio dramático, não é possível encontrá-los. A peça funciona, aparentemente, como um psicodrama em que um grupo de jovens que prepara uma festa acaba por criar uma espécie de cerimónia em que as tensões pseudopoéticas, humanas, sentimentais, sociais, visam criar uma rede de conflitos dramáticos. Mas nem as tensões operam nem a rede de conflitos dramáticos nasce: umas e outra fazem rir e nada mais. Para o riso ser maior, embora amargo, a peça tem a sua nota trágico-erudita e a sua nota política. Na primeira surgem cenas do «Romeu e Julieta», com o Romeu no palco (o intérprete é ridículo o que é dito sem que se queira ofender a respectiva pessoa) e a Julieta no vídeo; evoca-se também Humberto Delgado, no que parece ser uma confusa referência geracional.

É claro que a peça podia ser uma manta de retalhos e mesmo assim ser genial. Não é o caso, nem pouco mais ou menos. Não prestam os retalhos nem o conjunto deles. Mesmo não prestando nada disso, podia ser uma peça bem escrita, em que os autores revelassem qualidades literárias. Não vale a pena procurar o que não está lá: a escrita da peça é tão pobre como tudo o resto.

Ao texto corresponde um espectáculo pretencioso, sem o poder ser, com o aproveitamento vertical da cena, telefones que não funcionam e jogos cénicos perfeitamente gratuitos representados por actores evidentemente amadores, no mau sentido (pelo menos naquela noite).

Apesar de ter ido a Leiria de propósito para isto, apesar do dinheiro gosto pelo Estado com este espectáculo, do falhanço não viria grande mal ao mundo se porventura os seus principais responsáveis não estivessem convencidos, salvo erro, de que este pechisbeque é, já não digo ouro puro mas, pelo menos, prata dourada. Esta ausência de capacidade de autocrítica é que me aflige.

# Igreja de Santiago em Palmela deve integrar uma casa-museu

O historiador António Matos Fortuna defende a criação de uma casa-museu nas dependências anexas à Igreja de Santiago, que integra o conjunto do Castelo de Palmela.

Em declarações à Lusa, Matos Fortuna afirmou que «a casa do prior-mor, Diogo de Gouveia, grande humanista do séclo XVI, deveria ser transformada em casa-museu, pois nela também nasceu o expedicionário Hermenegildo Capelo, natural de Palmela e que fez a viagem histórica de Angola à contracosta».

António Matos Fortuna, assessor cultural da Câmara Municipal de Palmela, disse à Lusa que «a Câmara Municipal tem suprido as lacunas da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Ncionais, que nada tem feito. O suporte de madeira do sino da igreja estava a apodreer e a Câmara mandou-o arranjar».

No respeitante à Igreja de Santiago, localizada frente à pousada, Matos Fortuna referiu à Lusa que «tem tido algum aproveitamento cultural mas também dela têm tirado um certo aproveitamento turístico-comercial, a que colocamos algumas reservas».

«A Igreja de Santiago é um monumento do século XV, está em muito bom estado, mas as dependências anexas precisam de urgentemente serem reconstruídas» — alertou o historiador.

# "Tapetes de Arraiolos" moçambicanos com grande procura

Duas horas após a inauguração de uma exposição de 16 «tapetes de Arraiolos» moçambicanos numa galeria de arte de Quelimane, todos os exemplares estavam já vendidos, relata o jornal «Notícias» do Maputo.

O gerente da Galeria Chuabo, Luís Acácio, coordenador desta actividade artesanal na província da Zambézia, anunciou a venda próxima de mais 20 tapetes, na tentativa de corresponder ao interesse demonstrado pelo público.

O trabalho de fabricação de tapetes de Arraiolos é desenvolvido no país há mais de 11 anos pela Cootaza (Cooperativa de Tapeceiros da Zambézia), ntidade financiada com 12 000 dólares pelos Estados Unidos da América.

# Em Leiria mais um festival da canção

O I Festival Nacional da Canção Popular organizado pela Rádio Comercial de Leiria, decorre no Teatro José Lúcio da Silva, nesta cidade, em 26 de Setembro — anunciou um administrador da estação, Pessanha Gonçalves.

Podem concorrer autores amadores e profissionais, os trabalhos devem ser entregues até dia 10 e os responsáveis pelos 10 temas seleccionados recebem 35 000 escudos cada.

Para além desse prémio básico, o trabalho que for classificado em primeo lugar terá mais 100 000 escudos, o segundo 50 000 e o terceiro 25 000.

O intérprete da canção classificada em primeiro lugar recebe 50 000 escudos e os restantes 35 000, enquanto a pessoa que for considerada a melhor intérprete do festival terá direito a oito dias numa unidade hoiteleira do Algarve, com acompanhante.

A Câmara Municipal de Leiria e outras entidades apoiam a iniciativa, para a qual o júri de selecção dos trabalhos (constituído por elementos da Rádio Comercial leiriense) conta com a colaboração do artista de variedades Fernando Pedro.

*Jane Birkin e André Dussolier em «O Amor de Rastos»: mestria de um cinema alegre e escondido.*

# "O AMOR DE RASTOS"

## de Jacques Rivette

Jorge Leitão Ramos

*ESTREAR em Agosto, de sopetão e sem prévia divulgação à Imprensa, um filme de Rivette, é uma tentativa para empurrar* «**O amor de rastos**» para um probabilíssimo fracasso de bilheteira? Ou trata-se apenas de imperícia da Doperfilme para rentabilizar o cinema importante e diferente que continua a distribuir? O certo é que são atitudes destas que ajudam a que o cinema nãoamericano tenha fama de ruinoso, o que se traduz pela ausência de muitos cineastas notáveis dos ecrãs portugueses. De Rivette, por exemplo, de que apenas «**A Religiosa**» estreou comercialmente, entre nós, em 1975!...

Em estilo conspirativo, um grupo de pessoas é recolhido pelas esquinas de Paris que entardece, sobe uma escada, entra num apartamento no máximo silêncio e assiste a uma cena de **«boulevard» entre um homem que tem duas mulheres em casa e nenhuma sabe que a outra lá está. A cena é clássica só o espaço teatral é insólito: uma casa onde os espectadores espreitam pela ombreira das portas.**

**Mistério e teatro, o gosto de simular e o seu reverso, ganhar a vida simulando cenas de parco talento; mas, também, o teatro como revelador da realidade, uma certa abjecção naturalista, o contrário do esplendor do faz-de-conta, teatro como metáfora grosseira. Todo o programa deste exímio filme de Rivette está contido no balanço entre o gosto e o desgosto. E o tom é de comédia.**

**O trio de actores que representa naquele apartamento é contratado por um conhecido dramaturgo para fazer, numa única representação, a sua nova peça. O lugar: a sua própria casa, uma mansão imensa e labiríntica cuja decoração é de uma exuberante carga cenográfica. E é nessa casa — tão codificada que é mentira** — que eles vão empreender um jogo teatral que é suposto ser **verdade** pois narra uma história autobiográfica do seu autor.

Toda a maestria deste filme está no divertimento de ir rodeando rostos e máscaras e dar a ver a futilidade de uma cena cuja única âncora é uma **realidade** que Rivette vai escavando até não nos restar qualquer dúvida sobre o facto de também ela ser oca e sem valor, como o cupido partido no jardim. Fica então a ver o trabalho dos actores (naquele tom de segundo grau que permite que, um passo à esquerda a gente acredite na sua carne, um passo à direita a gente se divirta com a sua máscara) e a cenografia, movendo a câmara como quem tapa e destapa a verdade e a mentira. Um **divertimento eccelenti.**

O filme dura, talvez, um pouco demais e cedo descobrimos a tal liminar futilidade de todo o jogo. É certo que Rivette está na posse de um domínio do cinema e de uma tal alegria da sua prática que o filme nos segura mesmo depois de termos aprendido que todas as inquietudes são sem consequência. Mas resta a sensação de se ficar um degrou antes das coisas, como se a realidade fosse irrisória. É essa postura — vazia? — que faz com que **O amor de rastos** seja um lugar onde, a um tempo, a alegria e o frio se encontram.

**FICHA:**
**Título original:** L'Amour par terre.
**Realização:** Jacques Rivette (França-1984).
**Argumento:** Pascal Bonitezer, Marilú Parolini, Suzanne Schiffman, Jacques Rivette.
**Fotografia:** William Lubtchansky.
**Montagem:** Nicole Lubtchansky.
**Interpretação:** Jane Birkin, Geraldine Chaplin, Jean-Pierre Kalfon, André Dussolier, Facundo Bo, Laszlo Szabo.
**Distribuição em Portugal:** Doperfilme.
**Cinema:** Quarteto.
**Classificação:** Para maiores de 12 anos.
**Duração:** 125 minutos.

# "Luz e Som" em Sintra evoca pedaços da História de Portugal

A Câmara Municipal de Sintra vai reeditar este ano pela trigésima vez o espectáculo «Luz e Som», a partir do próximo dia 28 e que terá por cenário a frontaria do palácio da Vila. Uma lenda, seis canções e três bailados vão reviver, de Agosto a Outubro, momentos da História de Portugal — evocação de acontecimentos e figuras que de alguma forma se encontram ligados aquele monumento. Aliás, a história do Palácio Nacional quase se identifica com a História Pátria.

Com «novos efeitos de luz», som mais apurado graças aos equipamentos recentemente adquiridos pela Câmara, todas as sextas, sábados e domingos à noite. Eunice Munõz, Rui de Carvalho, Jacinto Ramos, Maria Germana Tânger, a quem pertence também a direcção artística do espectáculo, Leonor Poeira, estas algumas das vozes que dão vida aos textos de Garcia de Resende, Eugénio de Andrade, Camões, Fernando Pessoa (com a «A Prece») e este ano com uma lenda, a da «Fonte que «Jorra Leite», adaptatada pelo dr. Vítor Serrão, da Câmara Municipal de Sintra. Esta série de «espectáculos turísticos, mas com um vector cultural», é patrocinada pela Philips Portuguesa e conta com o apoio das Secretarias de Estado da Cultural e do Turismo, e da EDP-EP.

# Marionetas na Voz do Operário: "Lanterna Mágica" até domingo

De 26 a 30 de Agosto, «A Lanterna Mágica» apresenta o seu novo espectáculo de marionetas, «Camões — Aventura de Trinca — Fortes em D DE Corpus Christi», da autoria de Manuela de Azevedo, com encenação de António Gualdino e direcção técnica de Luís Filipe, na Sala Gulbenkian da Voz do Operário à Graça.

Este espectáculo é dirigido aos jovens e adultos e pode ser visto aos dias de semana às 21.30, sábados e domingos às 16 horas.

Actores manipuladores: Maria João, Alexandre Leitão, Tibéria Rosa, Carlos Varela, Manuela Andrade, Paulo Simões, António Gualdyno.

Maqueta e marionetas de Luís Filipe e Carlos Varela. Cenário e figurinos de Carlos Varela; adereços: António Gualdyno e Tibéria Rosa; guarda-roupa de Virgínia Lourenço Rico; som e iluminotecnia: Luís Filipe; figurinos de Camões baseado na caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro do «Álbum de Glórias».

# III Mostra Atlântica de Televisão

As sessões de trabalho e debate da Terceira Mostra Atlântica de Televisão certame que reuniu estações de países europeus e americanos, iniciaram-se sexta-feira em Vila do Porto, ilha açoriana de Santa Maria.

Televisões da Espanha, Itália, França, Noruega, Jugoslávia, Estados Unidos, Alemanha Federal e Portugal participaram nesta iniciativa do Centro Regional dos Açores da RTP, que terminou ontem.

Durante a mostra, a cujos trabalhos de abertura estiveram presentes responsáveis da Região Autónoma, foram projectados programas elaborados pelas Televisões envolvidas e debatido o papel da produção regional de Televisão no âmbito da preservação e valorização cultural das regiões.

Este programa, de carácter narrativo e musical, põe em destaque a importância dos Açores nos descobrimentos portugueses, reportando-se a fenómenos de relevância histórica e cultural das ilhas.

O certame, que incluiu uma participação no festival «Maré de Agosto», em curso em Santa Maria, contou com a exibição de um programa concebido para o efeito pela Televisão açoriana, intitulado «Balada do Atlântico».

# Iniciativas culturais no Porto

Uma pequena exposição de peças de arte medieval, constituída por alguns exmplares raros, pode ser visitada na Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto.

Mais de 120 trabalhos da responsabilidade de diversos artistas pode também ser visitada pelos portuenses na Cooperativa de Actividades Artísticas Árvore, onde está patente a VII Exposição Colectiva daquela instituição.

Na Galeria Sol do Vale, em Arcos de Valdevez está patente uma exposição colectiva de pintura, enquanto que em Chaves decorre a II Bienal daquela cidade.

Em Santo Tirso e em Arcozelo, Vila Nova de Gaia, estão a decorrer respectivamente a II Feira de Artesanato do Vale do Ave e de Vila Nova de Gaia.

Neste último certame, que decorre até ao final do mês participam 29 expositores, das mais variadas regiões de Portugal, como Tecelagem, Olaria, Cestaria, Renda, Atoalhados e também Cerâmica.

# CINEMAS

## Alfas Triplex

— T. 806496

**Alfa 1**

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa 2**

**HUMILHAÇÃO**
**(maiores 18 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 3**

**REGRESSO À TERRA**
**O CAMINHO DAS ESTRELAS IV**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 4**

**FILHOS DE UM DEUS MENOR**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa Club**

**PRIMAS**
**(n/acons. m. 18 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 1**

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

**Amoreiras 2**

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 3**

**HUMILHAÇÃO**
**(maiores 18 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 4**

**ARMA MORTÍFERA**
**(m/12 anos)**
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 00:15 h

**Amoreiras 5**

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 6**

**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
**(m/12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 24.00 h

## Apolo 70

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

## Avila

— T. 539930

**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
**(comédia)**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

## Avis

— T. 547163

**AS VIAJANTES SEXUAIS**
**(porno)**
**(interdito men. 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Berna

— T. 776098

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16 30, 19.00 e 21.30 h

**Uma cena do filme «Amor de Rastos» realizado por Jacques Rivette com a interpretação de Jane Birkin, Géraldine Chaplin, André Dussollier e Jean-Pierre Kalfon. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto**

## Capitólio

— T. 372358

**FÉRIAS SEXUAIS EM ST. TROPEZ**
**(Int. m. 18 anos)**
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil

T. 530194

**O CLUBE DO PARAÍSO**
**(n/acons. m. 13 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Cinebolso

**CONSULTÓRIO SEXUAL**
**(porno)**
**(maiores 18 anos)**
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

## Cine Camões

T. 324194

**A GUERRA DE TRÓIA**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30 e 21.30 h

## Cine 222

— T. 579460

**TERROR NA AUTO-ESTRADA**
**(n/acons. m. 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**O REBELDE DO KANSAS**
**(maiores 18 anos)**
24.00 h

## Cine Portela

— T. 9434773

**Estúdio Amália**

**ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÃO**

**Estúdio Sheza**

**CURTO-CIRCUITO**
**(n/acons. men. 13 anos)**
15.30 e 21.30 h

## City Cine

— T. 549999

**TAXI DRIVER**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Condes

— T. 322523

**O REGRESSO DE JEDI**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Eden

— T. 320768

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Estúdio

— T. 555134

**NOVE SEMANAS E MEIA**
**(maiores 18 anos)**
**14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h**

## Estúdio ACS

— T. 887255

**NOITES ESCALDANTES**
**(maiores 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444

— T. 768078

**NO LIMIAR DA REALIDADE**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Forum Picoas

— T. 541037

**INSÓLITO DESTINO**
**(maiores 16 anos)**
19.00 e 22.00 h

## Fonte Nova

— T. 7145109

**Sala 1**

**CROCODILO DUNDEE**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

**Sala 2**

**FURIA SELVAGEM**
**(maiores 16 anos)**
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

**Sala 3**

**PORKY's**
**(int. men. 13 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## Gemini

— T. 734009

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Hollywood

— T. 806847

**Sala 1**

**A COSTA DO MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Sala 2**

**TRÊS AMIGOS**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

## Império

— T. 555134

**ACADEMIA DE POLICIA — IV**
**(A Patrulha do cidadão)**
**(maiores 6 anos)**
15.15, 18.30 21.30 h

## Las Vegas

— T. 631162

**Sala 1**

**O IMPÉRIO CONTRA-ATACA**
**(n/ acons. men. 13 anos)**
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

## Londres

— T. 801313

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Mundial

— T. 538743

**Sala 1**

**HUMILHAÇAO**
**(maiores 18 anos)**
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**BLUE VELVET — VELUDO AZUL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

## Nimas

— T. 574362

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Odeon

— T. 326283

**O INSPECTOR MARTELADA NO NILO**
**(n/acons. men. 13 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Olímpia

T. 325309

**TABOU — O INCESTO**
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
**(Int. men. 18 anos)**

## Pathé

— 821933

**A LAGOA AZUL**
**(n/acon. m. 13 anos)**
14.00, 16.30 e 21.00 h

## Politeama

T. 326305

**O ULTIMO TANGO EM NOVA IORQUE**
**(m/18 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Quarteto

T. 771378

**Sala 1**

**RECOMEÇAR A TRÊS**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**TERRA SANGRENTA**
**(maiores 16 anos)**
23.30 h

**Sala 2**

**O REGRESSO DE JEDI**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**O CASO DE BERLIM**
**(Int. m. 18 anos)**
23.45 h

**Sala 3**

**O AMOR DE RASTOS**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**EUGÉNIO, EUGÉNIO**
**(Int. m. 13 anos)**
23.45 h

**Sala 4**

**O EXPRESSO DA MEIA-NOITE**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**A ÚLTIMA REPORTAGEM**
**(maiores 12 anos**
23.45 h

## Roma

— T. 889192

**CACHORRO QUENTE**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Roxy

T. 548560

**OS TARADOS DOS FLIPERS**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. Jorge

T. 579144

**Sala 1**

**O SERGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Sala 2**

**REGRESSO À TERRA**
**O CAMINHO DAS ESTRELAS IV**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**A COSTA DE MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

## 7.ª Arte

— T. 730715

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Star

— T. 804210

**CURTO-CIRCUITO**
**(maiores 16 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Terminal

— T. 371573

**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

## Tivoli

— T. 570595

**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Turim

T. 706666

**JESUS CRISTO SUPERSTAR**
**(n/acon. m. 13 anos)**
15.00, 17.30 e 21.30 h

## Xenon

T. 368480

**MULHERES DA RUA**
**(maiores 18 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Zodíaco

— T. 570151

**Exibição permanente de filmes indianos**
**(m. 13 anos)**
15.15, 18.15 e 21.30 h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «Regresso à Terra», às 21.15 h (maiores 12 anos)

**AMADORA — Cinestúdio** — «Selvagem e Perigosa», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
**AMADORA — Babilónia** — «Arma Mortífera» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 23.45 h (maiores 18 anos)

**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — «Academia de Polícia — IV», às 21.30 h (maiores 16 anos)
**CACÉM — Cinestúdio Flores** — Encerrado para descanso do pessoal.

**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «Procura-se Morto ou Vivo», às 21.30 h (maiores 16 anos).
**ODIVELAS — Cineodivel** — «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

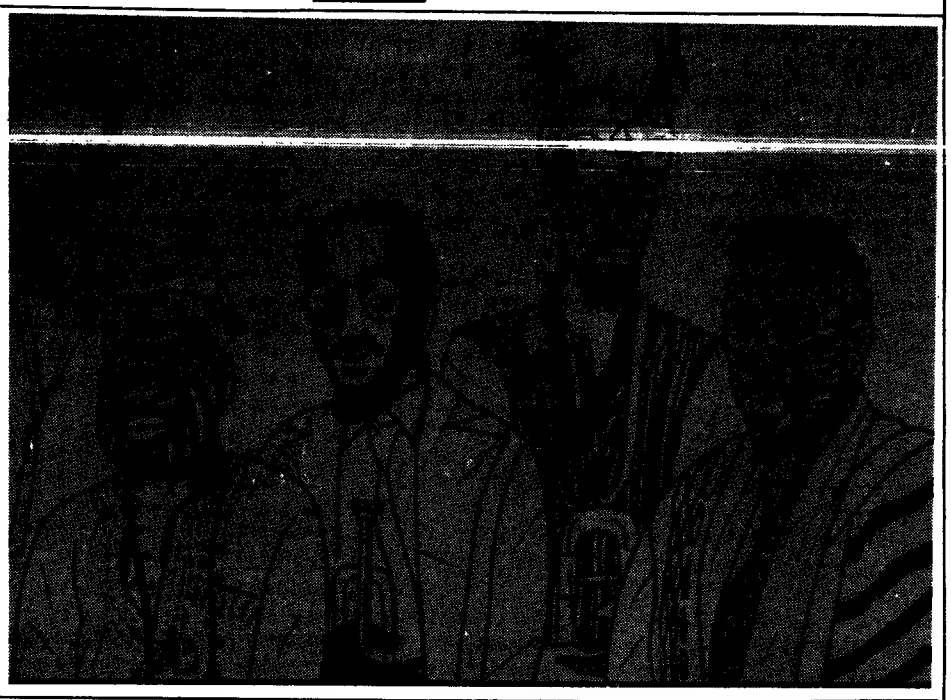
## Linha de Cascais

**ESTORIL — Casino Estoril** — «Operação Orion», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)
**ALGÉS — Cinema 2000** — «A Mosca», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «The Rose – A Rosa», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Fuzileiro Implacável», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
**Sala 2** — «Academia de Polícia — IV», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 6 anos)
**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Curto-Circuito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «A Costa do Mosquito», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**Sala 2** — «Curto-circuito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 6 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «Os Gansos Selvagens», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**ALMADA — Cinestúdio Almada** — «A Fronteira do Perigo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
**ALMADA — Incrível Almadense** — «Gelado de Limão V», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**COVA DA PIEDADE — Clube Piedense** — «Furia Selvagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «Star Trek IV — Regresso à Terra», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**Sala 2** — «Academia de Polícia — IV», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)
**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

# JAZZ EM AGOSTO: FIM



Jazz em Agosto, no Anfiteatro de Ar Livre da Gulbenkian, tem hoje e amanhã (21,30), com a apresentação do agrupamento «Art Ensemble of Chicago», marcados os derradeiros encontros com o público. Motivo pelo qual, para além de lhe recomendarmos muito vivamente uma salutada ao aprazível recinto, lhe vamos aqui deixar alguma informação sobre o último grupo incluído no programa.

O Art Ensemble of Chicago é uma ramificação perene da Association for the Advancement of Criative Musicians de Chicago, fundada em 1965, e que progressivamente saindo do seu «ghetto» impôs uma renovação decisiva no panorama do jazz negro–americano. Arautos de uma modernidade, em paralelismo com outros músicos oriundos da AACM (Muhal Richard Abrams, Trio AIR, Anthony Braxton) os cinco componentes da AEC radicaram–se na Europa em 1969 onde se notabilizaram pela sua originalidade. Em princípio de 70 regressaram aos EUA onde o reconhecimento se solidificou. O seu célebre slogan «Great Black Music, Ancient to the Future», uma afirmação orgulhosa de tradição musical do povo negro–americano, à qual não se pode deixar de colar uma referência política, mantém hoje em dia o seu profundo significado. Com uma sobrevivência na vida artística sempre instável, apesar do entusiasmo da crítica e do público, o AEC ao fim de 15 anos de actividade iniciou uma colaboração regular para o catálogo ECM, em 1979, colocando–se definitivamente num justo plano de reconhecimento. Como talvez nenhum outro grupo de jazz, o AEC unifica várias escolas e movimentos, aglutinados por uma concepção teatral inspirada em rituais africanos.

*Shirley Irek (piano), Gil Morgantern (violino) e James Kreger (violoncelo) interpretando um Trio, de Brahms.*

## MÚSICA

GULBENKIAN (Anfiteatro ao ar livre): Jazz em Agosto às 21,30 com o Art Ensemble of Chicago.
RUINAS DO CARMO: às 21,30 um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP.
PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: no âmbito dos Encontros Musicais da Nestlé, concerto às 18 horas com obras de Haydn, Fauré e Brahms.

## TEATRO

MONTEMOR-O-VELHO: CITEMOR, ciclo de teatro no Castelo.

## CINEMA

FORUM PICOAS: Ciclo «Aonde Vais nas Férias ?» com o filme de Lina Wertmuller «Insólito Destino». Sessões às 19 e 22 horas.

## EXPOSIÇÕES

GALERIA DA TRINDADE: Pintura de Augusto Grácio até 8 de Setembro, das 15 às 24 horas.
CETÁRIA-Galerias de Arte (Setúbal): exposição «Pintores Franceses da Provença» até 4 de Setembro, diariamente das 10 às 22.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 19 de Setembro a exposição «Olhar o Horizonte» de Paes Garcia.
VILAMOURA-MARINOTEL: exposição «Des-Cobrir» de Júlio Quaresma, um espectáculo cultural com Pintura e perfomances de Teatro e Poesia, com a colaboração de Júlia Lello e de alunos do Conservatório.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: exposição de homenagem a Ernesto de Sousa promovida pela Secretaria de estado da Cultura, «Um Olhar sobre a Escultura» com fotografias e texto de Ernesto de Sousa.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: Até Outubro, de terça a domingo das 10 às 17, «Desenhos de Galli Bibiena - arquitectura e cenografia»
MUSEU DOS JERÓNIMOS (sala dos reis-antigo refeitório): «Gitelo - um retorno», retrospectiva da obra gráfica de Gil Teixeira Lopes (Gitelo).
FORUM PICOAS: a gravura em madeira ao longo de 6 séculos, até 31 de Agosto, de segunda a sexta das 10 às 3, sábados e domingos das 12 às 24.
MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira ao Restelo): até ao final do ano, «Índios da Amazónia - armas, utensílios, adornos e máscaras rituais brasileiras». De terça a domingo das 10 às 12,30 e das 14 às 17.
PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA: «Joias do quotidiano da família real»,um conjunto de joias que pertenceram na sua maioria ao rei D. Luís e à rainha D. Maria Pia.
GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): Colectiva com trabalhos de Francisco Feio, João Alfaro, João Ribeiro, Mário Rita, Mimi e Nicolau Tudela.
CONVENTO DOS CAPUCHOS (Costa de Caparica): «Nocturnal», desenhos, esculturas e óleos de Jorge Martins, Joaquim Bravo, David de Almeida, Rui Matos e Luis Cruz. Até 30 de Agosto, todos os dias excepto segundas-feiras, das16 às 19,30.
PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): colectiva com trabalhos de António Marques, Gil Heitor Cortesão, João Jacinto, Carlos Augusto Ribeiro, Maria João Salema, Marta Wengorovius, Patrícia Garrido e Mimi. No mesmo espaço, esculturas de Rui Matos.
MUSEU DE SANTA MARIA DA VITÓRIA: exposição «Mosteiro da Batalha», com fotografias de Augusto Cabrita e Vítor Figueiredo.
GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada): mostra de serigrafias dos artistas António Carmo, Cargaleiro, Cesariny, Chichorro, Emília Nadal, Guilherme Parente, Henrique Mourato, Henrique Ruivo, Hogan, Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Marcel, José de Guimarães, Martins Pereira, Moniz Pereira, Palolo, Romualdo, Silva Palmeira e Teresa Magalhães. Até 28 de Agosto.
ALMANCIL-CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO: até 28 de Agosto,74 peças de escultura de Cutileiro, com o título «Os Amantes».
INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (R. das Janelas Verdes): até final de Setembro, todos os dias das 14 às 20 a exposição «Conservação e Restauro no Instituto»..
CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 6 de Setembro, pintura de Maria João Franco. Patente nos dias úteis (excepto segundas) das 9 às 12 e das 14 às 17,30 e das 15 às 18 nos fins-de-semana.
POUSADA D. DINIS (Castelo de Vila Nova de Cerveira): até 10 de Setembro, uma exposição de azulejos. Tendo por tema o Alto Minho, os paineis artísticos são executados pelos artistas plásticos Ana Paula Marques, Ricardo Roque e Luís Guerreiro.
ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta 26 obras de pintura a pastel e óleo da autoria de Figueiredo Sobral. Até 8 de Setembro, das 9 às 19.
CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 29 de Outubro, duas exposições - Felícia apresenta «Além Tejo» (Pintura) e Cuca tem expostos «Os Animais» (Cerâmica). De segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.
MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 3 de Setembro, Charles Hill expõe os seus mais recentes trabalhos de aguarelas. Antigo professor, asistente do director do Frye Art Museum em Seatle, fundador e primeiro director do Grants Pass Museum of Art e da Galery One, desde 1965 que o aguarelista Charles Hill expõe individual ou colectivamente na California, Oregon e Washington.
TRAJE: até final de Setembro, «Estrada Marginal», tecidos de artistas e designers.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: retrospectiva da Tapeçaria de Eduardo Nery, até 30 de Setembro.
GALERIA BERTRAND DO CHIADO: pintura de Marta Teles, Margarida Medina, Ruibal, Dário Alves, Carlos Carreiro, Mike Felten e Nadir Afonso, entre outros. Até 31 de Agosto.
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO ARROIO: colectiva com os trabalhos dos alunos de Cerâmica, Metais, Equipamento, Artes Gráficas, Desenho, Têxteis e Imagem e Comunicação, realizados no ano lectivo de 1986/87. Até 9 de Outubro.
GALERIA 75: uma colectiva de Álvaro Machado, Antão Almada, António Mendes, Catarina Castel Branco, Cohen Fusé, Cruz Filipe, Fátima Melo, João Mourão, Júlio, Graça Pereira, Coutinho, Justino Alves, L. Pinto Coelho, Marta Teles, Noronha da Costa, Paulo Cordeiro, Paulo Ossião, Pedro Homem de Mello, Pedro Mathias,Rui Filipe, Rui Oliveira e Valente Alves. Até 30 de Agosto.
MUSEU NACIONAL DO
GALERIA DO CASINO ESTORIL: salão de pintura luso-brasileira até 13 de Setembro, todos os dias das 15 às 24.
ABRANTES (Convento de S. Domingos): desenhos de Mário Cordeiro até 30 de Agosto.
CENTRO CULTURAL DE ALMODÔVAR: até 31 de Agosto, uma exposição de fotografias de Luís Reis.
CASA DE SERRALVES (Porto): exposição de obras do património do Estado, até 31 de Agosto.
CENTRO REGIONAL DE ARTES TRADICIONAIS DO PORTO: «O Barco Rabelo». um retrato de família até 30 de Outubro.
CONVENTO DE JESUS-LOULÉ: exposição itinerante de Manuel Filipe, até 30 de Agosto.
PALÁCIO DE D. MANUEL-ÉVORA: III Bienal Nacional de Desenho, organizada pela Câmara Municipal de Évora.
CLUBE LAGO-MONTE ESTORIL: exposição de pintura de Francisco Gaia, até 4 de Setembro.
DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): serigrafias & gravuras, com a representação de 100 artistas, até 7 de Setembro de segunda a sexta das 14,30 às 19,30.
CASTELO DE LEIRIA: até Setembro, uma exposição sobre «A Talha em Portugal». Organizada pela Fundação Gulbenkian com o patrocínio da Câmara Municipal de Leiria, a mostra consta de peças em talha (algumas de talha dourada), fotografias e transparências e ainda documentos sobre a evolução do fabrico de artigos em talha. Este conjunto já esteve noutras cidades europeias, Pequim e Hong-Kong.
GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): retrospectiva do I Ciclo de Arte Moderna Portuguesa com a participação dos artistas plásticos António Viana, Guilherme Parente, Lima Carvalho, José João Brito, Ema Berta, José Cândido, Maria Gabriel, Carlos Carreiro e Eduardo Nery. Patente até 31 de Agosto, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.
CASINO DO LUSO: exposição «Castro Daire-Terra e Gente», até 30 de Agosto.
GALERIA DIREFENÇA (R. S. Filipe Néri, 42): de terça a sexta entre as 15 e as 20, aos fins-de-semana das 16 às 19, o arquitecto Alcino Soutinho tem em exposição o método de trabalho que serviu de base ao projecto dos Paços do Concelho de Matosinhos.
GALERIA DE ARTE ESPIRAL (Nova Oeiras): de segunda a domingo, patente uma colectiva com obras de Ilda Reis (gravura), Isabel Bomba (óleos), Isabel Laginhas (desenho e pintura), João Duarte (escultura), Manuela Pinheiro (óleo), Paulo Cardoso (desenho), e Vítor Belém (desenho e pintura). Até 15 de Setembro.
CHAVES (Galeria de Arte do Posto de Turismo): até 20 de Agosto, uma exposição de pintura de Espírito Santo Neves.
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto, cerâmica de Eduardo Filhó, uma mostra subordinada ao tema «Os Saloios». O mesmo artista tem também patente ao público, na sala de Etnografia daquele museu, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre Caneças». até 28 de Setembro.
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA (R. das Chagas, 17-2º): fotografias de Luís Marques até 31 de Agosto, de terça a sexta das 19 às 23.
CERCA-MOURA (Largo das Portas do Sol, 4): cerâmica de Romy Castro até final de Setembro todos os dias das 12 às 2.
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus-Av. Ant. José de Almeida): exposição de Vítor Alves,

## Farmácias

**Lisboa — ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. [illegible] 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T ——)(«?); **ENCOSTA DO RESTeLO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

**REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PICHELEIRA: Marluz**, R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA: Reis**, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA IEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; 2LARANJEIRO: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira & Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bairros** R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas

**Linha de Cascais — ALGÉSã Combatentes**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho d Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 3471204). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até ass 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 11-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes**, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2518520). Permanente, **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Central**, R. dos Mercadores, 26 (T. 23870). Permanente.

# OS TEATROS

### A Barraca

**R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

» **O CONDE DE NOVION**«, adaptação de Almeida Garrett. Pelo Grupo **Persona**. Encenação: Paulo Lage. Interpretação: Guilherme Filipe, Paulo Lages, Miguel Meneses, Custódia Gallego e Cristina Buero.

### Porto — Sala do Povo Portuense

**R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31**

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«**O TIO VÂNIA**«, de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

### Teatro ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 45**

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de **César de Oliveira.**

### Teatro do Triângulo

**R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91**

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

### Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40**

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

### Casa do Pessoal do Porto de Santos

**R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21**

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«**AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO**«, adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

### A Comuna

**P. de Espanha — Tel. 726 08 18**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**«, de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro. Manuela Couto e Paulo Ferreira.

### Teatro Galeria Monumental

**Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48**

De terça a domingo, às 21.30

«**JOGOS DE PRAIA**«, de E. A. Whitheade. Pela **Companhia das Luzes**. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Interpretação: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

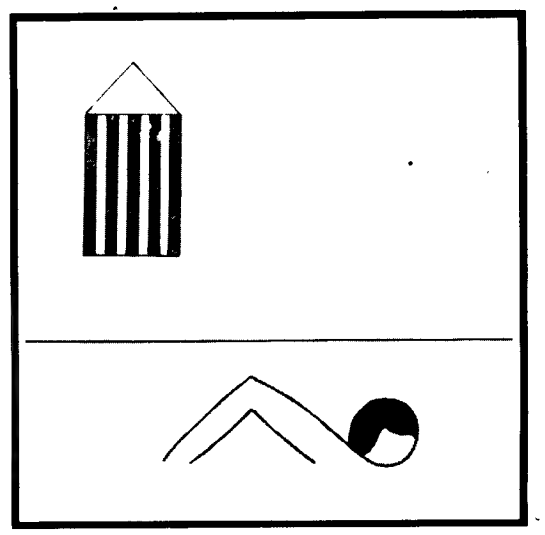
**Ir à praia sem as chatices do costume e ainda por cima ver um espectáculo bem divertido, e um pouco mais do que isso.**

### Teatro Villaret

**Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86**

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

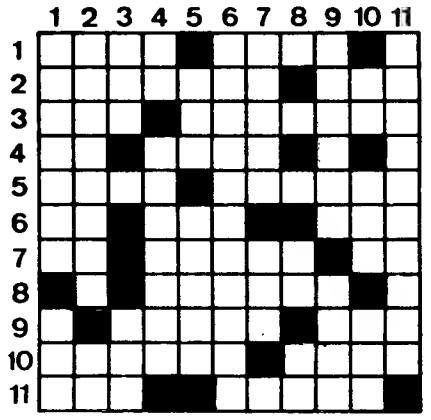


# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17117

**HORIZONTAIS:**

1 Pronome indefinido. Burro.
2 Despachasse. Zombar.
3 Grande árvore da Índia. Estudante.
4 Arsénio (s.q). Transpirei.
5 Morada. Relatar.
6 Sufixo que designa estado. Mitologia. Naquele lugar.
7 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Virgem e mártir nascida em Palermo. Autores.
8 Campestres.
9 Remais para trás. Espádua.
10 Sobe com esforço. Ovários dos peixes.
11 Mil e duzentos em romano. Partir em migalhas.



**VERTICAI:**

1 Freguesia do concelho de Moimenta da Beira. Possui.
2 Preveniram. Sentidas condolências.
3 Claridade. Trezentos em romano.
4 Em partes iguais. Região da Palestina, entre a Galileia e a Judeia.
5 Pronome possessivo. Semelhante.
6 Registariam.
7 Mulher taful e afectada. Bigorna de aço sem hastes.
8 Nesse lugar. Rei de Basã, morto por ordem de Moisés.
9 Debruara. Coça.
10 Seguia. Rio do Estado do Amazonas. Serra do Brasil.
11 Bramaríamos.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17116**

**HORIZONTAIS:**

1 ANTES. Bouça.
2 Mós. VERGAR.
3 Aspa. Ara.
4 Geadas. Em.
5 Oco. Rirá. Ca.
6 Ro. Atordoar.
7 Ar. Pisai. Sá.
8 Amor. Sol.
9 Ar. It. Id.
10 ÍTACA. Gas.
11 Samarrão.

**VERTICAIS:**

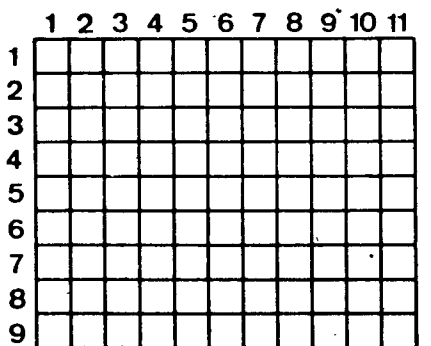
1 Amadora. QUE.
2 No. Cora.
3 Tiago. Mais.
4 Esse. Aporta.
5 PARTIR. Am.
6 Vadios. Iça.
7 Be. Arrastar.
8 Or. Sadio.
9 Uga. Liga.
10 Carecas. Dão.
11 Aramaram.

**PROVÉRBIO: Antes vergar que partir.**

## NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15942

**HORIZONTAIS:**

1 Cortina franjada para o adorno interior das janelas.
2 Apanhar. Distrito da ex-Índia Portuguesa.
3 Serra de Portugal. Fedor.
4 Suco narcótico de algumas papoilas.
5 Realizara. Saia frequentemente à rua (inv).
6 Espiolharia.
7 Ave da Amazónia, da família das psictácidas. Reis. Que tem pouco ou nenhum brilho.
8 Queimavam. Pega.
9 Corda de rebocar. Primeiro rei dos hebreus. Despido.
10 Ouro (s.q). Arremassavas.
11 Casualidades. Nota musical.



**VERTICAIS:**

1 Patçuscada, comezaina (fig).
2 Nome de letra. Adejou.
3 Pancada com marreta.
4 Com. de Itália. Batráquio. Antes de Cristo.
5 Enguia. Induz.
6 Sódio (s.q). Alcunhais (fig).
7 Estava. Autores. Boi selvagem.
8 Cobalto (s.q). Projéctil das armas de fogo (pl).
9 Virgens ou viúvas cristãs que, no início do cristianismo, viviam em comunidade.
10 Género de palmeiras do Brasil. Conduto.
11 Pessoa bronca, estúpida. Emprega.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15941**

**HORIZONTAIS:**

1 Gaivão. Lama.
2 Acrópole. Am.
3 Lua. Erada.
4 Haia. Anis.
5 Ar. Candango.
6 Cu. Ao. Oau.
7 Dá. Sor. Asir.
8 Os. Matiz. Aa.
9 Asoto.
10 Sob. Si. Vapa.
11 Ao. Uses. Lis.

**VERTICAIS:**

1 Galhardo. Sá.
2 Acuar. Assou.
3 Irai.
4 Vo. Acusma.
5 Apá. Oásis.
6 Oó. Anortose.
7 Lenda. It.
8 Léria. Azov.
9 Asnos. Al.
10 Mad. Gaia. Pi.
11 Ama. Ouraras.

## Radio

**Antena m**

**16.00**: Rocklândia; **18.00**: Regressos; **20.00**: No estádio e no estádio e música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**Rede Nacional-FM2 Estéreo**

**14.24**: Música programática; **15.30**: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Tempo d7.25: Concerto de câmara; **18.40**: Abertura «Prometeus Libertado», de Karl Goldmark; **19.00**: Integrais; **19.20**: Obrs, para piano, de Eric Satie; **19.45**: Música, de bailado, de Délibes e Ricardo Drigo; **20.40**: Orquestra de câmara «I Musici»; **21.00**: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; **21.20**: Solos de piano; **21.30**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.15**: As palavras dos músicos; **23.43**: Música coral sinfónica, de Rossini; **00.50**: Último andamento; **Fecho. Noticiários de hora a hora.**

**RÁDIO COMERCIAL**

**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**14.00**: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

**15.00**: Casa da música; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**

**Canal 1-Rede Nacional de OM e FM**

**15.00**: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

**Voz do Alentejo**

**15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

**RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo**

**09.00**: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

# TELEVISÃO

RTP 1

**14.40- Marmaduke**

**15.20 - Matinee**
*«A Casa Encantada»*

**17.00 - Ponto por Ponto**

**18.00 - Sumário**

**18.05 - Brinca Brincando**
*«Fábulas da Floresta Verde»*

**18.30 - Espaço**

**19.15 - Trânsito**

**20.00 - Telejornal**

**20.30 - Bolsa Dia a Dia**

**20.35 - Boletim Meteorológico**

**20.45 - A Jóia da Coroa**

**21.45 - Portugal Sem Fim**

*Joaquim Furtado, vencedor do Prémio «Gazeta-86», de reportagem, é o autror da «viagem» desta noite pelas ilhas de Fernando Pó e Ano Bom, à procura dos sinais ou vestígios da presença portuguesa*

**22.40 - Brigada Especial**

*A Brigada Especial receia o pior quando são roubadas armas e um enorme carregamento de explosivos ao Exército. Mas o ladrão não é um criminoso qualquer e tem um objectivo especifico em mente*

**23.35 - Notícias**

RTP 2

**17.17 - Os Imigrantes**

**18.00 - Countdown**
*19.00 - Simon Show*

**20.10 - Hitchcock apresenta**

*Um negociante de antiquidades deve doze mil dólares a uma firma importadora e não sabe como pagá-los. No entanto, graças a uma cliente que entra na sua loja e, sem querer, parte um objecto valioso, e à ajuda de um livro, o antiquário põe em prática um plano cujos resultados não se fazem esperar*

*Projecção Privada*

**20.30 - Um Família às Direitas**

*Mike e Glória tentam uma velha receita para darem um novo impulso ao seu casamento — uma segunda lua de mel....*

**21.00 - Jornal das Nove**

**21.30 - Montra de Livros**

**21.35 - Cinemadois**
**«Projecção Privada», de François Leterrier**

*Um jovem apaixona-se por uma actriz mais velha do que ele, mas acaba por deixá-la por uma mulher da sua idade, com quem se casa. A actriz suicida-se. Tornando-se realizador de cinema, o jovem propõe-se realizar um filme sobre a sua própria história. Os trabalhos preparatórios implicam uma revisão do passado e uma estranha realização estabelece-se entre o realizador e a actriz que deve desempenhar a figura da sua mulher.*

**Com Françoise Fabian, Jean-Luc Bideau, Jane Birkini, Bulle Ogier, Jacques Weber, Barbara Laage e Elisabeth Huppert**

*Portugal Sem Fim: reportagem de Joaquim Furtado*

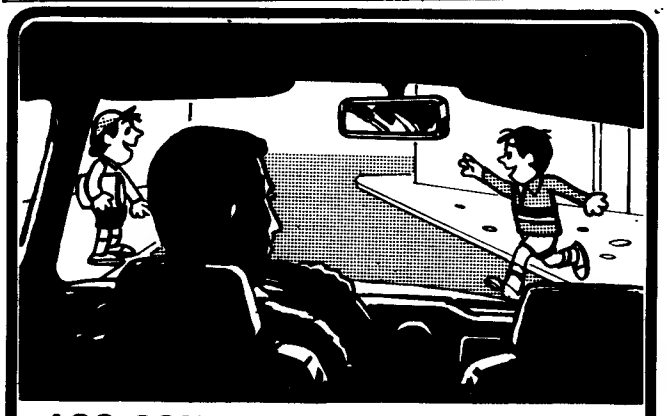
## AMANHÃ

### RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.55 - Foi Êxito na TV
14.55 - Clipomanias
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.40 - Espaço
19.25 - Ciência – Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Lotação Esgotada: «Um amor Simples»
22.50 - Notícias

### RTP-2

17.15 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Um Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Coração a Quanto Obrigas
22.00 - Clube de Imprensa
22.50 - O Som da Surpresa (Jazz)

**AOS CONDUTORES**

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da-mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

**GRUNDIG** seleccionou para si...

RTP 1 — A Jóias da Coroa

RTP 2 — Simon Show

**GRUNDIG PORTUGUESA**
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

Uma Família às Direitas

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos. RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

## ÚLTIMA HORA

A Renamo, movimento moçambicano rebelde, procedeu a alterações na sua delegação em Portugal, nomeando Manuel Frank como novo delegado, em substituição de Paulo Oliveira que passa a desempenhar as funções de director de «A Luta Continua», órgão oficial do movimento, impresso e distribuído em Lisboa. Segundo o próprio Frank, estas alterações, que abrangem também os três departamentos existentes em Lisboa, «visam dar maior operacionalidade às actividades da Renamo».

# Arquivos do estalinismo destruídos na URSS

Arquivos judiciários soviéticos dos anos 30, 40 e 50 estão actualmente a ser destruídos ao ritmo de 5 mil *dossiers* por mês sob pretexto de que «há falta de espaço» para os conservar, afirma o boletim dissidente «Glasnot» na sua última edição.

Segundo este boletim, publicado por antigos detidos políticos, entre os quais Sergueï Grigoriants, os documentos que envolvem milhões de soviéticos vítimas do terror estaliniano, são conservados nos arquivos do Colégio (Tribunal) Militar e do Supremo Tribunal da URSS. «Os arquivos do Ministério Público e do Ministério da Justiça da URSS foram *limpos* deste género de *dossiers* nos anos 60 e 70. Quanto aos do KGB, praticamente ninguém sabe onde são guardados».

Durante muitos anos, escreve o «Glasnost», dois presidentes do Supremo Tribunal, Gorkine e Smirnov, conseguiram «salvar os arquivos da destruição». Mas «quando o ministro da Justiça, Vladimir Terebilov, se tornou presidente do Supremo Tribunal, tendo como primeiro adjunto Sergueï Goussev, a *limpeza* dos arquivos recomeçou subitamente». Esta operação prossegue desde há dois anos. Estes dois responsáveis assumiram funções em 1984.

Os arquivos começaram por ser queimados nos fogões do palácio do Supremo Tribunal. Mas, sublinha a «Glasnost», «isto produzia demasiado fumo na cidade. Agora, queimam-nos nos arredores de Moscovo».

«Numerosos historiadores soviéticos sabem, mas calam-se», afirmar «Glasnost» que reproduz uma carta, a este respeito, endereçada a 27 de Julho, por Grigoriants, ao número um soviético, Gorbatchev.

As revelações de «Glasnost» presentam-se tanto mais preocupantes quanto uma campanha de denúncia dos crimes do estalinismo, dos seus erros em matéria económica e militar, está presentemente em curso na União Soviética.

# Faleceu António Manuel Martins Ruela e Silva

Vítima de um brutal acidente de viação, faleceu no passado dia 18 António Manuel Martins Ruela e Silva, de 26 anos de idade. O extinto, cujas qualidades pessoais tornaram a sua perda muito sentida, não só pela família como também por um numeroso grupo de amigos que muito o estimavam, era filho do Eng.º José Ruela de Almeida e Silva e de D. Maria Antónia Fradinho Martins Almeida e Silva, e irmão de José Emílio, Maria Antónia, João Pedro, Ana Maria e Margarida Maria Martins Ruela e Silva, a quem o «Diário de Lisboa» apresenta as suas condolências.

Hoje, pelas 19 e 15, será rezada missa de 7.º dia na Basílica da Estrela.

## LOTARIA POPULAR

| | |
|---|---|
| 1º—281804 | 1 000 000$00 |
| 2º—347950 | 250 000$00 |
| 3º—074493 | 150 000$00 |
| 4º—506593 | 100 000$00 |
| Terminação em 804 | 50 000$00 |
| Terminação em 950 | 10 000$00 |
| Terminação em 493 | 2 500$00 |
| Terminação em 593 | 1 000$00 |
| Terminações em 64, 81, 82 e 91... | 400$00 |

**Nota**— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

## /D/E/C/A/R/A/S/

**MOTA AMARAL** retomou a sua actividade normal de chefe do executivo dos Açores, depois de ter sido considerado recuperado de uma hepatite viral aguda, contraída em meados de Julho. O presidente do Governo Regional esteve inicialmente retido na sua residência devido à doença e, posteriormente, em férias de convalescença no Continente, de onde regressou no domingo. Mas, nesta fase final, deverá ainda submeter-se a novos exames clínicos para confirmar a cura.

**JOAQUIM CHIPANDE**, o ministro moçambicano da Defesa, está de visita a Moscovo, devendo abordar com as autoridades soviéticas a ajuda militar ao seu país. Segundo a Reuter, a deslocação do ministro moçambicano faz-se a convite do seu homólogo soviético, Dimitir Yazov, e segue-se a uma outra visita do Presidente Joaquim Chissano no princípio deste mês, durante a qual Gorbatchev afirmou que Moçambique pode continuar a contar com a apoio de Moscovo, nomeadamente no capítulo militar.

**JOSÉ CARRERAS** voltou ontem a ser hospitalizado em Barcelona para retomar o tratamento da doença sanguínea que o afecta, depois de cinco dias passados com a família na localidade de Lametlla de Mar. O tenor, de 41 anos, esteve já durante cerca de um mês internado no Hospital Clínico de Barcelona, tendo sido submetido a uma intervenção cirúrgica destinada a combater uma infecção no maxilar. Segundo alguns médicos, Carreras sofre de um tipo específico de leucemia. Em consequência, o artista cancelou todas as actuações, até ao fim do ano, incluindo a estreia de uma ópera baseada na vida de Cristóvão Colombo, marcada para 19 de Setembro.

**CARLOS CÉSAR** é o intérprete escolhido pelo Teatro de Animação de Setúbal para uma série de sessões de «conversa poética» em várias bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian. Trata-se de uma iniciativa incluída na dinamização da Fundação no campo da divulgação da poesia e que utilizará textos de Alexandre O'Neill, António Botto, Gedeão, Nobre, Mourão Ferreira, Fernando Pessoa, Herberto Helder, Salazar Sampaio, João de Deus, Jorge de Sena, José Régio, Manuel Alegre, Matilde Rosa Araújo, Mendes de Carvalho, Miguel Torga, Pedro Tamen e Sophia de Mello Breyner. Locais já anunciados para as conversas: Abrantes (hoje), Mora (amanhã), Alcácer do Sal (quinta-feira) e Montijo (no dia 1).

**JOÃO PAULO I** foi escolhido, faz amanhã nove anos, para ser Papa e cumprir, afinal, aquele que seria um dos mais pequenos «reinados» no Vaticano, apenas 33 dias. De facto, o cardeal Albino Luciani seria encontrado morto no seu quarto, pouco mais de um mês depois de ter sido eleito Papa. Além de ser o primeiro «João Paulo», este Papa viria, pois, a ficar na História da Igreja porque o seu curto reinado e a sua morte não escaparam a muitas suspeitas e a algumas insinuações sobre as circunstâncias em que teria ocorrido.

**FERNANDO AMARAL** que granjeou o respeito e a simpatia dos deputados que constituíam a anterior Assembleia da República, cessa as funções de Presidente e regressa à bancada do PSD. Antes, porém, em letra de Imprensa, volta a comunicar com o país publicando discursos, notas várias e reflexões sob o título: «Palavras... que foram exigência da função». Do seu entendimento da função diz-nos: « O Parlamento só será expressão autêntica e viva da vontade do Povo Poryuguês se ele fizer suas as preocupações e desejos que este manifeste».

# Poços secam no Algarve

Muitos furos e poços algarvios estão a secar e outros têm água em quantidade insuficiente. A falta de água está a afectar os pomares de citrinos e de outras culturas do Algarve — alerta o Movimento da Região do Algarve (MRA) num comunicado em que diz ser urgente a aprovação de «um programa completo e integrado de aproveitamento dos recursos hídricos de superfície e subterrâneos.

É escassa a água no Algarve, falta que sentem veraneantes e agricultores, sobretudo na época estival. A água falta durante quase todo o dia em Vila Real de Santo António, e quanto corre nas torneiras não passa do rés-do-chão. A Câmara Municipal admitiu, no princípio do mês, que a reforçada população do concelho teria água suficiente em Agosto, mas já veio a público atenuar esse seu optimismo inicial.

O MRA apela a que, de imediato, os proprietários de furos de água, em particular os de carácter público, socorram as situações de maior calamidade, após inventariação e coordenação das acções pela Direcção-Regional de Agricultura. O Movimento propõe ainda uma «adequada rede de grandes e pequenas barragens para execução no mais curto prazo», no quadro do programa integrado de aproveitamento dos recursos hídricos, para o qual chama a atenção a três dias do início da discusão do programa do Governo na Assembleia da República.

A situação de «carência ou equilíbrio instável que se verifica, tem tendência a agravar-se no futuro», devido a duas tendências opostas que vêm determinando o Algarve nos últimos anos: por um lado, aumentaram os consumos urbanos e turísticos e a absorção provocada pela passagem de terrenos de sequeiro a regadio, por outro, o grau pluviométrico tem sido cada vez mais baixo.

O MRA salienta que dessa situação resultam a diminuição da produção agrícola e a evolução da normal evolução vegetativa das culturas, bem como o aumento dos encargos dos agricultores pelas maiores profundidades de perfuração que chega a atingir os 320 metros, como ainda recentemente sucedeu em Tavira

# SETE PONTO SETE

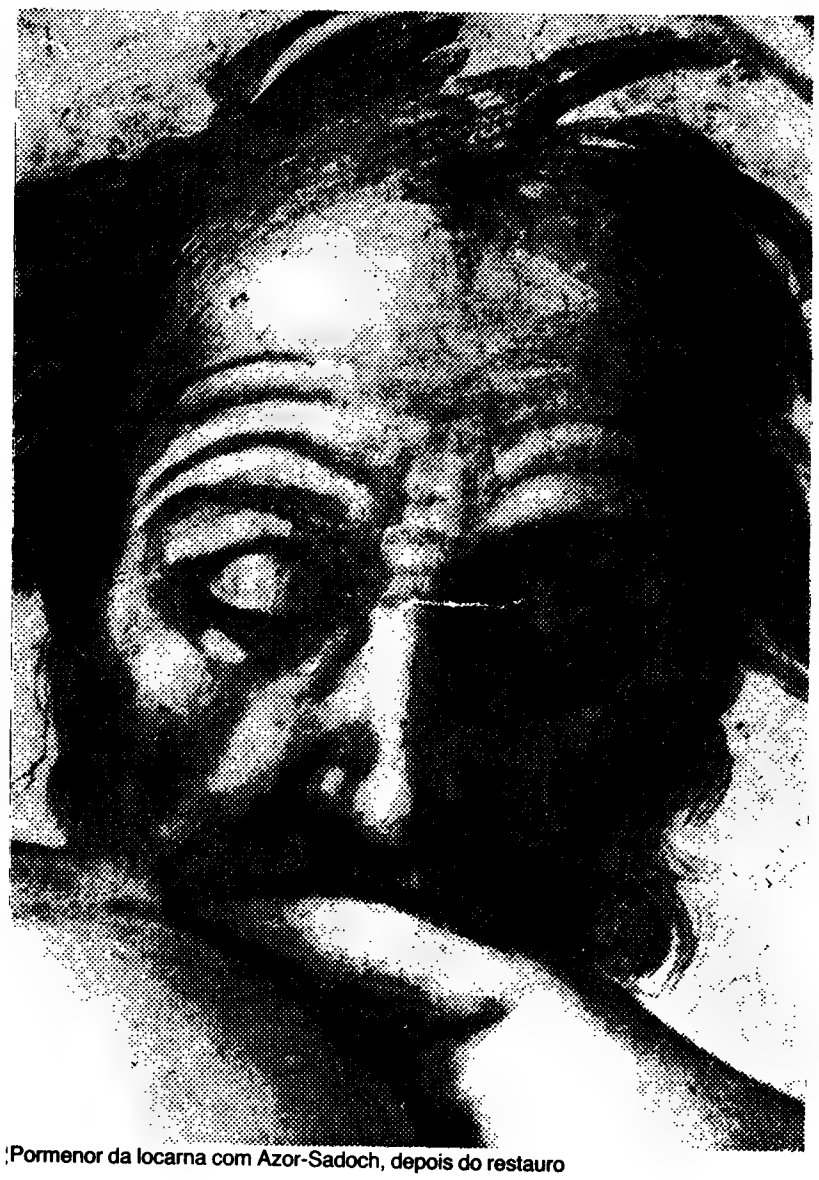
SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

## O restauro da capela Sistina

# A nova paleta de Miguel Ângelo

**Por André Chastel**

Graças ao restauro — em curso — dos frescos da capela Sistina, o público descobre as cores da paleta realmente utilizada por Miguel Ângelo: uma gama clara, rosa, verde-água, *mauve*. Uma descoberta negada por alguns, e que desencadeou uma violenta polémica em Itália.



Pormenor da locarna com Azor-Sadoch, depois do restauro

O restauro dos grandes ciclos de frescos do Vaticano começou há mais de vinte anos. Nas *Stanze* de Rafael, foi preciso consolidar várias superfícies que soavam a oco antes de se proceder ao aligeiramento das pinturas. Utilizou-se um dissolvente simples que não provocou — que se saiba — nenhum alarme. Depois passou-se à capela pontifícia, a grande «halle» de Sixto IV, decorada, pouco depois de 1480, pela equipa toscana de Laurent de Médicis. Havia uma espécie de filme acinzentado sobre as silhuetas de Botticelli e de Signorelli. Para as lavar, foi utilizada a mesma técnica suave.

Estas operações foram, como é hábito, acompanhadas por pequenas descobertas: as inscrições feitas a punhal, em honra de Carlos V na «câmara da assinatura» — cicatriz do saque de 1527, e que já voltaram a enevoar-se, de tal modo a poeira e o vaivém dos visitantes vela, depressa, a epiderme dos frescos. Na Sistina: os fios de oiro, que foi preciso reanimar, e as inscrições latinas que correm sobre as cenas evangélicas e bíblicas — chave decisiva para a iconografia do ciclo. Aprovação geral.

Restava a obra temível do gigante, o herói (todos os termos são bons), que por duas vezes se apropriou da capela pontifícia para a adaptar à sua medida, ilustrando o nascimento do mundo (1508-1512) e o final dos tempos (1534-1541). Temível, porque tudo o que diz respeito a Miguel Ângelo desperta, legitimamente, as paixões. É um fenómeno magnético.

O director dos museus do Vaticano, prof. Pietrangeli, reuniu uma nova equipa, calma e decidida, que reconstituiu o andaime aéreo, ou «ponte», concebido por Miguel Ângelo para trabalhar sem apoio no solo. Procedendo de baixo para cima, tratou-se primeiro, entre 1980 e 1984, das «lunetas» sobre as janelas. Foi uma revelação para toda a gente.

A espessura do lixo exigia um solvente um pouco mais activo. Ele deu origem a uma verdadeira aparição, a de uma gama de cores claras — rosa, verde-água, *mauve*... que explicava, de súbito, os surpreendentes jogos de cores da geração maneirista.

Enfim, o sentido mexeu, como sempre, com o aspecto; as sombrias silhuetas patéticas descritas até ontem pelos comentadores deram lugar a uma figuração vivaz, sábia e maliciosa das gerações bíblicas, escovada por um «élan» maravilhoso. Descobria-se um pintor esquecido.

Em 1984, começando pelo leste, o trabalho abordou as grandes cenas de ângulo: *Judith e David*, o enorme *Zacarias* sobre a porta, e as primeiras traves com os famosos *ignudi*. Foi então que uma crítica se manifestou, seguida de uma polémica bastante violenta que chegou aos *media* e quase comprometeu todo o empreendimento, cujo termo estava previsto para 1988, na cúpula, e 1992 no tocante à parede do *Juízo*.

Nada do que respeita a Miguel Ângelo passou, ontem como hoje, despercebido, e estamos razoavelmente bem informados sobre o completar dos trabalhos desse tecto. Júlio II, que lançava a Santa Liga contra os franceses, tinham pressa, e com razão, porque veio a morrer meses depois. Queria ver o seu cenário «moderno» no dia de Todos-os-Santos. E teve-o. «Desmontram-se as pranchas e tudo ficou a descoberto na manhã de Todos-os-Santos (1512), quando o Papa veio cantar a missa à capela.» Assim é contado por Vassari no seu livro de 1550 (1).

Mas é preciso ler até ao fim. Esta pressa levantou um problema e teve consequências pesadas: «Miguel Ângelo sonhava com alguns retoques a seco, como os velhos mestres no registo de baixo.

Estes retoques nos fundos, nos drapejados... teriam produzido um efeito mais rico e mais forte». O papa estava de acordo, mas faltava-lhe o tempo e ficou-se por ali, sem retoques *a secco* que, segundo esta fonte, não teriam senão produzido melhoramentos de luxo.

O artista conclui, como sabemos, por um gracejo: nada há a lamentar, «os que eu pintei lá em cima -declarou- não eram ricos e não gostavam de oiro».

Vinte anos mais tarde, Miguel Ângelo ia aliás tirar o seu partido do carácter *inacabado* de algumas estátuas, e os seus admiradores viram até, nisso, uma beleza suplementar.

Os oiros e os azuis teriam dado à imensa composição um carácter mais sumptuoso, mais conforme ao velho estilo a que Miguel Ângelo renunciara. Não apenas ele teve nada de lamentar, mas foi, exactamente, este trabalho com as cores puras e os curiosos efeitos de decoração inventados pelo artista (aquilo a que chamamos o *Cangiante)* que fizeram sensação: havia ali, para os pintores, a ideia excitante de uma pintura agressivamente clara.

Esta peripécia ganha todo o seu sentido quando tomamos em consideração a corrente inversa, que, na mesma altura, começava a instalar-se: o gosto pela pintura sombria, dócil ao *sfumatto* do insidioso Leonardo. Rafael ser-lhe-á sensível, e na sua última obra, a *Transfiguração,* adoptou o que pode designar-se por «maneira negra». Miguel Ângelo, como se sabe, detestava cordialmente Leonardo. Apesar de não ter feito da pintura a sua principal arte, ele tinha achado o modo de a fazer clara e luminosa, exactamente ao contrário do seu velho rival.

### Cola e negro de fumo

Os protestos sobre o trabalho em curso vieram de três lados: primeiro, dos amadores surpresos e, por vezes, escandalizados por verem aparecer, a 20 metros do chão, cores ácidas, formas leves, em *vez dos modelados calmos e acinzentados a que estavam habituados. Foi uma reacção normal.*

*Em segundo lugar, houve um grupo de artistas americanos, especialistas modernos da decoração mural «à maneira de Miguel Ângelo», que se mostraram indignados porque ninguém os consultou. Não hesitaram e pediram ao papa que interrompesse o desastroso restauro. A isto, acrescentou-se um importante professor que veio dizer que não tinha havido, em seu entender, investigações suficientes sobre a técnica de lavagem.*

*Mais sérias, por fim, foram as reservas expressas por alguns especialistas italianos do restauro mural, e a publicação de uma obra que não podia deixar de ser tida em consideração (2)*

*O pecado, o crime dos restauradores do Vaticano, é o de «esfolar» a pintura; com o lixo, eles levam também uma delicada cobertura (velatura)* de retoques dispostos a seco. Para A. Conti, todos os autores de frescos, antes e depois de Miguel Ângelo, procederam em dois tempos: eles adoçavam sempre o efeito através de um certo *sfumato,* utilizando negro de fumo *a posteriori,* e modelavam as sombras graduadas com um verniz à base de cola. O fundo da questão reside nisto: Vassari não é fiável, e está-se a arruinar definitivamente a obra-prima, cuja técnica não foi suficientemente aprofundada.

Não sairemos desta dificuldade senão respondendo, se possível é, a duas questões simples: os traços enegrecidos que se encontram sobre os frescos provêm do fumo das velas que eram dispostas em massa na capela, até sobre as cornijas, ou de um véu de *tempera* à base de negro de fumo, e aplicada de uma vez só? Por outro lado, as passagens de cola detectáveis nas figuras e nos fundos são testemunhos, forçosamente alterados e enegrecidos, de verniz aplicado *a secco,* ou vestígios das numerosas intervenções com cola, de que a cúpula foi amiúde objecto, ao longo dos «restauros» anteriores? Na plataforma dos trabalhos, quando temos debaixo dos olhos as formas e as manchas coloridas tão firmes do fresco, violadas pelas pinceladas e pelas placas de poeira suja, é difícil hesitar durante muito tempo (3).

### Visitantes de mais

É possível que a operação se atrase alguma coisa. No final de 1988, deviam-se «em princípio» desmontar as pranchas e abordar a parede do *Juízo Final*. A rede de televisões e o jornal japonês que financiaram a obra em troca do exclusivo prolongado de exploração pelo filme e pela imagem continuam uma «sponsorização» que surpreendeu e aborreceu. Centenas de horas de filme foram já realizadas e haverá o arquivo mais completo de sempre, ao lado de séries de documentários de grande qualidade, certamente, que serão oferecidos ao público mundial. Entrámos numa nova era.

O grande restauro não foi possível senão graças à influência nova dos *media* no mundo da arte, mas isto dá origem a uma inquietação que é preciso ousar formular.

O domínio audiovisual caminha junto com o fabrico de imagens violentamente iluminadas, de fotografias de luxo para magazines. A distância entre o estado «restituído» dos frescos que agora conhecemos, e os produtos comerciais que ele vai caucionar, incomodará sem dúvida pouca gente, mas podemos perguntar quem acabará por beneficiar com isto. A consolidação das superfícies pintadas, o remendo das frestas, a limpeza das cores estão realizados. Mas se, através da excitação criada pelos *media* e já sensível na «polémica» dos últimos meses, uma multidão mais numerosa, mais curiosa, atraída pelo «sensacional», invadir a pobre capela, poderemos vir a lamentar toda esta agitação. Já hoje, contam-se ali, diariamente, cinco a seis mil visitantes.

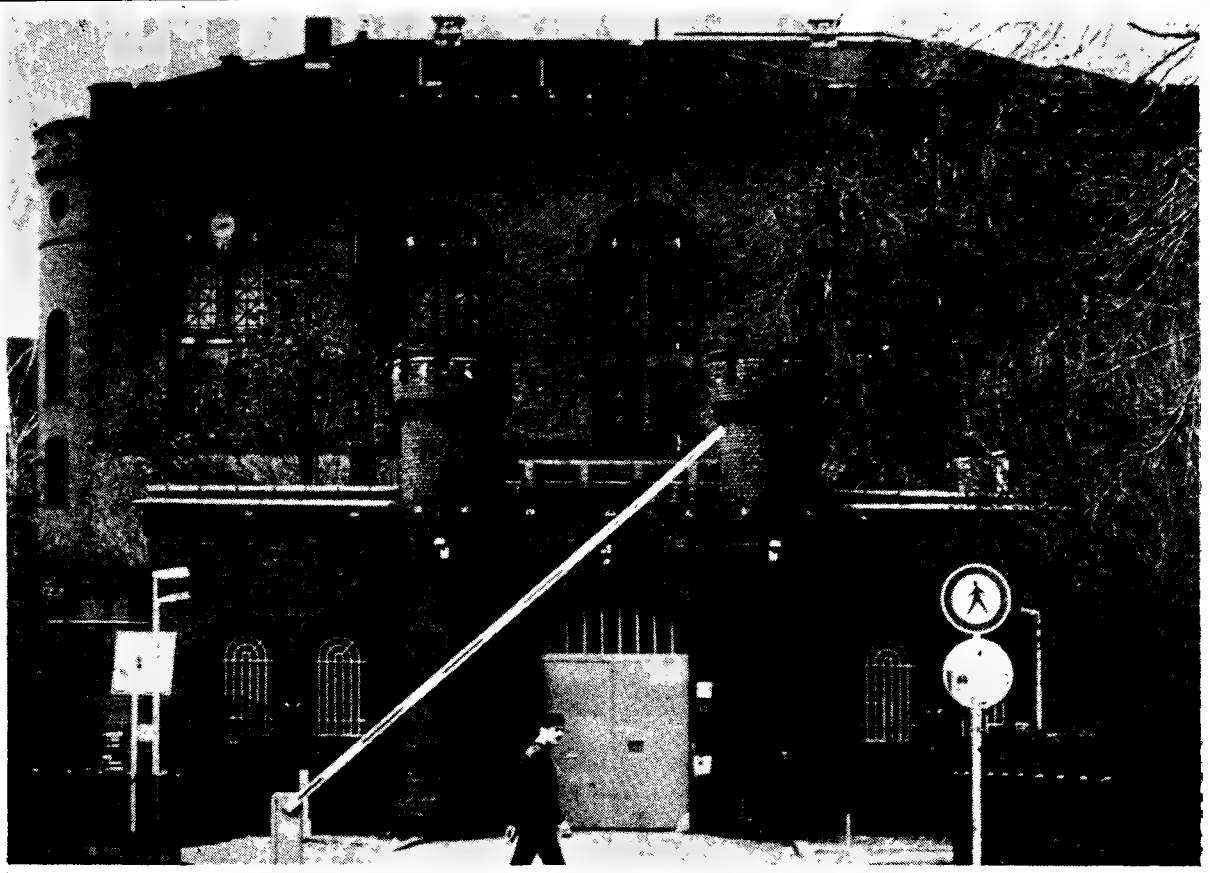
O raciocínio que fizemos em relação à *Camera* de Mântua (publicado no *Le Monde* de 20 de Agosto) impõe-se aqui também. O consumo turístico torna-se no pior inimigo das obras que são restauradas com tantas despesas; a poluição anula rapidamente os benefícios obtidos. Se os soberbos filmes dos nipónicos permitissem satisfazer as multidões, reduzindo a um pequeno número diário o fluxo de visitantes, essa seria a maior vitória do «mecenato» moderno. Para quando, uma Sistina II?

### Notas

1) A vida de Miguel Ângelo está no volume 9 da nova tradução das *Vidas*, publicada nas edições Berger-Levrault, 1985. O primeiro volume, saído em 1981, contém informações sobre as técnicas.

2) Alessandro Conti, *Michelangelo e la pittura a fresco, tecnica e conservazione della Volta Sistina,* prefácio de Toti Scialoja, ed. Usher, Florença, 1986.

3) Ver, entre outros, o artigo de Sylvia Fereno Pagden, «Michelangelo senza veli: difficile immaginarlo a pasare la colla», in *Il giornale dell'arte*, Roma, n.º 42, Fevereiro de 1987.



Spandau espera, agora, o camartelo. O filho de Hess, vítima de doença súbita, não acredita no suicídio do pai. O antigo delfim de Hitler foi entretanto sepultado em lugar desconhecido, devendo o corpo vir a ser transportado para Wunsiedel

## ■ O medo de Wunsiedel

A autópsia confirmou: morte por sufocação. Quarenta e um anos de estreita vigilância não serviram para nada: Rudolf Hess, doente, meio cego, conseguiu, aos 93 anos, subtrair-se à vigilância dos seus guardas e suicidou-se. A confissão foi difícil para os quatro aliados — Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e URSS — encarregados, em Berlim, da prisão-fantasma de Spandau, que esperava o desaparecimento do seu último preso para ser demolida.

Precisaram de 24 horas de negociações para admitirem publicamente que o moribundo não morreu pura e simplesmente de velhice, acabando por conseguir, à quarta tentativa, pôr fim à vida.

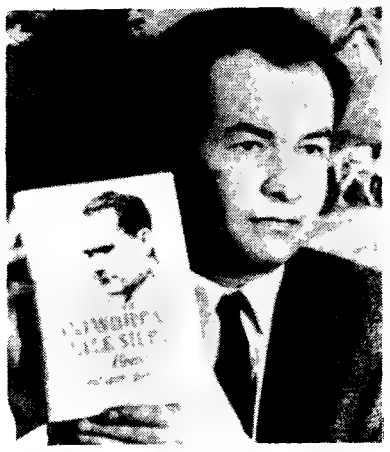
Tudo se passou, segundo o governador militar britânico, que divulgou um comunicado em nome das potências que guardavam o «delfim de Hitler», na tarde de segunda-feira 17:

«Na tarde desse dia, ele dirigiu-se, acompanhado por um guarda, a uma pequena construção no jardim da prisão, onde tinha o hábito de ficar algum tempo sentado. Minutos depois, quando o guarda inspeccionou a pequena casa, encontrou Hess com um fio eléctrico à volta do pescoço. Foi empreendida uma tentativa de reanimação, sendo Hess transportado para o hospital militar britânico. Depois de novos esforços para o reanimar, foi declarado morto às 16h10.»

Não se sabe se ele se estrangulou ou enforcou. Também não se conhecem as circunstâncias em que escreveu e deixou um bilhete posteriormente encontrado e que declarava a intenção de pôr fim à vida.

Hess roubou o fio eléctrico ao material de uma empresa que, naquele dia, efectuava trabalhos de electrificação na prisão.

É um epílogo de tal modo absurdo que o antigo comandante americano de Spandau, Eugene Burt, disse numa entrevista à televisão alemã (ZDF) ter ficado «perturbado e perplexo» diante do suicídio que os regulamentos e as medidas de segurança em vigor em Spandau tornavam «impossível».



A tese do suicídio está a ser, aliás, posta em causa pelo filho de Hess, Wolf Rudiger.

Este fim está, no entanto, à altura do personagem, caracterial e suicidário. «Ele tornou-se louco, louco varrido», tinha dito Hitler ao tomar conhecimnto, em Maio de 1941, de que Hess se julgava investido de uma missão de paz na Inglaterra e embarcara num avião que pilotou sozinho entre a Baviera e a Escócia.

Cinco messes depois, Hess, preso em Inglaterra, fazia a sua primeira tentativa de suicídio. Durante o julgamento de Nuremberga, manteve-se inteiramente passivo, como se estivesse amnésico. Mais tarde, os sinais de desequilíbrio multiplicaram-se, nos primeiros anos do seu encarceramento em Spandau. Antes de os seus colegas de cárcere — Von Neurat, Rader, Funk, Speer, Von Schirach e Doenitz — o terem progressivamente deixado sozinho — o que aconteceu em Setembro de 1966 — ele impôs-lhes o papel de «novo führer», obrigando-os, entre grades, a «conselhos de ministros» delirantes.

Fez outras tentativas, mais ou menos sérias, de suicídio: lutava regularmente com os seus guardas e via em toda e qualquer alteração da rotina «um golpe do sionismo internacional». Até ao Natal de 1969, sempre se recusou a ver a família.

O governo do chanceler Kohl, que interveio pessoalmente para obter a liberdade do mais velho prisioneiro conhecido da terra, anunciou que não reagiria à sua morte. O desaparecimento de Hess não comoveu senão um punhado de extremistas de direita. Pequenos grupos de neonazis e outros **skinheads** pintaram paredes de algumas localidades com o *slogan* «Vingança para Hess», ou «Hess morreu por vós».

Wunsiedel, perto de Bayreuth, em cujo cemitério está o jazigo dos Hess, teme vir a tornar-se em lugar de peregrinação de uma causa sinistra

## ■ Pena de morte acaba na URSS?

O *Ogoniok,* semanário soviético que tem funcionado como ponta de lança da *«glasnost»,* publicou há dias um artigo do jurista Alexandre Yakovlev, resumindo os argumentos históricos ocidentais contra a pena de morte. Pode tratar-se de um balão de ensaio para testar a receptividade da «nomenklatura» a uma eventual proposta de supressão do homicídio legal, a apresentar eventualmente durante as celebrações dos 70 anos da Revolução de Outubro, em Novembro próximo. A RDA foi o primeiro país do Leste a suprimir a pena de morte, por decreto do Conselho de Estado de 17 de Julho passado.

No seu artigo, Yakovlev diz que a URSS tem um código penal suficientemente severo, e que «a vida humana é sagrada, ninguém, nem mesmo o Estado, devem por isso ter o direito de a roubar».

No entanto, contrariamente ao que tem acontecido na sequência de outras iniciativas do *Ogoniok,* a ideia não deu, desta vez, lugar ao «debate alargado» que consiste, geralmente, em o tema se transformar em manchete dos jornais de maior tiragem.

A pena de morte praticada na URSS é por fuzilamento, e só este ano já foi dado conhecimento público de 16 execuções.

## ■ A caça à «caixa» no golfo Pérsico

Helicópteros, aviões, barcos, envio de equipas de 12 e mesmo de 16 pessoas: os *media* americanos não se poupam a meios para seguirem os movimentos dos petroleiros e dos navios de guerra dos EUA mobilizados para o golfo Pérsico nas últimas semanas.

A caça à «caixa» jornalística tem por vezes, aspectos inesperados: o helicóptero de uma equipa da cadeia de televisão NBC pousou, há dias, num petroleiro, porque os jornalistas queriam avisar o comandante de que tinham descoberto uma mina no mar, perto.

O Pentágono passou a recusar fornecer informações sobre os movimentos dos navios americanos, e as equipas das grandes cadeias de televisão americanas, NBC, CBS, ABC e CNN, passam horas à procura deles. A NBC reservou um avião que efectua diariamente duas saídas de três horas, e um navio de reabastecimento, encarregado de seguir o porta-helicópteros *Guadalcanal.*

A conta é pesada: um helicóptero custa 1000 dólares por dia, ou até 1000 dólares por hora, em alguns casos.

Resultado: «é preciso patrulhar desde o alvorecer até ao crepúsculo», mas não houve nada que se passasse «que não tenhamos sabido relativamente depressa», garante Robert Murphy, vice-presidente da ABC News.

## ■ Pouco emprego para «Cicciolina»

Desde a sua espectacular entrada para o Parlamento italiano, sob a bandeira do Partido Radical, a rainha «porno» Ilona Staller, que visita Portugal como deputada no próximo mês de Setembro (quem a receberá, na Assembleia?) tem dificuldade em arranjar trabalho.

Mais conhecida sob o nome de «Cicciolina», Ilona alcançou um verdadeiro triunfo nas eleições de Junho, no termo de uma campanha em que não hesitou em mostrar aos eleitores a verdade nua, no sentido literal.

Porém, em Roma, a rocha Tarpeia fica junto ao Capitólio: o jornal *«La Reppublica»* revelou, a 18 de Agosto, que os «night-clubs», ávidos de discrição, anularam um a seguir ao outro os contratos da infortunada deputada. E isto a um ponto tal que a pobre «Cicciolina», para evitar os abismos do desemprego, está reduzida a evocar o seu número eleitoral, sobre o qual é sabido que ele não primava pela reserva e pela distinção.

E como toda a história precisa de moral, *La Reppublica* conclui que «é este o preço da popularidade. Os seus admiradores queriam tornar uma «star» porno em deputada, mas a Itália não quis que a deputada continuasse a ser «star» de porno».

Uma das primeiras visitantes oficiais de Vítor Crespo

## A ecologia no mundo — 3

*A mentalidade dos homens reflecte-se mais tarde ou mais cedo no estado de saúde dos territórios que ocupam.*

**S. Rihouet — Coroze**[1]

# Temos camponeses a mais?

Um dos dogmas dos economistas desenvolvimentistas formados na mentalidade dos anos 50, e que hoje dominam a nossa vida pública, postula como objectivo prioritário a diminuição drástica da população activa no sector agrícola. A grande massa dos camponeses que ainda vive em regime de autosuficiência pelo menos parcial é para esses economistas um duplo empecilho. Por um lado, só em medida desprezível os camponeses são consumidores do mercado industrial e urbano; por outro lado, alheia e indiferente a critérios de produtividade e industrialização, a economia camponesa não fornece uma quantidade suficiente de alimentos às massas urbanas concentradas na indústria e nos serviços.

Para um modelo desses, o ideal a seguir está naqueles países de agricultura avançada que conseguiram expulsar os camponeses da terra, reduzindo a população activa agrícola a 20, 10 por cento, ou ainda menos. A expropriação de facto dos pequenos agricultores, a concentração da propriedade, a sujeição dos agricultores à banca, a penetração de grandes empresas industriais e financeiras no campo, incluindo as multinacionais, foram e são ainda os processos que transformaram ou tendem a transformar a agricultura naquilo que ela até hoje não foi historicamente: uma simples actividade económica sem outra justificação a não ser a produção, moldada pelos métodos industriais que se aplicam, não a seres vivos como as plantas e animais, mas à matéria inerte.

Os Estados Unidos são decerto um dos países onde esse processo está mais avançado e onde é menor o número de agricultores independentes e de empresas agrícolas familiares, ainda que tecnicamente evoluídas. É uma realidade que nesse país existe há décadas. E embora nas classes médias urbanas se verifique, desde o início do anos 70, um movimento de regresso à terra inspirado na consciência da crise ecológica *(back-to-the-land movement),* por outro lado continua a diminuir a população agrícola tradicional sob a pressão do grande negócio agro-alimentar *(agrobusiness).*

No entanto, não é sem resistência que os agricultores remanescentes assistem à sua própria desaparição. Diversas ligas, associações e grupos tentam opor-se, usando para isso métodos de ajuda mútua e cooperação, acções de tipo sindical, ou fazendo circular a informação e agindo como grupos de pressão junto das instituições. Ora, como vem acontecendo nas últimas décadas com todas as grandes causas cívicas e movimentos culturais, também este movimento encontrou eco no mundo da música popular de massa, na esteira de Joan Baez, Bob Dylan e Donovan face ao movimento pacifista, dos Beatles face ao *undergrounds* e à contracultura, mais recentemente Boy George e o Live Aid na solidariedade com as vítimas da fome em África.

Curiosa e adequadamente, o intérprete desse nexo entre o mundo da música e o dos agricultores ameaçados foi Willie Nelson, o famoso cantor de *country music,* a lendária música do *cowboy* e do pioneiro americano. O modelo seguido foi muito semelhante ao de Live Aid: um grande festival ao longo de 14 horas consecutivas, com a participação das grandes estrelas da música popular: lá estiveram Bob Dylan, os Beach Boys, Alabama, Billy Joel, Kris Kristofferson, Bon Jovi, Joni Mitchell, Waylon Jennings, Kenny Rogers, Neil Young Haggard, John Cougar Medllencamp e mais 45 outros nomes sonantes.

Foi o Farm Aid, que serviu de detonador para a recolha de donativos que vieram juntar-se à receita do espectáculo, e que passaram a ser investidos e administrados em favor dos movimentos de apoio aos agricultores.

Ao primeiro concerto, realizado em Champaign, no Illinois, em Setembro de 1985, seguiu-se em Julho de 1986, o Farm Aid 2, em Austin, Texas. Entre receitas e donativos foi constituído um fundo de 14 milhões de dólares do qual Willie Nelson, assumiu responsabilidade e controlo directos. Satisfeito com alguns progressos entretanto realizados, incluindo a nível legislativo, Willie Nelson sabe que muito há ainda por fazer: « ...tentámos avisar a todos que o problema continua a existir. Todos os dias há agricultores que vão à falência. Continuam a precisar de dinheiro, de aconselhamento, de auxílio jurídico, e, mais do que qualquer outra coisa, continuam a precisar que os seus produtos sejam mais bem pagos.»

Enquanto Farm Aid se esforça por manter os agricultores em actividade, grande parte dos economistas e políticos, em Portugal, têm exactamente o programa inverso. Tomando por modelo países como a França ou a Alemanha, que, desde a guerra, optaram por uma política económica cujo objectivo declarado era o de eliminar grande parte da população camponesa; diminuir drasticamente o número de explorações agrícolas, e encaminhar para as fábricas a mão-de-obra excedentária, assim criada, esses economistas esquecem duas coisas de primeira importância. Por um lado, que a criação de empregos na indústria e nos serviços já não é e não voltará a ser o que era nos anos 50 ou 60. Pelo contrário, estamos em plena época de informatização, automatização e robotização: de uma forma geral, o investimento não cria empregos: **suprime-os.**[2] Por outro lado, a população camponesa que, na óptica produtivista, só podia ser considerada um peso morto ou um «travão», afinal poderia ter uma função de capital importância, na produção de alimentos de elevada qualidade biológica e sanitária, na conservação de paisagens vivas e diversificadas e, de uma forma geral, na defesa e regeneração da natureza.

De facto, em países como os europeus, e de forma flagrante em Portugal, mais do que a defesa de zonas primitivas ou selvagens que quase não existem já (com excepção de algumas jóias ou santuários a preservar decididamente), a conservação da natureza significa antes de mais a defesa da paisagem humanizada ou seja, do mundo rural, da sua sobrevivência e permanência da sua dignificação, do seu renascimento.

Esse programa, que visa fixar as populações no campo e não expulsá-las dele, e até mesmo favorecer um retorno parcial ao campo de populações urbanas desde que imbuídas de mentalidade conservacionista e de amor à cultura tradicional camponesa sem ignorar algumas inovações ponderadas e criteriosas, é muito diferente, é mesmo a antítese, daquilo a que alguns chamam a urbanização do campo. Como se, justamente, o problema presente da humanidade não fosse o da expansão incontrolada da concentração urbana, o da proliferação do seu modo de vida cada vez mais artificial, com o respectivo cortejo de consequências: desperdício, lixos, contaminação, criminalidade, doenças de civilização e degenerescência, **stress,** neuroses, desemprego, carências de habitação e de espaços arborizados, congestionamento, e declínio geral da tão falada e tão mal definida qualidade de vida.

**José Carlos Marques**

**NOTA**

1 — Nota introdutória à edição francesa de **Le Visage de la Terre,** de E. Pfeiffer; Paris, Triades, 1974.
2 — Veja-se **Les chemins du Paradis,** de André Gorz, Paris, Galilée, 1983.

# Considerações sobre a arte na sua «situação pós-moderna»

**Por J.A. Bragança de Miranda**

*«La música pone unos tristes guantes, um velo por el rosto casi transparen-transparente, o a veces, cuando la melodia es cálida, se enreda en la cintura la cintura penosamente como una forma de hierro»*

**Vicente Aleixandre**

O presente artigo saiu no último número da revista Risco, incluído num «dossier» sobre o pós-modernismo onde também se publicam trabalhos de Ruth Rosengarten ("O pós-modernismo e as artes visuais") e de José Alexandre Magro ("A favor das Amoreiras"). A «Risco», revista do *Clube da Esquerda Liberal,* publica igualmente um manifesto em que é feito o balanço de três anos da vida do *Clube,* e a versão completa da entrevista que João Carlos Espada fez, em Março passado, a Karl Popper, e de que foi publicado um condensado no «Expresso» de 28 desse mês. Esta «Risco» n.º 6, datada do Verão de 1987, passou agora a ser propriedade e edição da nova editora «Fragmentos».

## I. Vanguardismo

SOBRE a «arte de hoje» diz Martin Heidegger que ela é *«largement destructive»* (1977:47). Como entender esta acusação da parte de um filósofo da *destruktion,* da *abbau*? Simplesmente pelo facto dela ser desenraizadora, *heimatlos*? Quererá apontar para o fim da oposição entre a experiência e o experimental, experimentabilidade que torna a arte moderna tentativa, irredutivelmente negativa? *«Je ne vois pas quel chemin indique l'arte moderne, surtout dans l'obscurité où l'on est quant au lieu où il aperçoit, ou du moins cherche, ce qui fait le propre de l'art»* (Heidegger, 1977:73). Para quem sabe escutar Heidegger, a distância entre a «arte moderna» e a arte deixa-se assinalar na proximidade à essência dispositiva da técnica *(ge-stell)*, mas de um modo encoberto, na medida em que, na sua destrutividade oculta o seu posicionamento enquanto procedimento técnico que impõe um trajecto de dominação da experiência. Assim, essa dominação é realizada através da repetição de algo que permanece indefinida na «obscuridade»: do inapercebido, *i.e.*, a sua relação com a técnica e a subjectividade modernas.

O problema interessante que se coloca é o seguinte: será que a arte pós-vanguardista que associa a si as técnicas mais recentes, se limita a deixar manifestar esse nexo escondido, obscurecido, ou terá antes superado esse nexo, apesar de nunca o ter interrogado (a não ser para alimentar a negatividade), lançando-se hoje num novo trajecto que retira o sentido á estratégia heideggeriana de um pensamento das passagens, menor e questionante, cuja regra é *«bâtir de chemins étroits, n'allant pas loin»* (Heidegger, 1977:75). No fundo o pós-modernista reaje como se estivesse *à l'aise*, no sulco deste caminho que ninguém, abriu mas que é aceite, aparentemente sem reservas, que não seja o da multiplicidade dos caminhos. Como se tal «multiplicidade» bastasse para encerrar a nossa longa estada junto do moderno.

Ora com a modernidade explica-se o limiar último de toda a experiência — ou seja, o espaço e o tempo passam a ser trabalhados directamente, e com eles todos os «transcendentais» são «abaixados». É isso que explica que o valor da experimentação acabe por se impor à experiência. A arte moderna — é uma peça essencial do dispositivo, negando-os absolutamente na sua experimentabilidade absoluta com o significante — o jogo dos significantes autonomiza-se decaindo na adoração do chinesismo *à la Michaux*. O problema é que mesmo estas experimentações radicais que se pretendiam à margem do museu moderno, também se dotaram dos seus museus, também foi possível detectar a regração das suas anti-regras. A sua retórica, em suma.

Tem de se depreender deste fenómeno uma crise da Modernidade, senão mesmo o seu acabamento? A actual discussão sobre o pós-modernismo poderia indicá-la senão fosse paradoxa: como acabar com uma época que é a época de todas as épocas, e de todos os «fins» — de Deus, do homem, da arte? Vivendo junto ao limite, passagem para além dele seria o fim absoluto, impensável em termos humanos para além dele estar acabado é o *estilo vanguardista,* que para aém da negação da arte de museu, e da arte modernista chegou à situação paradoxal, mas lógica, de se negar a si mesmo, a crise da arte actual deriva, portanto, da ruptura tecnopolítica do vanguardismo em relação ao modernismo, e a sua superação passará de certo pela invalidação desse corte, que é uma metáfora do «fim da arte».

Sobre esta questão René Clair chega mesmo a afirmar, talvez com excessiva confiança na arte, que *«l'avant-garde n'est que la caricature du moderne«* (1983:71), ou seja, sendo uma mera negação do presente, um adiamento da realização, uma exemplificação de procedimentos, a vanguarda prendeu o seu destino ao efémero, esquecendo a segunda parte da modernidade, isto é, a sua historialidade terminal. Não dissera já Baudelaire que *«la modernité, c'est le transitoire, le fugitif, le contingent, la moité de l'art, dont l'autre moité est l'éternel et l'imutable«* (1932:35)? É a segunda metade que é recusada por se manter ainda numa certa relação com a tradição. Para além de um platonismo antimoderno que a definição de Baudelaire contém, deixa entrever que a verdade da arte moderna só pode advir de uma composição entre o abstrato e o historial, de uma salvação de todo o passado, que não impeça uma abertura no âmago do *jetzzeit,* do presente. Só assim a modernidade será eterna. O pós-moderno será a então crise dos mitos modernos de uma estilística absolutamente pura, que se limitaria à disposição dos «fragmentos» do real num progressivo incontido, cujo automatismo corresponde apenas à antecipação, mas por vezes, também, à denúncia do terror na História (Benjamin).

Esse terror advém do facto de que a modernidade ao ser de certo modo a época anti-histórica por excelência, se apresenta, dentro das narrativas da História, como a época onde se faz a História directamente, sobre um material histórico *tout court*. É esta a sua forma própria de trabalhar directamente o tempo. Já Marx falara da realização da Modernidade, como «fim da pré-história da humanidade» que nos nossos tempos passaria a fazer História directamente numa revolução total, e, com ela, a provisoriedade de um Terror que teria de acabar com o terror na História. Mas, tal como a destruição vanguardista se tornou numa paródia de si mesma, se museologizou, também hoje a revolução sobrevive apenas nos seus fósseis. Diante deste esgotamento, como compreender a ideia corrente nos pós-modernismos de que houve uma mudança radical na arte moderna, que se tranfigurou repentinamente, ou de cansaço, de si mesma e do futuro que anunciava?

No momento do retorno do figurativo em pintura, ou do narrativo na literatura ou no cinema, a actual situação da arte e da cultura, é hoje amplamente caracterizada como pós-moderna. Assim, Maurizio Ferraris refere que «l'artista moderno effecttua una riflessione (sul linguaggio, sui colori, sulle forme, etc.), senza confrontarsi direttamente com il mondo della comunicazione e della informazione-traduzione; nientre un simile confronto, che à anche una riflessione sul reale nel suo complesso, diviene appunto il nociolo di qual asi estetica postmoderna» (1983:92-2). Ou seja, o real é agora questionado esteticamente, aparecendo a estética como algo neutro, como *instrumeto* para a reflexão sobre o mundo. Em vez de inquirição negativa sobre si mesma, meramente enquanto instrumento que a arte ainda retém a sua autonomia e especificidade no mundo da vida. A sua neutralidade servirá como modo de suspender as formas estabilizadas? Sejam da técnica, ou do discurso, opondo à reprodutibilidade técnica (Benjamin) e às suas regras para a produção ou o uso, uma composição com essas regras, mas que as internaliza na sua *visée* total, de modo a que, como defende Lyotard, se trabalhe «sem regras, para estabelecer as regras do que *terá sido feito»*. O que caracteriza a arte pós-vanguardista é que o elemento técnico — como as regras mas também a própria técnica da feitura — é explicitada enquanto «fragmento» da obra, que é composta a partir dele, mas sem se reduzir à expressão técnica, ou seja, experimentação de novos suportes. A tecnicidade encoberta da arte moderna emerge agora como parte da obra, e é essa a novidade radical que se anuncia.

Este fenómeno, como se depreende da interpretação de Octávio Paz, é inseparável de uma academização das vanguardas, que levou o trabalho da negatividade a transformar-se num negativismo niilista. A detecção da lógica vanguardista tornou, portanto, explícitas as suas regras de trabalho e revelou a sua pertença ao dispositivo da técnica moderna. É na afinidade radical da destruição com o positivismo e o funcionalismo, que se podem originar as tentativas de superação do vanguardismo, embora não inteiramente satisfatórias do neovanguardismo de transnanguardismo (Bonito-Oliva) que procuram à sua maneira operar a destruição da destruição. Se há aqui incompreensão da essência da arte moderna, esta não é menor na defesa de uma «vanguarda ainda maior» por Lyotard, que se apoia no questionamento das regras estabilizadas das vanguardas históricas, mas que apenas leva a sua lógica de diferimento da presença (o «sublime») ao seu extremo lógico.

Perde-se assim de vista que, sempre existiu uma interrogação sobre os materiais e as regras de trabalho artístico, isto é, que os manifestos dos vanguardistas mostram o teor de reflexibilidade e de conceptualidade da arte na modernidade, a sua debilidade é que se esgota na demonstração e no conceptualismo. Mais paradoxal ainda, é que desse estilo de trabalho se tenha feito um motivo transcendental da arte moderna, transformando esse momento de experimentalidade numa espécie de técnica política para garantir o «novo» — o único valor que resta ao vanguardismo, que nega todos os «valores». Será que a invenção de novos materiais e a utilização de novas técnicas poderá bastar para relançar continuamente o trabalho das vanguardas? Quando Lyotard propõe que se faça «uma reflexão sobre o próprio material que aproveite todas as tecnologias» (1985, a 119), não faz mais que continuar a lógica do vanguardismo, precisamente por algo, que era apenas um momento da construção/disposição, (as técnicas), ser agora tematizado directamente, no que alguns chamam, talvez apressadamente, o *multimedia.*

Ora esse *multimedia* ou é um aglomerado de antigos materiais com os novos suportes, ou corresponde necessariamente à superação do vanguardismo naquilo que tinha de reflexividade estéril (daí que sejam mais vanguardistas os manifestos que os resultados da aplicação dos manifestos), ou de negação dos suportes, pelo diferimento dos antigos por toda uma série de novos — o computador, o vídeo, a holografia, a síntese sonora ou imagética.

Neste sentido o que pareceu emergir como problema é uma nova relação à técnica, agora explícita que já não é dispositiva, mas antes compositiva. Apesar de minoritária, e mesmo «impossível» perante o dispositivo técnico da modernidade, que nada indica que tenha sido «solucionado», dissolvido e desaparecido por si só, essa nova relação à técnica, enquanto problema, leva a questionar se é anunciadora da abertura da arte — o motivo íntimo do modernismo —, a única forma da verdade da arte não desaparecer pura e simplesmente do nosso mundo.

Pode antecipar-se que qualquer possibilidade de um «pós-modernismo», terá hoje de passar pela *composição* de todas as artes (com a consequente crise das fronteiras) e todas as técnicas (com uma crise de ligações); composição que seria finalmente manifesta, contrariamente ao que acontecia com o modernismo e o vanguardismo. Mas deverá deduzir-se daí que a nova arte constitui uma *gesamtkunstwerk* (obra de arte total) possibilitada pelas novas técnicas? Ou seja: que algo que não era possível dentro da modernidade, sê-lo-ia contra ela? Mas não implica isso que a natureza da técnica tenha mudado? O seu carácter minoritário e experimental indicam que não. Porém, o novo valor da montagem e da composição, não como momento técnico, mas como internalização da técnica, o obrigam a questonar a aparência de *gesamtkunstwerk* a chamada arte pós-moderna, aparentemente repropõe.

## II. Gesamtkunstwerk

A *Gesamtkunstwerk* procurava ser uma resposta ao desaparecimento da aura da obra de arte, substituindo a sua incrição sacral na vida ou no Templo, por uma inscrição das artes relativamente umas às outras. A artificialidade desse dispositivo advinha do desejo de recompor o «templo» e a vida; para isso teria de dispor dos fragmentos («ruínas») que a Modernidade deixava em *restance* (Derrida).

Embora comummente ligada aos esforços de Wagner pela fusão das artes, é anterior a estes, o que não deve admirar. Com efeito, esse desejo de fusão (de retorno à *mimesis,* à história natural) acompanha a própria emergência da modernidade. Desde o início que ela é autocontraditória, pois ao mesmo tempo que se perfilavam as ideias da *Aufklarung,* de emancipação de uma humanidade finalmente redimida, a sociedade diferenciava-se crescentemente. Como é sabido, as artes acompanharam essa diferenciação, dividindo-se extensivamente; mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo que se dá essa desagregação constitui-se uma linguagem sobre as artes — a estética, em termos abstractos, ou a história da arte, em termos concretos — que pressupõe logicamente a unificação, ou a autonomia das obras de arte. Trata-se de uma resposta a essa desagregação da *communitas,* o de uma necessidade imanente da própria arte? A resposta não pode ser simples, mas o que é certo é que historicamente o romantismo está na base do programa de unificação das artes, seja como substituto da vida mutilada, seja como utopia de retorno à pátria ocidental — a Grécia.

Inserindo-se complexamente no romantismo, no drama musical de Wagner projecta-se, com cautelas imensas, a possibilidade de uma reunificação das artes, cujo operador seria a música e a poesia. É a cena teatral que deverá permitir integrar a música e a poesia, mas não trabalhada directamente, antes servindo de «enquadramento» da musicalidade poética, e da dramatização da música,na mira utópica de reactualizar o «conceito grego de *musikê:* a música, a palavra, o gesto» (Graça, Amarante: 1984:32). A linha unificadora deve ser encontrada numa série de *leitmotiv* que formam o sentido oculto

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4

da obra, que por sua vez os cria formalmente, numa «eucaristia» pura do «comei, este é o meu corpo» (ver Marin, 1986).

Do ponto de vista pragmático, o templo onde se performa essa eucaristia é a *Buhnenfestipielhaus* (o teatro de festivais) que é um espaço anunciador da nova *communitas* — corpo unido da arte e da vida — contra o que a impede de realizar-se, ou seja, as condições sociais da modernidade. Esse templo das artes antecipa na aparência estética um «Estado utópico» onde a transfiguração final da humanidade deverá tornar real o que no drama musical é apenas ilusão.

Enquanto arte pura a *gesamtkunstwerk* era impossível, e Wagner estava consciente disso: *«Personne mieux que moi ne peut avoir présent à l'esprit que la realisation du drame que j'envisage, relève de conditions independantes, aussi bien de la volonté, que des capacités de l'individu isolé, fussent-elles infiniment supérieurs aux miennes, conditions qui dépendent d'une certaine situation générale et de la coopération collective rendu possible par cette situation, dont n'existe actuellement que tout le contraire»* (Wagner, cit. Adorno, 1962, pp. 153-4). Ou seja, ela tinha de passar por uma dramaturgização da prática e do mundo, e não apenas de uma anunciação, simplesmente resistente, de um mundo a vir, em que todo o passado fosse restaurado. Poderá dizer-se que esta estetização da política é intrinsecamente totalitária, como afirma V. H. Syberberg ao referir-se ao «Dritte Reich als 'Gesamtkunstwerk' des pervertierten Abendlandes» (o Terceiro Reich como *Gesamtkunstwerk* do Ocidental Pervertido)? Esta questão é importante, e não pode ser respondida facilmente, apesar da aparência wagneriana do Estado Total. Ao nível da nossa reflexão o que mais interessa agora é saber o que impede inexoravelmente que esse programa se tenha realizado esteticamente, e só a partir daí se poderia analisar a necessidade inelutável de se ligar ao Estado Total, cujo perigo Auschwitz e Kolima não ajudam a esquecer.

Não se trata de uma questão de História. Senão atente-se nas posições mais recentes sobre a arte, que se apresentam como uma dramaturgia pós-moderna, capazes de interfacialmente relacionarem as artes dispersas. Refiro-me a uma das mais recentes e famosas do novo espaço da arte, *i.e.*, à exposição *Les Immatériaux* de Jean-François Lyotard, que analisaremos mais à frente. O que é paradoxal é que esta nova dramaturgia de algum modo acaba por preencher o lugar vazio da *Gesamtkunstwerk*, que já Wagner antevia como um «drama do futuro», mas impossível de realizar no presente. Quais as razões que explicam essa impossibilidade? Responder a esta questão ajudará, esperemo-lo, a compreender o mistério da realização de algo consabidamente impossível, mas que terá ocorrido sem ninguém já o esperar.

As impossibilidades de realização são de ordem diversa, mas parecem dever-se principalmente à crise da tradição instaurada na modernidade que levou à separação entre a arte e a vida. Ora, como mostra Adorno (Adorno, 1966) essa separação é falsamente superada na organicidade da obra de arte, que se apresenta como total, mas ao fazê-lo reduplica a totalidade alienada do mundo da vida sem nunca o atingir. Mesmo a possibilidade de fragmentos do real entrarem na obra de arte, que é o procedimento básico do vanguardismo, se afigura impossível, por facilmente capturável pela dispositividade moderna.

Como diz Adorno *«l'intime faiblesse de cette esthétique comme de sa praxis, tient à ce que les éléments réels et fragmentaires, non purement actualisables de l'accomplissemment esthétique sont niés et magiquement écartés par ce qu'ils sont trop puissants pour être dominés»* (Adorno 1966: 132). A harmonia do drama total é obtida à custa de uma planificação rígida da intenção poética que tem de permanecer cifrada, para que possa ser decifrada como desvelamento não só da obra de arte, mas do mundo que ela anuncia. Daí que a oposição de Wagner aos géneros artísticos enquanto que negadores da obra de arte total, implica a posição de uma totalidade como inscritora da obra, totalmente determinada por uma racionalidade intra-estética. Com isso perde-se de vista a impossibilidade que deriva das condições mundanas da modernidade, que sendo inexorável praticamente, só é pensável através da *vontade subjectiva* de fusão. *«Ce sont les moyens artistiques qui, devenant étrangers les un aux autres et n'étrant plus liés par nul sens, sont arbitrairement reúnis par le diktat de l'artiste isolé»* (Adorno, 1966: 136-7). É da intencionalidade deste último que deriva a aparente obra total. Mas na sua programação profunda há uma repetição desmultiplicada de todas as artes que os motivos condutores são transladados, numa tradução circular em torno do sentido reconciliador da obra.

Questão importante, relativa à impossibilidade da *Gesamtkunstwerk* no século XIX, deriva directamente da ilusão, deriva directamente da ilusão de totalidade referida. Com efeito, a fusão das artes implicava uma disposição (disponibilidade) de todas elas, contra a sua autonomia sectorial, enquanto momentos da divisão de trabalho estético, mas disposição essa que deriva imediatamente da intenção poética profundamente cifrada. Ao mesmo tempo que se postula uma unidade mítica da obra, esta é obtida através do dispositivo técnico de justaposição. Daí que Adorno possa dizer que *«l'oeuvre d'art magique rêve de son envers parfait: l'oeuvre d' art mécanique»* (1966:148). A técnica é relevada e simultaneamente ocultada, com a possibilidade de construir racionalmente a ficção irracional de uma *communitas* reconciliada, impossível no presente, não passando de simples aglomeração, cuja unidade é um espelhismo do mundo da vida.

Claro que, para Adorno, este fracasso é indicativo da possibilidade de uma reconciliação verdadeira, mas que ao mesmo tempo levaria à abolição da arte. Mas a nós interessam-nos as premissas da conclusão adorniana, ainda demasiado nostálgica. Nas suas premissas a arte moderna será necessariamente negativa e antitética, mantendo-se como denúncia da falsa totalidade que a arte harmoniosa, e não dissonante, acrescenta os seus efeitos de ilusão. Porém, essa visão aplica-se apenas à crítica da reconciliação estética e serve de descrição das vanguardas. Torna-se incompreensível a partir do momento em que a negatividade vanguardística se academiza e se retoriza.

Paradoxalmente, como referimos, a lógica da *Gesamtkunstwerk*, retorna, embora já houvesse algo dela nos *happening's* dos anos 60. Porém, esse retorno é feito a partir da integração/superação dos procedimentos vanguardistas, que assim são salvos na nova obra de arte. Mas em que medida essas tentativas escapam à demonstração wagneriana de irrealização presente?

Contrariamente à disposição das

artes e das técnicas para atingir uma impossível não labilidade da obra, na medida em que participam de uma *poiesis* fundamental, a arte é uma condensação, uma composição não disposta tecnicamente, mas antes uma composição absolutamente densa para onde as novas técnicas convergem.

Como refere Ezra Pound, *dichten* (dizer poético) × *condensare*, e é nessa condensação que a obra vale ontologicamente de per si (Pound, 1951: p. 36). Essa condensação é uma mudança de estado, a passagem de aglomerado para único; mas essa unicidade não implica que não haja tensão dos fragmentos dentro da totalidade. Ela é tensionalmente constituída, e pluralista, na medida em que, se o mundo que ela cria é absolutamente necessário, nem por isso deixa de haver um diálogo silencioso, entre a obra e aquilo que a nega, ou que ela nega. Mas escapa esta possibilidade à crítica da falsa totalidade criada pela obra tornada ídolo de si mesma? Para pensar esta possibilidade será preciso pensar uma mudança epocal completa, como parece ser o caso do pós-modernismo?

## III. Nova obra-de-arte-total

De algum modo, a recente aproximação permite desenvolver esta questão. Bom exemplo disso foi a última exposição sobre os *Imateriaux* ocorrida no Beaubourg, em Paris, onde a influência de Lyotard, um filósofo e esteta vanguardista, foi extremamente marcante e que procurava aceder a uma nova sensibilidade «pós-moderna» sobre as artes. Como diz Lyotard *«nous avons essayé de faire de l'exposition même un sorte d'object d'art»* (Lyotard, 1985, c:40). Corresponde então a uma *Gesamtkunswerk* finalmente possível nas novas condições, *i.e.* depois da crise da Modernidade?

Entre os vários elementos a destacar temos a clara intenção vanguardista de desestabilização, de quebra do *pathos* artístico, o que não implica uma simples organização do choc, como era o caso da *montage* do primeiro vanguardismo. O que é interessante é a *composição* de diversas práticas artísticas, técnicas, filosóficas num engramatismo extenso.

Como diz Lyotard: *«nous avons écrit la lumiére, écrit les trames, écrit les différents séquences, les cinc fibres. Mais cette écriture s'inscrits non sur le papier mais sur les suports propres d'une exposition: l'espace, le visible, l'audible, de temps»* (Lyotard, 1985, c:4). Tudo é esteticizado, mas para isso é preciso apelar a novos suportes, e mesmo porque esses suportes novos são a possibilidade de *«une stratégie plus générale de la résistance»* (ib, 5) contra a dominante tecnológica da Modernidade? Mas não será acreditar demasiado no valor da arte como prática de resistência? Trata-se então de um simples deslocamento do esforço vanguardista para áreas mais disponíveis ao seu experimentalismo, incessantemente relançado?

As respostas a estas questões dependem da avaliação das tecnologias, tal como parecem hoje configurar-se. Será que as novas tecnologias escaparam ao dispositivo duro da Modernidade, de que derivava a lógica disposicional que os vanguardistas radicalizaram, e que a materialização que sofreram (o terem de passar pelo *logos*), de alguma maneira levaram a uma superação desse dispositivo, de modo inapercebido? Na *Condition postmoderne*, Lyotard aponta claramente nessa direcção, distinguindo interessantemente dois tipos de tecnologias «menores»: a performativa e inventiva. As primeiras ligam-se à eficácia técnica em si mesma, e nisso são a continuidade da antiga técnica moderna, mas desmultiplicadas localmente; daí a sua captura fácil pelo Estado, ou pela economia. Já as inventivas têm uma afinidade especial com a arte, como se arte e tecnologia tivessem convergido, mas agora de modo explícito e internalizável.

Assim, enquanto uma aplica regras, a outra cria-as, e é isso que a liga afinitariamente com as vanguardas. Como diz Lyotard, *«tras cien anos de vanguardias, es harto conocido que el principal motor de una vanguardia ha sido la pergunta: 'que és pintar, filmar, representar?' Y asi sucesivamente. Esta actividad fundamental que, finalmente, es la de complejificar, se ha hecho inmanente a las disciplinas tradicionales que, por ello dejan de estar separadas entre si»* (Lyotard, 1985, b: 24). Ora este elemento crítico das vanguardas era estéril por não passar disso: do questionar, em todos os sentidos da palavra. Como dizer então que as técnicas, que eram a base desse fenómeno estético, tenham convergido? Não foram antes as artes que se revelaram como aquilo que eram, enquanto negação pura, *i.e.*, um dispositivo de colocação de tudo à disposição, um arrancamento das coisas à sua coisalidade voltada para o da-sein, para as transformar em objectos, fossem eles objectos de arte?

A exposição como obra da arte, verdadeira encenação dessa convergência, por mais que procure obviar os efeitos da exposição como *gadgetização* do mundo, como museu do quotidiano, como labirinto de formação, não releva ainda desta lógica? Mas o que é certo é que o seu ressurgimento contém algo de novo. Seja como for, o carácter operático da nova «dramaturgia pós-moderna» é definido por Lyotard como *«una especie de dramaturgir, de ópera que no sea moderna, o sea sin héroe y done el visitante debe circular de modo aleatório, estabeciendo él mismo su itinerario»* (Lyotard, 1985, b:26). Ora, o que caracteriza a Modernidade não é um sujeito empírico qualquer, mas o princípio da subjectividade, como organização transcendental do mundo. Neste aspecto, a técnica era a realização desses princípios, e era enquanto tal que ela era contestada. Será que a arte vanguardista salvou a técnica de si própria? É duvidoso dentro da argumentação aqui aduzida. Mas as consenquências são claras: o fim do político, a sua decadência, resultam directamente da elevação da arte a valor supremo, o que é bem conhecido, e não tem nada de pós-moderno. Antes é moderno, demasiado moderno, implicando uma desligação entre a arte e a política, que apesar de tudo era um importante motivo das vanguardas.

Ora, o fim das separações entre os domínios da experiênica é perfeitamente ilusório, porque é feito pela afirmação do esteticismo. Mas isto não significa que não haja uma nova situação ao nível dos novos suportes, que devem ser inquiridos, esteticamente, mas não só. O novo objecto de arte total, que é a exposição, é sinal de uma situação diferente. Tudo indica que essas novas possibilidades põem em causa a ilusão negativa do vanguardismo dizer respeito à vida — nem que fosse negativamente. Mas, para isso, é preciso manter a distância, quase impossível quando se chegou ao limite. Ora, o elemento mais preocupante da nova dramaturgia total é que esta quer produzir *«un efecto de inmanencia de modo que el publico se encontre metido en ese ambiente más bien que colocado en una posición de exterioridad desde la que pueda tomar sus distancias y decidir sí a esto o sí a lo outro»* (Lyotard, 1985, b:28). Os indivíduos, as singularidades que contaminavam o sujeito transcendental, ficam na posição de servir de prótese de uma prótese, na medida em que «la propria tecnociencia se revela como una especie de protésis inteligente que se coloca la propria realidade para conocerse» (Lyotard, ib). Samuel Butler defrontara-se já com algo semelhante quando revelou que uma galinha era o subterfúgio que o ovo encontra para produzir outro ovo.

Tudo isto seria verdadeiro se a arte fosse apenas o ornamento de um mundo, que teria de ser belo para poder merecer o ornamento, a decoração. O que parece passar-se é que o vanguardismo torna-se ornamento ao chegar junto ao seu próprio limite, ao ser obrigado a olhar para trás, petrificando-se, qual Medusa que olhasse ao espelho.

## IV. Ornamento

A possibilidade pós-moderna da arte se transformar em ornamento tem a ver com a mutação das relações entre a arte e a vida. Isso é bem conhecido desde as análises de Simmel sobre o valor da diferença nos tempos Modernos, que

Continua na pág. 6

# A arte na «situação pós-moderna»

Continuação da pág. 5

apoiam amplamente a ideia de que a vanguarda, enquanto estilo do maior modernismo, tem afinidades com o quadro da Modernidade, em que os diversos domínios da experiência se separam, tornando-se em regiões autónomas. O que não é de lamentar. Não se trata disso (trata-se de uma necessidade histórica), mas de perceber que dentro de cada «região» há afinidades com a tecno-lógica do capitalismo. Como afirma Helmut Plessener *«la forma desarrolada de um mercado manipulado necesita del vanguardismo, es decir, de laveloz superación de los cuadros según la forma y el contenido»* (Plessener, 1966:111). Enquanto institucionalização da negatividade do *choc pour le choc o* vanguardismo tem nesse limiar último o seu próprio limite, na medida em que torna em tradição a destruição da tradição. Ora, esta, depois de experimentada em todas as formas existentes, acaba por ter de se exercer sobre si mesma, exaurindo-se a si mesma. É neste sentido que o vanguardismo se configura como subjectividade pura, que tem em si todos os critérios, abolindo ao mesmo temp a própria possibilidade de um critério e de um juízo estético — com o que se esteticiza todo o real, fenómeno bem conhecido a partir da incorporação de fragmentos do mundo no quadro da arte, procedimento extensivamente utilizado nas *collages* cubistas

No caso do vanguardismo essa incorporação do real na arte não deverá ser vista como constituindo um cosmo, que etimologicamente significa ornamento, peça ornamental, porque precisamente na Modernidade se sente confusamente que se perdeu um mundo que merecesse, tivesse valor para ser adornado, o que um Adolf Loos bem advertira ao considerar o ornamento como um crime. Todavia, o que hoje ameaça o vanguardismo é o seu decaimento em ornamento — ornamento feio — que a categoria de *Kitsch* procura ainda pensar. Este é claramente da ordem da disposição técnica, da reproducibilidade dos motivos, da repetição infindável do único motivo que interessa — o da boa subjectividade. Como diz Kundera *«au royaume du kitsch s'exerce la dictature du coeur»*(Kundera, 1984:315). É ele que torna acessível ao público a subjectividade selvagem dos modernistas, tal como a sua técnica de repetição se transmuta facilmente em banalização dos procedimentos complexos da técnica de destruição, tornados exteriores à obra de arte, antes mesmo a assegurando com a segurança precisa da técnica a partir da sua negação enquanto obra singular, já que no vanguardismo esta era antes de mais um *«ejemplo de um procedimiento, um documento de una dirección en la producción»* (Plessener 1966:126). É esta ilustratividade da obra em relação aum procedimento que lhe permite ilustrar um mundo que nega a arte. Ilustração utópica ou ilustração *Kistsch, mas ilustração que é inseparável do estado de ornamento da arte*.

*No entanto, a questão do ornamento está longe de ser simples. Mesmo num autor tão crítico da arte moderna como é Heidegger, para o qual a verdade em obra, onde se possibilita a fundação da história, ocorre uma revalorização do ornamento, que revela do espaço (do euräumen)*, contrariamente ao desvelamento da verdade que exige a virtualidade do tempo. Como mostra Gianni Vattimo, o que Heidegger procura pensar é o valor do que permanece, dotando-se de valor ontológico, de rememoração da verdade do ser que deverá permitir a abertura, não em geral, mas a partir do que resta. Num *«gioco di localitá (ortschaft) encontrada (gegend) nel quale la cosa-opera à bensi posta in primo piano come agente di un (nuovo) ordinamento spaziale, na anche come punto di fuga verso la vastità libera della contrata»* (Vattimo, 1985:91). Portanto, enquanto abertura possibilitante e não apenas possível, o ornamento é característico da arte na sua máxima generalidade, mas enquanto arte *moderna* só pode ser ornamento em si, decaindo o *Kitsch*.

O que é interessante na nova situação é que agora as técnicas podem ser analisadas de modo mais subtil do que normalmente o fazem os heideggerianos. Sobre elas diz Vattimo: *«Le tecnniche delle arti, ad esempio e prima tutte, forse, la versificazione nella poesia, possono essere viste come accorgimento — non a caso tanto minuziosamente instituzionalizzati, monumentalizzati anchfessi — che transformano l'opera in residui, in monumento capace di durare prechè gia fin dall' inizio prodotto nella forma di ciò che è morto; non per la sua forza, mas per la sua debolezza»* (Vattimo, 1985:95). Nesta revalorização do que resta — sua fragilidade — não se perde algo de essencial que a definição mais conhecida da arte como verdade de Heidegger ainda mantém, ou seja, a crítica radical do que resta, como falsa forma onde está encoberta a verdade do ser? Ou seja, não se perde a crítica radical que aproximava a estética das práticas vanguardistas? A resposta é dificílima, pois se tudo indica que a arte só pode ser ornamental num mundo belo, não há dúvida que a crise do vanguardismo é também a crise dessa arte. Mas poderá falar-se por isso de um fim da modernidade, de uma nova dramaturgia do humano, que finalmente se teria libertado do seu *pathos* trágico?

A resposta parece poder advir da definição da arte como *dichterisch,* como apelando à palavra poética, mas também à reflexão que abre outros possíveis a partir do limite da obra de arte, da sua restância monumental. Nesse sentido, pode falar-se hoje de uma nova relação à técnica e ao ornamento, que não deixa por isso de ser moderna, mas que ataca apenas a negação vanguardista, na medida em que ela apenas se prendia, invertidamente, negativamente ao que restava, acabando por transformar em ornamento os seus procedimentos de destruição. Mas da sua autonegação pós-moderna eclode com maior força um outro motivo — o da *composição,* de cuja dilucidação jorrará luz para a questão do ornamento, *i. e.,* do destino da arte moderna.

## V. Composição

Será que a composição é o momento meramente agregativo da arte, como pensava Panofsky, que pode ser alcançado através de uma disciplina dos materiais e das normas estéticas? Tudo indica que a composição enquanto momento egregativo da construção era inseparável da lógica disposicional da técnica. Mas foi a arte vanguardista que transformou esta questão aparentemente anódina em algo preciso, nomeadamente com a utilização extensiva dos procedimentos de montagem. Aliás, retrospectivamente, um pensador como Adorno chega mesmo a sustentar que *«si des périodes artistiques tardives on fait du montage leur principe, on peut dire que les oeuvers d'art ont de tout temps recélé implicitement quelque chose de ce principe»* (Adorno, 1979:23). É preciso ver melhor o problema da montagem e da composição. O seu valor estético advém-lhe da capacidade de desinserir-se do dispositivo técnico da modernidade, de lhe colocar obstáculos, de minorar os seus efeitos, de pluralizar os mundos possíveis, dentro da mundividade da obra de arte. O que é uma exigência resolutamente moderna.

Toda uma série de problemas decorrem desta formulação. Tal como a técnica e as regras se explicitaram, criando uma nova relação à obra de arte, tal como o ornamento reinstaura uma nova relação ao mundo da vida, também a reflexão sobre a composição está destinada a ganhar uma outra dimensão.

A presença massiva do enigmático, do hermético, nas artes modernas leva à crítica das categorias estéticas, como se as artes actuais na imensidade da sua proliferação e desagregação fossem a concretização do fim da arte conceptualizada por Hegel, ou o que de novo surgiu depois do fim da arte (moderna). Este é um problema essencial que tem a ver com a mescla quase indiscernível do discurso sobre a arte — a estética — e a prática das artes; mescla essa que, como mostrou Malraux no *Museu Imaginário,* é uma desinserção possibilitada pela técnica (de reduzir, aumentar, restaurar, ajuizar, comparar) e própria de uma época precisa — a Modernidade.

Como integrar reflexivamente todos estes elementos que a arte volta hoje a rejogar, sem se verem ainda os resultados a vir? A reflexão terá de passar pelo problema da *composição*, desde logo implicada no momento de arranque do vanguardismo, e cuja evolução enquanto problema é sintomática de um novo estado de coisas. Por exemplo, para Mondrian, *«la composition assume la valeur de fin et non seulement de moyen, mais sans qu'on affaire pour autant à un simple retour aux formes décoratives de l'art académique»* (Damisch, 1984:65). Esta oposição é importante: contra a composição solta, agregativa do academismo, institui-se o dispositivo negativo das vanguardas, para as quais a montagem e a *compositio* eram simples meios de desenvolver a sua lógica própria de autonomia da arte, às custas da própria arte enquanto verdade das formas. A possibilidade de a composição ser um fim em si equivale de algum modo à sobrestituição (*aufhebung*) da composição agregativa pela disposição técnica, momento essencial para o surgimento da composição «pós-moderna». Aliás, como mostra Damisch, as composições de Mondrian, ao libertarem-e do que se pode chamar a lógica dispositiva, instauram uma nova lógica aparentemente decisional, dependendo do experimentalismo do sujeito, mas que, paradoxalmente, não se pode distinguir do automatismo maquínico e combinatório dos próprios materiais. É esta indecidibilidade que, levada ao extremo, acaba por suspender a linearidade do vanguardismo, suspendendo mesmo a «composição» agregativa, mediatizadamente, instaurando o composicionismo puro que hoje está a emergir. Parece que é assim que devemos interpretar um fenómeno posto à luz por Mondrian ao fazer a rotação das suas composições. Como refere Damisch, «c'est dans ces compositions das les rhombe, où Mondrian a de toute évidence entendu jouer de la rotation du support en sous jeu d'un système de coordenés inchangé, que la valeur de surface du tableau est peut-être la moins perceptible, le réseau des lignes perpendiculaires tendant irrésistiblement à ryonner par-delá ses frontières pour quadriller l'espace environnant, comme si la composition n'était qu'un fragment, obtenu par cadrage ou prelèvement, d'un dispositive beaucoup plus étendu, qu'elle ne ferait que suggérer» (1984:66-67). É da imaterialidade desse dispositivo da arte vanguardista que deriva a nova composição, mas não por uma lógica disposicional; é antes composicional, porque desde logo é incapaz de fazer fundo desse «dispositivo», que surge sempre como *unheimlich* e inefável. Enquanto para a *Académie* a composição era a concretização tecnicamente rigorosa de um motivo, para os inovadores era uma prática da composição mais subtil, que utiliza a repetição para a transcender, numa inventividade que se ancora na composição, numa relação tensional com o sublime, sem nunca o alcançar, ou pelo menos simulando apresentá-lo através de uma estratificação irrepetível, que escapa simultaneamente às regras do método e à mimésis perfeita com o «ideal» a representar. Era um elemento eterno, mas oculto, muitas vezes por excessiva evidência. O que o vanguardismo trouxe de novo foi a ilusão que era possível aceder directamente à ideia de «pintura», ou à ideia da «escrita», ou à ideia da «música», o que não admira, pois isso resultou de uma crítica radical de todos os motivos, de modo que o descarnamento abstracto do *logos* estético ficou à mostra, e ele mesmo se esgaçou no enormismo vanguardista. Ao fazê-lo passou a tematizar directamente esse elemento composicional, mas ainda de modo «técnico», o que explica que as composições de Mondrian ainda fossem de natureza «disposicional», como aliás todos os procedimentos de «montagem» dos diversos vanguardismos.

Ainda recentemente, um teórico da estética como Peter Burger procurou pôr em relevo a importância da montagem na arte vanguardista, explicando-se pelas condições sociais da experiência moderna. Para ele *«montage presuposes the fragmentation of reality, and describes the phase of the constitution of the work»* (Burger, 1980:73). Na sua afinidade com a técnica moderna ela é revelada pela fotografia e pelo cinema, embora rapidamente se tornasse fulcral para toda a arte moderna. Mas será que a montagem releva apenas do momento técnico de construção («composição») da obra de arte? Seja como for, a montagem surge como um procedimento que vai ocupando um lugar cada vez maior das obras modernas. No caso da música, com a sua notação rigorosa, tornou-se absolutamente essencial na música de um Xenakis ou de um Stockhausen, o que admira, pois o pitagorismo ocidental sempre acompanhou a música e a tornou facilmente tecnologizável, mostrando bem a ligação íntima da arte com a técnica. Mas trata-se-á apenas de algo exterior que se acrescenta à obra de arte, que não lhe é essencial?

A introdução de elementos não estéticos na obra de arte é diferente no modernismo e no vanguardismo. Enquanto o primeiro ainda pensa na obra de arte harmoniosa e orgânica, mas sem nunca a atingir (é essa a sua força e a sua franqueza), o segundo, no seu motivo anti-reconciliador com a realidade, utiliza-o politicamente, como é bem conhecido no caso das fotomontagens, de John Heartfield. Mas, Burger, que defende uma posição vanguardista, procura distinguir demasiado rigidamente a montagem como procedimento técnico da montagem como negação da aparência estética. Daí a sua recusa de valorizá-la no cinema ou na fotografia, onde ela seria indistinta do próprio objecto, caracterizado pela técnica, pois o que procura defender é a imediata ligação à vida, pela *«insertion of reality fragments (...), of material that has been left unchanged by the artist»* (Burger, 1980:77). Nesta perspectiva, a inserção é um simples procedimento técnico que destrói a aparência estética da obra de arte, para melhor se introduzir imediatamente no real. Isto implica que é aceite como algo neutro, dependente da política em que se insere. Daí a sua polémica contra a transformação por Adorno da montagem, enquanto procedimento, num critério estético transcendental.

Ora, sem esta posição perde-se a crítica adorniana à instituição do vanguardismo, o que é compreensível se repararmos na debilidade intrínseca da distinção de Burger entre modernismo — que ainda deseja a obra e o sentido nem que seja nostalgicamente — e o vanguardismo, que é a recusa do sentido e da totalidade harmoniosa da obra. Ora, como mostra Adorno, a montagem aponta para uma resistência ao real não belo, anunciando a sua superação, mas paradoxalmente, pois «o princípio da montagem, enquanto acção contra a unidade orgânica obtida sub-repticiamente, estava fundado no choque. Depois de este se ter suavizado, as montagens tornam-se de novo numa matéria indiferente; o procedimento já não basta para operar por contacto a comunicação entre o estético e o extra-estético, o interesse neutraliza-se em interesse histórico cultural» (Adorno, 1970, a:1780. Neste sentido a negação pura do vanguardismo tem de ser focalizada, tornar-se negação determinada da categoria de sentido; eis o que torna possível e exige a sua interpretação» (*ib*, 179). Ou seja, contra a valorização da montagem como procedimento ao serviço da política, e a sua valorização enquanto momento constitutivo da possibilidade de reflexão a partir das obras de arte, Adorno vai tender a valorizar o modernismo, mas com uma aquisição importante, que Burger não pode apreciar devido às suas posições éticas: como diz Adorno, «a negação da síntese torna-se princípio de composição» (*ib,* 177), incluindo na sua estrutura *dichterish* não só as técnicas, mas também os procedimentos, e a própria reflexão como momento da obra. Posição que é bem mais adequada à actual situação de crise das vanguardas, embora no limite o argumento de Burger tenha força contra Adorno, na medida em que leva mais longe a dialéctica negativa adorniana, impedindo a estabilização do negativo nas categorias da estética modernista, como as de obra, autor, etc.

Nem uma mera técnica, nem um transcendental da arte: o princípio da «montagem» torna-se explícito na artes modernas, na pintura, mas também no cinema, ou na literatura. Mas segundo lógicas diferentes, pois ela própria se divide intrinsecamente, podendo ser uma agregação (arte moderna) ou um dispositivo (vanguarda), se é que não é a base mesma da obra de arte, enquanto condensação pura (arte «pós-vanguardista»). Só neste último caso a *composição* se torna elemento interno da obra. É o que mostra Gilles Deleuze em relação ao cinema, mas a sua ambição é muito maior, *«le montage, c'est la composition, l'agencement des images-mouvement comme constituant une image indirecte du temps»* (Deleuze, 1983:47), mas essa constituição é o resultado ima-

Continua na pág. 8

Retratos no Teatro

# Adelaide João

**por Manuel Cintra**

Não sei se na fotografia a actriz tem os olhos tristes ou se será o sol que os fez piscar. Não sei se o sorriso bonito será sentimentalismo ou distracção. Não sei sequer se a mão, e na extremidade dela o dedo, estarão a apontar para o futuro, ou simplesmente para um galho de árvore imprevisto e observado com olhos, talvez muito mais de mulher que de actriz.

SEI que a flor, assim colocada entre a orelha e o cabelo, é verdadeira.

E que o teatro, mesmo aquele que não se faz, é verdade também.

Adelaide João nasceu na Mouraria. Os seus pais, adoptivos e tão pais como se o fossem, chamavam-se Adelaide e João.

Em pequenina, era terrível como agora, frenética como agora e teimosa como agora. E de certo modo, fazia teatro como agora: pedia que ligassem os faróis do carro, os primeiros projectores que o seu corpo viu, e punha-se a dançar com toda a vaidade bonita e rebiteza que tem agora. E quando fala de tudo isto, passam-lhe decerto umas nuvens pelos olhos, mas é falso alarme, tem que ser: era optimista como agora.

Ainda muito nova, tinha cerca de 14 anos, foi trabalhar para a Phillips, e o que lá fazia nada tinha a ver com teatro. Lembra-se, com orgulho, de namorar muito, e irritar muito, e jorrar energia para cima dos outros que às vezes talvez estivessem fartos, mas que, cheira-me a mim, deviam acabar derretidos e desarmados perante tanta electricidade, perante tanta força de viver, como eu fico agora.

Ao que parece, o teatro não a mordeu, não houve «bicho», ao que parece, bicho já ela era, e teatro é coisa que dela sempre transbordou.

Até que se criou o **Grupo Cénico da Phillips**, do qual seria uma das peças principais, numa engrenagem que ao longo de vários anos lhe permitiu, a nível ainda amador, expandir-se no teatro.

Começou pois a frequentar o **Conservatório Nacional,** nas aulas nocturnas que então correspondiam a um curso talvez menos completo do que o diurno, mas igualmente válido, e do qual viriam a sair vários dos seus colegas, alguns deles hoje com renome. (Repare-se, a propósito, nas maravilhosas aulas nocturnas que hoje em dia o Conservatório Nacional praticamente não tem).

A sua primeira grande oportunidade viria a surgir no *Teatro Nacional D. Maria II,* a convite de D. Amélia Rey Colaço, com *«O CoNSULTÓRIO»*, de Augusto Sobral, em que fazia um dos papéis principais. Fala disso com grande entusiasmo, lembra-se do sucesso que muito lhe agrada. Nela contracenava com Costa Ferreira e Carlos Avilez.

Vários outros espectáculos lhe vêm à memória:

*A Castro,* encenado por Paulo Renato, na Estufa Fria de Lisboa, cujo director era então Pedro Bom. E também *Bâton* de Alfredo Cortez, encenado pelo saudoso Augusto de Figueiredo, de quem se lembra com ternura e entusiasmo.

A Fundação Gulbenkian viria a atribuir-lhe uma bolsa, com a qual foi para Paris, estudar no *COUR SIMON,* durante dois anos que iniciariam uma estadia em França mais demorada e cheia de acontecimentos, dos quais fala com entusiasmo.

Lembra-se de participar, com um pequeno papel, no *Théâtre Sarah Bernardh,* numa encenação de «Júlio César» de Shakespeare, e de ver Jean-Louis Trintignant, ainda bastante novo, trabalhar. E de muitas figurações em cinema, que lhe permitiriam sobreviver e aprender muita coisa que ainda hoje lhe é decerto útil, sobre a arte de representar.

Entre dezenas de acontecimentos que me conta a toda a velocidade, como que a atravessar a vertigem de um sonho já passado, um me chama particularmente a atenção: conta-me ter sido «souffleuse», no *Théâtre Édouard VII,* na peça *«Jusqu'à Béthanic»* de Jean Anouilh, assim como em *Bonheur, Impair et passe,* com Juliete Greco e Jean-Louis Trintignant.

A sensação de que fala, com o mesmo entusiasmo, de ter sido *«souffleuse»*, (ponto) figurante e actriz, comove-me. Hoje poderia até omitir tudo isso, mas não: são os seus tesouros, é a sua experiência, é parte daquilo que lhe deu o tal «calo» que a faz hoje, com segurança, procurar trabalho e achar, com toda a razão, aliás, que não só é uma actriz, como alguém capaz de interpretar papéis de peso, coisa que, sejamos rancos, não lhe aconteceu nos últimos anos.

A minha dúvida é esta: o que é que faz com que Adelaide João surja em tantos filmes portugueses, em tantas aparições, pequenas e grandes, no teatro, na televisão (lembram-se da *cozinheira* na «Quinta do Dois»?) e não tenha, nestes últimos anos, tido um grande papel como, talvez na minha ingenuidade, não sei, que parece que poderia? Será culpa dela, do teatro que é mesmo assim, da vida que leva as pessoas, e logo os actores, para determinadas zonas, e não outras?

Adelaide João tem hoje 60 anos. Prefiro dizê-lo assim, sem rodeios, tal como no artigo anterior a este, sobre a bailarina e actriz Ofélia Cardoso eu dizia, mal-educadamente, ela ter 23. E se me refiro à idade desta actriz é apenas para reparar que ao comparecer a uma entrevista, elegante, de olhinho pintado, frenética e entusiasta como talvez sempre tenha sido, ela não só não parece ter os 60 anos que diz, descontraidamente, ter, como não parece de todo arrependida de nada, e adivinha-se que a vida tenha sido dura, muitas vezes dura e rodeada de revoltas e fomes de séria ordem:

— Se fosse para recomeçar, recomeçava tudo de novo, ão pensava sequer duas vezes.

Quando voltou de França, em 1963, trabalhou quatro anos com Luzia Maria Martins, essa outra lutadora que será aliás tea de futuro artigo, no *Teatro Estúdio de Lisboa,* lembrando-se cm alegria de ter feito o papel da criada no «Pomar das Cerejeiras» de Tchecov, seguindo-se uma temporada no Teatro de Gerifalto, dois anos no Teatro Experimental de Cacais e muitas outras experiências, que não nomearei por não haver aqui espaço suficiente e não ser intuito desta página cingir-se ao currículo do entrevistado.

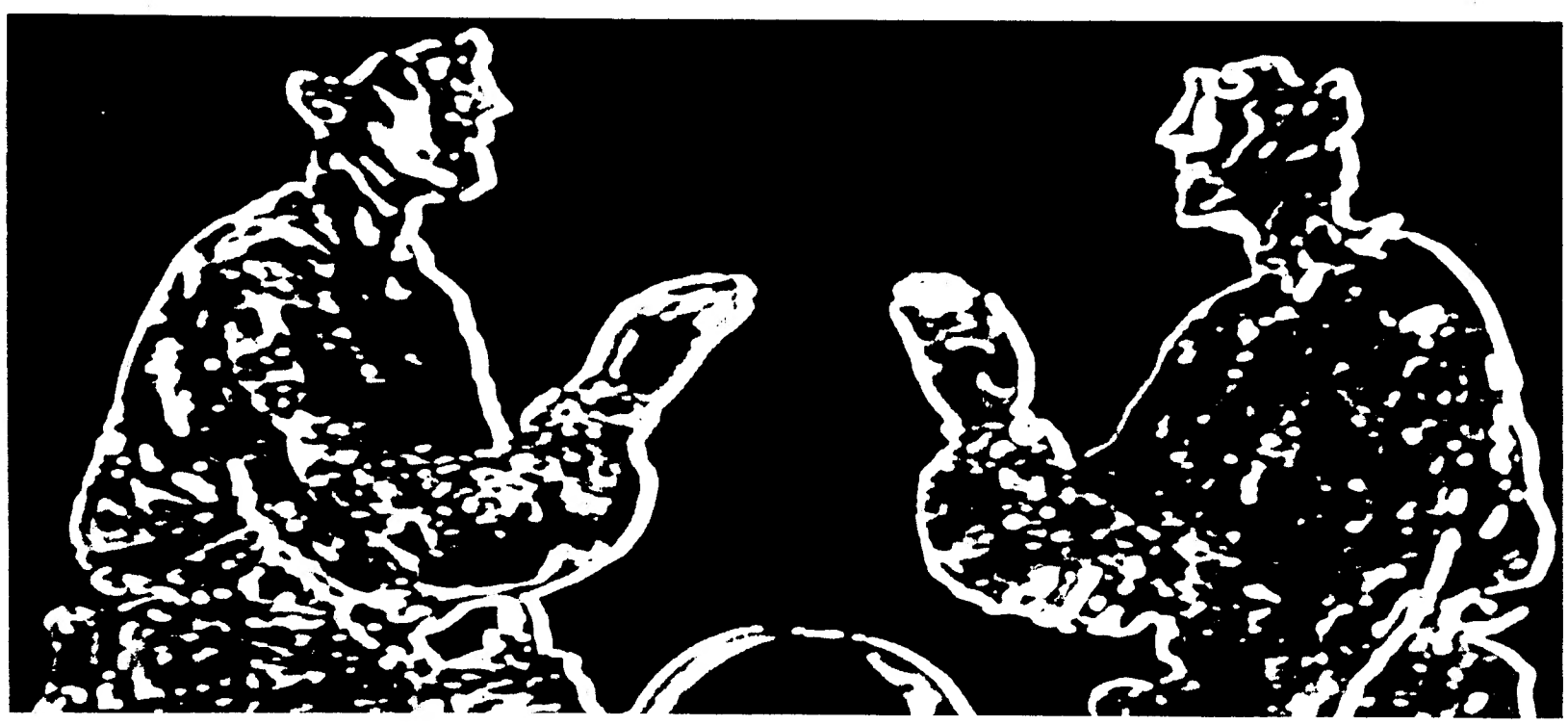
Lembro-me, no entanto, de um pequeno papel que interpretou em «Casimiro e Carolina» de Odon von Orvat, no Teatro da Cornucópia, no qual substitui em segunda fase, Glicínia Quartim. Era a «Mulher-Gorila», um dos monstros de uma barraca de feira, que devia cantar uma canção para atrair o públio, como fazem sempre as raparigui-nhas muito novas, muito espevitadas, muito pequenas, em frente dos faróis de automóvel que obrigam os pais a acender. E os olhos de Adelaide João eram tristes, terríveis, sonâmbulos. Uma luz emanava no entanto de todo o seu ser. E essa, creio que a poderão reencontrar na fotografia. Não é decerto o terrível papel que interpretou na Casa da Comédia, na peça sobre Pasolini que Filipe la Féria encenou há anos, o que essa fotografia mostra, não. Não é aliás papel nenhum que esta a interpretar.

É uma actriz portuguesa, num passeio que terá feito a Sintra há pouco tempo. E se eu digo que não sei ao certo se é para o futuro que o seu dedo aponta, não é bem literatura: é só para atrapalhar.

---

**Nota:** **Por lapso, no último** *Retrato no Teatro,* sobre Ofélia Cardoso, o nome Ofélia surge uma vez trocado pelo de Magda. As minhas desculpas a ambas.

# Vídeo-Insónias



NA descontinuidade da rotação diurna — dia/noite — a preocupação do insone é orientada por uma só ideia: passar a noite **em claro.** Tal clareza tem, certamente, uma anatomia particular. A noite transforma-se em dia. O dia atinge a sua continuidade repetitiva. A noite é um escolho que impede o escoamento claro das horas. Anulada a noite, o insone inscreve-se na tessitura lisa do tempo.

Entre os fluxos incalculáveis que tendem a prolongar a energia vital, a metáfora do escoamento amplia o horror da imobilidade. Entre tais fluxos, — a electricidade, o petróleo, a informação, a linguagem, o dinheiro, o desejo sexual, — a imagem-vídeo adquiriu um estatuto bastante singular. A electrónica, o electromagnetismo e a informática, reunidos e ao produzirem a imagem-vídeo, (re)-produzem, aproximadamente, segundo certos especialistas, a produção de imagens do sistema nervoso. Pensa-se, hoje, que os cones que são os elementos da retina receptivos às impressões coloridas, só são sensíveis a três tipos de comprimento de onda correspondentes ao vermelho, ao verde e ao azul. A sensação das cores é, provavelmente, produzida pela síntese dessas três impressões primárias, como em vídeo. Por outro lado e simultaneamente, a imagem-vídeo, se analógica, tem tendência a afastar-se do seu próprio modelo. Daí resulta uma imagem chã, de duas dimensões, emoldurada e cuja profundidade é totalmente espalmada, como uma visão próxima do objecto.

O espaço, no dispositivo vídeo, aparece como a sua própria caricatura, talvez uma síntese espacial, transfigurando completamente o espaço «total» que o olho pode enxergar. A imagem-vídeo restringe o campo de visão a resquícios, a imagem mentais que se formam no sistema cerebral. O espaço vídeo é um círculo fechado sobre si mesmo.

Pensá-lo assim, conduz-nos, logicamente, a identificá-lo com o **espelho, tormento e fascínio que o pintor sempre tentou superar ao instalar a sua visão no quadro.**

A imagem-vídeo, enquanto espelho, continua a constatar as *performances* de artistas ou certas *acções* públicas. Todavia, o vídeo é mais que um objecto ou que um simples suporte da actividade artística. O vídeo não é só uma *janela* aberta para o mundo mas é, acima de tudo, a resposta da era tecnotrónica à questão aguda do espelho. É um espelho que reúne e marida engenheiros e artistas, um espelho que nos põe em frente de uma espécie de holograma, um verdadeiro simulacro de imagens mentais que podemos observar sem pejo algum.

No acordo entre arte e tecnologia, e que a arte-vídeo continua a pôr em evidência, reaparece o expoente máximo de toda a metafísica ocidental. O dispositivo vídeo exibe, na textura electrónica, a sua própria duplicidade, a natureza temporal da matéria que o compõe e a LUZ que, por sua vez, não só é *matéria icónica* propriamente dita mas manifesta-se também como *princípio de figuração*.

Sem promover o autofechamento característico de certos pop-artistas (constituindo o quadro através de sobreposições angariadas na área mediática da imagem), a imagem-vídeo activa zonas indecisas e neutras do tempo que escapam a qualquer forma possível de actualização. O ponteado da trama electrónica esquiva-se à precisão do contorno, transvia-se numa aparência de usura que a própria velocidade da luz tende a apagar, a esvaecer; produz, de ápice em ápice, um reflexo de ausência. No polvilhamento da luz, o ponto é parcela de imagem que a soma distribui em linhas verticais e horizontais, linhas que engendram oscilações e transfiguram volumes. A forma é um pó de luz, um torvelinho do olhar, uma cor de vento, uma ventania da memória.

A trama electrónica, de imagem em imagem, institui-se e reveste a forma de um agenciamento efémero de uma combinatória virtual pela repetição indefinida de estases temporais, imagens que, nas obras de certos videastas, se cortam e recortam continuamente. Proporcionam, assim, uma vacuidade temporal, e o dinamismo energético das mesmas envia-nos a um anonimato espacial. Por vezes, mesmo, o excesso do descontínuo traz-nos a sensação de implosões luminescentes, isto é, a clivagem ininterrupta da imagem esvai-se de si própria tragando a continuidade. Pelo tratamento electrónico da imagem (sintetizadores, colorizadores) a relação ao real é constantemente fragmentada. O que a imagem exibe do real reduz-se a um fragmento, a uma repetição de fragmentos ou a um fragmento de fragmento, ausente de pormenores, mutilado pela cor.

**Rafael Godinho**

# A situação pós-moderna

Continuação da pág. 6

terial da lógica composicional, uma determinação do todo da obra de arte que pressupondo o todo onde se articulam as imagens, posicionam essa pressuposição no tempo, mas apenas indirectamente, como um produto. Se há «montagem», isso não invalida que *«la seule généralité du montage, c'est qu'il met l'image cinematographique en rapport avec le tout, c'est-à-dire avec le temps conçu comme l'ouvert»* (Deluze, 1983:82). Se a montagem de modo duplo aponta para o par aglomerado/fragmentos ou para o todo/outro, nem por isso, enquanto relevando de um *nível mínimo da técnica*, deixa de ser uma apresentação no tempo, mas indirecta. Mas a sua abertura deverá ser pensada a partir de uma relação directa ao Tempo, que é própria da arte.

Superficialmente, a composição é uma agregação de fragmentos ou partes, mas fundamentalmente é algo que se relaciona com os fragmentos, através da imaterialidade de um todo. Enquanto no classicismo o tempo era uma resultado do movimento e a composição um todo orgânico, fechado em si mesmo, isso era uma consequência de um centramento forte de que depende a indirectividade do tempo. Ora, a arte moderna é inseparável da questionação da representação indirecta do tempo, como a reflexão de Deleuze o demonstra. O que há de ambíguo, de paradoxal na arte moderna, que os vanguardisas levaram ao limite, na enormalidade das suas deformações, é que fazem saltar o tempo dos gonzos. Torna-se absoluta a tese hamletiana, *«The time is out of joint»* que Deleuze retraduz na afirmação de que *«le temps ne se rapport plus au mouvement qu'il mesure, mais le mouvement se rapport au temps qui le conditionne»* (Deleuze, 1986:29). A abertura de arte entreaberta através da representação directa do tempo, torna-se absolutamente aberta na interidade tensional da composição, onde todos os elementos e fragmentos «oscilam» nos gonzos da própria obra. Nesta abertura o tempo é apresentado, mostrado, e não apenas representado, é isso mesmo que marca a sua modernidade. Partindo-se da definição baudelairiana da modernidade como temporal e intemporal, a abertura da arte terá de vir de uma estratégia centrada no temporal, de modo a deixar eclodir os possíveis, por onde o intemporal se compõe.

No fundo é esse elemento de dissonância pura, característica da directividade do tempo, que ao tornar-se manifesto no cinema moderno, outra compreensão de arte, seja clássica seja moderna. Mas em que medida é que ainda estamos diante do fenómeno da composição, apreendido através da montagem? De acordo com Deleuze, se esta imagem directa do tempo ainda releva da «montagem», fá-lo de modo diferente, pois *«le montage a changé des sens, il prend une nouvelle fonction: au lieu de porter sur les images-mouvement dont il dégage une image indirecte du temps, il port sur l'image temps, il en dégage les rapports de temps dont le mouvement aberrant ne fait plus que dépendre»* (Deleuze, 1985:59). Estranheza que advém desta mostração do tempo como irrupção, torna-o imediatamente interrogativo, repetindo-se, neste processo todo o processo das artes modernas. Mas, em que medida é que essa *unheimlich* não releva mais da lógica política do vanguardismo do que da arte moderna? Contrariamente à nomeação que tornava singular e única uma obra, agora ela obtém a sua singularidade na nova composição que desde sempre está virtualmente contida na obra, em relacionamento complexo com a técnica, a reflexão e as regras de construção.

A irrepetibilidade da composição pura resulta do seu carácter de *subitaneidade*, que não se confunde com o *choc* procurado pelos surrealistas, pois a subitaneidade é um adensar do *choc*, até lhe conferir a plasticidade do tempo. Estamos diante de um fenómeno aludido hermeticamente por Walter-Benjamin, para quem «o problema da obra de arte pintada dá-se unicamente àquele que está bem elucidado sobre a natureza da mancha (a intimidade da cor) no sentido mais restrito, mas que, precisamente por isso, terá de se surpreender ao encontrar nos quadros a composição [...]. Se o quadro fosse apenas mancha, seria, por isso mesmo, completamente impossível denominá-lo» (Benjamim, 1917: 181-181). A subitaneidade da composição é da ordem da palavra — para a natureza *dichterisch* da arte — e não da técnica. A composição pura só será possível no momento em que a relação entre a arte e a técnica se alterar, e com ela se perfilará a própria possibilidade de escapar à alternativa de uma repetição simples, por onde se introduz o ornamento e o *kitsch*, e à combinatória muda de um significado puro, matérico, que transforma a arte em técnica... Ambos relevam da dispositividade moderna — da era da técnica — que só no momento em que surge a sua perfeição e abstracção máximas, pode ser minimizado/mutado («superado»). Segundo Benjamin, para o «reconhecimento da conexão entre pintura e palavra é determinante a composição, isto é, a nomeação (1917: 181), reconhecimento que exige «uma diferenciação acabada segundo a espécie de mancha e de palavra, diferenciação da qual mal se vêem os inícios» (*ib*). Será que estas palavras escritas em 1917, e que Filomena Molder tão belamente retrouxe à luz do dia, adquirem hoje todo o seu sentido, no momento em que o vanguardismo e o modernismo chegam junto do seu fim? E este fim não é o fim da arte, mas o anúncio da composição pura como fim da arte, que se revela na época do fim — a Modernidade.

## BIBLIOGRAFIA


Theodor W. Adorno, *Asthetische Theorie* (1970), ut trad. port. *Teoria Estética*, Ed. 70, Lisboa, 1982.

*Aoutor de la Téorie Esthétique* (1970), Klincksicck, Paris, 1976.

*Versuch uber Wagner*, 1962, ut. trad. franc. *Essai sur Wagner*, Gallimard, Paris, 1966.

Charles Baudelaire, «Le Peintre de la Vie Moderne», *in Oeuvres, II*, La Plêiade, Paris, 1932.

Walter Benjamin, «Sobre a pintura ou sinal e mancha», ed. por M. Filomena Molder, *in Análise*, 4 (1986), pp. 178-182.

Peter Burger, *Theorie der Avant-garde*, 2.ª ed. (1980), ut trad. ing. *Theory of Avant-Garde*, Manchester University Press, 1984.

Jean Clair, *Considérations sur l'état des beaux-arts*, Gallimard, Paris, 1983.

Hubert Damisch, *Fenêtre jaune cadmium ou des dessous de la peinture*, Seuil, Paris, 1984.

Giles Deleuze, *L'image-mouvement*, Minuit, Paris, 1983.

*L'image-temps*, Minuit, Paris, 1985.

«Sur quatre formales poétiques qui pourraient résumer la Philosophie kantienne», *in Philosophie*, n.º 9, 1986.

Maurizio Ferraris, *Tracce-nichilismo moderno postmoderno*, Multhipla, Milão, 1983.

Aires Graça e Maria António Amarante, «A estética Wagneriana e a miragem oitocentista da fusão das artes», *in Runa*, n.º 2, 1984.

Martin Heidegger, *Réponses et questions sur l'histoire et la politique*, Mercure de France, Paris, 1977.

Milan Kundera, *L'insoutenable légèreté de l'être*, Gallimard, Paris, 1984.

Jean-François Lyotard, «Entretien avec Lyotard à propos de l'exposition Les Immatériaux», *in Terminal*, n.º 25 (1985), c.).

«El laberinto de los inmaterils: entrevista con Lyotard», *in Quimera*, 46/47, (1985, b).

«O diferendo. Entrevista com Lyotard», *in Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 1 (1985, a).

Louis Marin, «La parole mangée ou le corpos divin saisi par les signes», *in La Parole Mangée et autres essais théologico-politiques*, Klincksleck, Paris, 1986.

Helmut Plessener, *Der utopie Diesseits* (1966), ut. trad. esp. *Mas acà de la utopia* (part. o ensaio «Sobre las condiciones sociales de la pintura moderna»), Alfa, Buenos Aires, 1978.

Giani Vattimo, *La fine della modernità*, Garzanti, Milão, 1985.